

OS DOUS AMORES

ROMANCES DO MESMO AUTOR

A carteira de meu tio, 1 v. in-8º, enc. 3#, br.....	2#000
O culto do dever, 1 v. in-8º, enc. 3#, br.....	2#000
Os dous amores, 4ª edição, 2 vs in-8º, enc. 6#, br.....	4#000
O Forasteiro, 3 vs in-8º, enc. 7#, br.....	5#000
A Luneta magica, 2 vs in-8º, enc. 5#, br.....	4#000
Memorias do sobrinho de meu tio, 2 vs in-8º, enc. 5#, br....	4#000
A Moreninha, edição, 1 v. in-8º, enc. 3#, br.....	2#000
As mulheres celebres, 1 v. in-8º, enc.....	2#000
As mulheres de mantilha, 2 vs in-8º, enc. 5#, br.....	4#000
A Namoradeira, 3 vs in-8º, enc. 8#, br.....	6#000
Nina, 2 vs in-8º, enc. 5#, br.....	4#000
Os Quatro pontos cardeas. — A Mysteriosa, 1 v. in-8º, enc. 3#, br.....	2#500
O Rio do quarto, 1 v. in-8º, enc. 3#, br.....	2#000
Rosa, 2 vs in-8º. ....	
Um noivo a duas noivas, 3 vs in-8º, enc. 8#, br.....	6#000
Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro, 2 vs in-8º, com estampas.....	8#000
Vicentina, 3 vs, enc. 7#500, br.....	5#000
A Baroneza de Amor, 2 vs in-8º, enc. 6#, br.....	4#000
Memorias da rua do Ouvidor, 1 v. in-4º, enc. 4#, br.....	3#000
A Nebulosa, poema, 1 v. in-8º, enc.....	3#500
Romances da semana, 1 v. in-8º, enc. 3#, br.....	2#000
Victimas e algozes, 2 vs in-8º, enc. 7#, br.....	5#000

THEATRO

Theatro, 4 vs in-8º, enc. 12#, br.....	8#000
Vende-se separadamente o primeiro volume contendo: <b>Luxo e  vaidade. — Primo da California. Amor e vaidade,</b> enc. 3#, br.....	2#000
Cincinato quebra louça, comedia, 1 v. in-8º, enc., br.....	2#000
Fantasma branco, comedia, 1 v., br.....	1#500
Lusbella, drama, 1 v., br.....	1#500
Novo Othelo, 1 v., br.....	#500
Primo da California, comedia, 1 v., br.....	1#000
Torre em concusso, 1 v., br.....	1#500

OS  
DOUS AMORES

ROMANCE BRASILEIRO

PELO

Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

---

QUINTA EDIÇÃO

TOMO PRIMEIRO

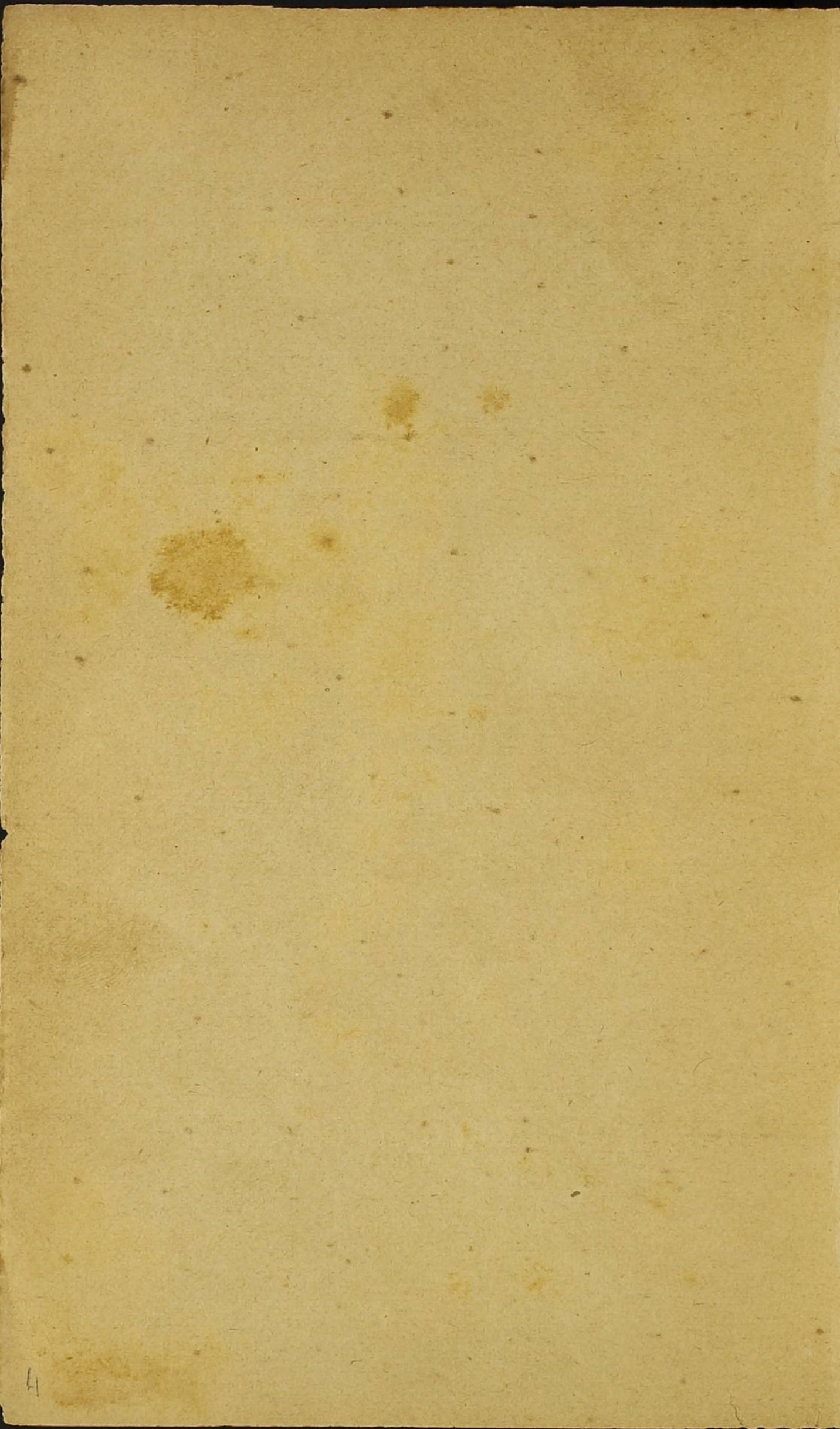
---

RIO DE JANEIRO

B.-L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71

PARIS — E. MELLIER, RUE SÉGUIER, 17



# OS DOUS AMORES



## I

### O céu côr de rosa.

Ninguém ha na cidade do Rio de Janeiro, que não conheça perfeitamente o largo da Lapa do Desterro. Sobretudo, elle se faz notavel pelas missas, que de madrugada se dizem em seu pequeno convento; por suas bellas festas do Espirito-Santo com seu imperio sempre cheio de offrendas, e seus grandes fogos de artificio; e emfim, pela multidão immensa de povo, e pelos carros, omnibus e gondolas, que incessantemente por ahi transitão, indo ou vindo d'esses bairros aristocraticos, que ficão além do cáes da Gloria.

E, como para compensar esse ruído constante, e essa concurrencia, de que fallamos, o largo da Lapa tem por vizinhas algumas ruas pequenas, mas bonitas, que se podem chamar solitarias em comparação d'elle.

No anno de 1846 porém, os habitantes de uma d'essas ruas, de cujo nome agora não nos podemos, ou não nos queremos lembrar, mas que será facil conhecê-la pelo que d'ella diremos começarão a notar que ella se ia tornando muito frequentada a certas horas do dia.

De tarde, quando já o sol não incommodava, e a sombra, e o frescor convidavão as moças a chegar á janella, vião-se passar primeira e segunda vez pela rua de... numerosos mancebos, que trajavão com elegancia e gosto, e que por seus modos e ademães mostravão pertencer ao circulo feliz, que actualmente se conhece pelo nome do — bom tom.

Deu isto muito que pensar aos socegados habitantes da rua de... até que finalmente certo dia um homem que ali morava, e que se chamava Jacob, apontando para uma casa, que ficava defronte da sua, disse em tom confidencial a alguns de seus vizinhos — a causa é aquillo.

Tambem Jacob era a pessoa mais capaz de descobrir qualquer mysterio. Pelo sim, pelo não, diremos já e em duas palavras, quem era elle.

Jacob tinha sido escrivão, e apenas há tres annos havendo perdido o seu lugar por motivos, que elle a ninguem dizia, mas que o fizeram viver na cadeia durante alguns mezes, retirou-se do centro da cidade, onde habitava, e veio com sua mulher, e uma escrava morar na rua de...

A casa de Jacob era terrea, e constava de uma porta, e duas janellas de vidraça cobertas com cortinas brancas: a porta abria-se para um corredor, ao lado direito do qual outra dava entrada para a sala.

Sem ter nada em que se occupasse, Jacob vivia do fructo de seus antigos trabalhos, e sua mulher, para ajudal-o nas despezas da casa, fazia um pequeno commerciozinho de balas e confeitos, que a escrava vendia em um taboleiro á porta do corredor.

Um homem baixo, um pouco gordo, e um pouco calvo, com os cabellos que lhe restavão, já meio-grizalhos, com olhos pequenos e vivos, tendo sempre no semblante uma alegria fingida, tomando rapé, e trajando constantemente um fraque rôxo, abotoado até em cima, calças pretas, e botins de cordovão de lustro — era Jacob.

Uma mulher alta, gorda, com poucos cabellos, olhos pardos, rosto, e principalmente o nariz, que não era pequeno, muito vermelhos, com pés immensamente grandes, com voz fina, retumbante, e fallando de continuo — era a Sra. Helena, a mulher de Jacob.

Este par vivia na mais estreita união : e tendo pouco ou nada em que cuidar, gastava o tempo em descobrir mysterios.

Jacob tinha o seu posto de dia, sentado junto de uma das janellas, e só o deixava, se suppunha conveniente seguir a aiguem : d'ali elle observava, e adivinhava tudo : seu olhar vivo, penetrava no interior da casa alheia, e seu ouvido apurado, ouvia, apezar das paredes, o que se fallava na dos vizinhos : se sahia, apanhava e lia o pequeno escripto, que desprezado rolava no chão ; e de noite, escondido atrás da cortina da janella, devassava as ruas, e escutava o que dizião aquelles que passavão conversando.

Helena ajudava excellentemente seu marido n'esse *innocente* passatempo : ella conhecia os escravos de todas as casas, praticava com elles, e dava conta a seu esposo das questões domesticas, dos segredos, e das mais miudas circumstancias da vida alheia : o papel em que vinha da venda embrulhado o assucar, era lido e estudado ; e durante a noite uma das cortinas das janellas pertencia aos cuidados de Helena.

A intriga, a maledicencia, e mesmo a calumnia alimentavão este homem, e esta mulher, que se tinham encontrado no mundo tão iguaes, tão dignos um do outro.

Não era pois acreditavel que a causa dos passeios d'esses mancebos por aquella rua, d'antes tão pouco frequentada, escapasse a Jacob e sua mulher.

Um dia Jacob disse — a causa é aquillo.

E aquillo era uma casa de bella apparencia, que ficava defronte da d'elle : casa muito conhecida, mesmo muito amada pelos habitantes da rua de..., ou melhor pelos habitantes, e frequentadores do bairro da Lapa do Desterro.

Era essa casa assobradada, e sobremontada por um sotão, ou, se quizerem, por um meio sobrado com tres janellas de peitoril, tendo o andar inferior cinco, todas porém igualmente de peitoril : do lado esquerdo dava entrada para ella um humilde alpendre, que levava, os que por elle praticavão, a uma escadinha de quatro degrãos, pelo quaes se subia ao primeiro andar : pela parte direita, e na extensão de tres braças, erguia-se um muro, que occultava aos olhos dos curiosos pequeno e gracioso jardim, e breve se terminava confinando com uma velha casinha. Nada portanto mais simples, nada menos romanesco do que o aspecto d'essa casa ; mas porque sua frontaria fosse toda pintada de uma bella côr de rosa, exceptuando-se a cimalha e os caixilhos das vidraças, que erão brancos ; os habitantes e frequentadores do bairro da Lapa do Desterro derão-lhe o nome, e teimavão em chamal-a com o titulo muitissimo poetico de « Céu côr de rosa ».

Seria porém a côr da frontaria da casa, de que tratamos, a verdadeira causa de sua denominação quasi sacrilega?... certo que não ; o instincto do coração de um homem adevinha para logo, que ahi deve habitar uma mulher, provavelmente muito bella ; porque esse nome de Céu côr de rosa tem em si alguma cousa de poetico ; e n'este mundo tão por demais enganador e falso, e n'esta vida tão por demais esteril e trabalhosa, o ho-



mem só encontra poesia e encanto, onde respira a mulher; por consequencia a côr da frontaria era o meio; a existencia de uma mulher n'essa casa, era a causa unica de seu bello nome.

Com effeito uma moça, que a ser julgada pelo que d'ella apregoava a fama, era tão linda como nova, tão rica de encantos como pobre de annos, embellecia, tornava cheia de interesse a modesta habitação: centro para onde convergião mil synpathias, tinha ella seu nome abençoado, sua vida mergulhada em uma atmosphera toda poetica, seus habitos e costumes, suas acções, sua casa, e quanto com ella estava em relação gozando honras romanescas, graças á imaginação fervorosa de um publico idolatra.

Assim já vimos, com que nome tão altivo era conhecida a morada da feliz moça, e fez o povo mais ainda: para com uma antithese tornar dobradamente notavel a conta, em que tinha o Céu côr de rosa, aproveitou-se da existencia da pobre casa, que junto do muro do jardim da primeira se via; e em castigo de sua miseria, pois que muito baixa, só havia n'ella demais um sotão, que nem mesmo lançava janellas para a rua, e toda se mostrava já meio-arruinada pela força dos annos, e bastante intrigueirada pelas desfeitas do tempo, deu-lhe o epitheto affrontoso de — Purgatorio-trigueiro.

Tendo por essa maneira feito notar a casa da moça querida com um nome sagrado, e a que lhe ficava contigua com uma alcunha de maldição, os entusiastas forão por diante com a sua antithese. Entenderão, que o nome baptismal da moça, não exprimindo nenhum dos sentimentos, que por ella nutrião, não lhes podia servir para fazel-a designar; e então acertárão de chamal-a — Bella Orphã; — porque assim a tornavão por dous modos interessante: interessante aos olhos pela belleza, e ao coração pelo estado; e emfim, chegou a

vez da antithese cruel, e a uma pobre mulher septuagenaria, que morava no Purgatorio-trigueiro, foi lançado o insultuoso appellido de -- Velha bruxa.

Depois, como para dar os ultimos toques á apothese da feliz senhora, elles estudárão os habitos, observárão as accções e os passos da Bella Orphã, e interpretações e explicações tão poeticas como esse nome vierão completar o romance, que a imaginação popular creava. Por exemplo: á moça tinha desde os mais tenros annos contrahido o habito de despertar com a aurora para passar a primeira hora da manhã no pequeno jardim do Céu côr de rosa; a explicação não tardou. « Ha, dizião-se sorrindo uns aos outros os entusiastas, ha uma paixão, e a mais decidida correspondencia amorosa entre a Bella Orphã, e o sol; de ajuste despertão ambos á mesma hora para, livres de testemunhas, se irem namorar de manhã cedo, elle do alto dos céos, e ella do meio das flores.

Pensamos haver dito bastante para que se comprehenda, com que excesso era amada essa moça: e como não pretendemos fazer côro com a multidão, que a incensava com lisonjas tão exageradas, e pouca importancia damos a esses exaltamentos populares, que, tantas vezes, basta um leve sopro para de todo apagar, ou mesmo dar-lhe direcção absolutamente opposta: vamos dizer, o que era ella em realidade, e do que com justiça se lhe devia; e se, no correr d'esta historia, usarmos repetidamente de alguns d'esses epithetos mencionados, será porque o povo á força de repetir os nomes de sua escolha, acabou por generalizal-os, de tal modo, que só por elles erão bem conhecidos os objectos que nomeavão.

Força é agora partir de mais longe.

Deos legou aos homens pensamentos grandes, importantes, e sagrados; em sua passagem, de padecimentos para elle, e de salvação para nós, em sua passagem

por este mundo, dizemos, cada passo que deu, cada acção que fez, cada palavra que pronunciou, foi uma lição de virtude angelica, uma amostra do caminho do céu, um pensamento de santidade; e o cumprimento de cada um d'esses pensamentos é o emblema, o mote de cada classe da sociedade; entre elles, se fosse possível dar-se mais belleza a uma do que a outras idéas do Espirito Divino, seria um dos mais sublimes e difficeis — a caridade. — E os missionarios d'essa virtude angelica, são especialmente os medicos. A medicina é o sacerdocio da caridade.

O negociante de receitas, aquelle que, mercê de seu titulo, anda por ahi curando, se póde, os seus doentes tendo em mira sómente o pobre interesse; que só presta o seu conselho a troco de ouro: que morde nos outros medicos, como em concurrentes que lhe diminuem o ganho; esse, que não comprehende o gemer da alma da humanidade; que não sabe o que é o soffrimento mal gemido, as angustias, abafadas do homem pobre; esse, que enquanto receita com a mão direita, tem já a esquerda estendida para receber dinheiro; esse, que define a medicina — sómente um meio de vida; — esse, que não entende, que a religião de Jesus-Christo, a nobreza de sua sciencia, e a honra do coração marcão-lhe o posto ao pé de quem geme, e não unicamente ao pé de quem paga; esse... é apenas um mercador de receitas.

Mas aquelle que, no exercicio da medicina, não faz distincção entre rico e pobre, e vê só individuos, que de seus cuidados carecem; aquelle que combate as enfermidades, disputando contra a morte dia por dia, hora por hora, instante por instante, o campo da vida; que invade corajoso a atmospherá da peste; que se expõe com marcial bravura ao contagio mortifero, respirando aqui ar miasmatico e envenenado, banhando-se ali em

suor fetido e peçonhento, para caridoso levar soccorros a infelizes, de quem sabe não receberá um ceutil; aquelle que nem mesmo desanima, n'esse viver trabalhoso, ante o monstro, que tantas mil vezes fere o coração do medico — a ingratição ; — que paciente se amolda á impertinencia da infancia, ao capricho da velhice, e ao pudor da virgindade ; que não conhece no homem só os padecimentos da materia ; que entende e falla tambem o idioma da sensibilidade, o eloquente dizer da alma ; aquelle que tem na cabeça a medicina para curar, nas mãos metade do ouro, que recebeu do rico para espalhar sobre a miseria da pobreza ; nos labios consolações salutiferas para com ellas abrandar os tormentos do infeliz ; e no coração uma sepultura para eternamente encerrar os segredos das familias ; esse sim... esse é medico.

E se acaso se orgulha de sê-lo, tem, a sobras, razão para orgulhar-se.

Nobre, alta, importante, solemne missão é essa !... e essa missão tinha sido cumprida á risca pelo Dr. Paulo Angelo.

A vida de Paulo Angelo fora uma longa historia de philantropia e caridade : comprehendendo perfeitamente o ministerio do medico, não se arredára nunca em nenhum de seus passos da linha de proceder, que lhe cumpria seguir. Dias e noites gastára elle em fazer bem, ou em preparar-se para fazel-o a seus semelhantes ; porque de dia erão suas horas votadas á observação, e ao cuidado de seus enfermos ; e de noite estudava, estudava sempre : pois que jamais pensava ser sufficientemente sabio : havia reconhecido, que assim como o homem moral, o homem physico é tambem um livro immenso, em que sempre se achão segredos novos para intrepertar ; e que lendo-se mesmo de continuo até á ultima hora da vida, ainda assim não se tem lido bas-

tante, ou antes nunca se chega á sua pagina derradeira.

Moço ainda, desposára elle uma mulher virtuosa e amavel ; e o céo abençoando sua união, lhe fez presente de uma filha, que deveria fazer o encanto de sua velhice : occupou-se desvelado em sua educação : possivel e muito, lhe fôra preparar-lhe uma herança elevada porque, medico habil e afamado, exercia uma clinica vasta e rendosa ; quasi sempre porém metade do estipendio do rico ficava debaixo do travesseiro do pobre.

No entanto se seus cofres permanecião vazios, as bençãos do povo chovião sobre Paulo Angelo e sua familia ; pois que sua esposa obedecendo á propria indole, e seguindo os exemplos que lhe elle dava, cumpria tambem a santa virtude da caridade, com essa graça no bem-fazer, com esse segredo de ser beneficente quasi brincando, de que sómente são capazes as mulheres ; e sua pequena filha amamentada com o leite da virtude, embalada no berço da beneficencia, era um galante cherubim, de quem Deos modelára o coração, e o amor o rosto.

Ia indo Paulo Angelo em seu viver socegado e ditoso, quando no começo do anno de 1844 foi victima de seu proprio ministerio : contrahindo uma enfermidade contagiosa, trouxe o germen da morte para o centro de sua familia : e em um mesmo dia os sinos da capital gemêrão com seu dobre lugubre por elle e por sua esposa.

Era um espectaculo bem triste vêr familias inteiras, de quem elle havia sido o bemfeitor, acompanhar chorando seu carro funebre !... era uma scena despedaçadora vêl-as ao derredor de seu feretro misturando lamentos e soluços, com os hymnos funeraes dos sacerdotes.

E havia, com tudo isso, um objecto ainda mais triste, ainda mais lamentavel, do que todo esse espectaculo : havia uma orphã de quatorze annos.

Aos quatorze annos pois ficou quasi só no mundo a filha de Paulo Angelo : é verdade que um nobre e respeitavel ancião, seu avô paterno, encarregou-se de sua tutela; que ella achou em uma bella e interessante senhora, filha de seu avô, e portanto sua tia, uma companheira e amiga : é certo, que firmes e não ingratos se mostrarão alguns dos muitos antigos amigos de seu pai; por sem duvida, que herdou ella toda a idolatria, que votava a classe necessitada ao medico bemfeitor : é verdade tudo isso, mas não será verdade tambem, que ainda mesmo no centro da multidão está quasi n'um ermo, que ainda mesmo no meio de mil riquezas está mais pobre que o ultimo mendigo, aquelle que perde d'improviso o que mais ama no mundo?... pois que sentimento ha ahi, que preencher possa o vazio deixado no coração pelo amor filial?... um só talvez, a saudade do que se perdeu : é ainda o mesmo sentimento modificado pela dôr, e crismado com novo nome.

E pois essa interessante pombinha ficára só e ainda mal emplumada no ninho, onde não poderão mais nunca voltar os pais, apanhados tão de subito pela morte. E pois essa creança de quatorze annos, fôra cedo tocada pelo dedo pesado do infortunio, e escrevera seu nome na lista d'essas creaturas infelizes e sagradas, que no mundo se chamão — orphãos; — sim, infelizes, porque tem perdido aquillo, que a natureza pede incessantemente dentro do coração; sagradas tambem, porque um orphão deve ser um objecto respeitado, como a alma de um vivo, e o cadaver de um morto.

E como profundamente resentida d'esse golpe inesperado, que a viera ferir no tempo mesmo em que começava de bem comprehender o que era, o que valia o amor dos pais a filha de Paulo Angelo, semelhante a essas flôres, que açoitadas pela tempestade ao desabrochar-se, não morrem, mas se desenvolvem abatidas e

tristes ; ia passando seus bellos dias da idade da innocencia alquebrada pela dôr, e pela saudade. Mesmo depois de passado seu anno de luctô, quando já o balsamo do tempo tinha cicatrizado a ferida profunda de seu coração, ella teimava em viver uma vida de retiro, e de esquecimento. Apenas uma ou outra vez podião na manhã de algum domingo admirar a graça de sua figura ou adivinhar a belleza de seu rosto encoberto pelo véo, com que se ornava, indo ao templo do Senhor ; apenas, e raramente uma ou outra vez podião vê-la, para fugir logo, depois apparecer ao lado de sua tia em alguma das janellas do Céu côr de rosa : apenas, e ainda mais raramente, era uma ou outra vez emfim arrastada por seu avô e sua tia, a essas sociedades brilhantes e embriagadoras, que fazem o delirio das moças, e que são, a um só tempo, o altar em que se ellas adorão, e o labyrintho em que se ellas perdem. Era seu viver como esse viajar ethereo de formosa lua melancolica por noite nublada e feia, que surge por curtos instantes d'entre nuvens carregadas, e logo depois novamente se mergulha, deixando apenas ressumbrar seus raios atravez dos véos de fumo do firmamento.

Não era por indole triste assim a filha de Paulo Angelo ; tinha, ao contrario, genio brincador e alegre : mas a prematura morte de seus pais lhe embutira um ponto negro, uma recordação lugubre na vida : e mil vezes, ou quasi sempre no fervor de uma festa, ou no sonhar de lisongeiras phantasias, o ponto negro lhe surgia, a recordação lugubre vinha abysmal-a. Por isso notava-se de ordinario em seu rosto essa melancolia tocante, que, como já disse alguém ; é, até certo ponto, uma graça na dôr.

Ella ficára pobre de bens ; fôra sua unica herança o Céu côr de rosa ; e por tanto não podendo, como d'antes, derramar beneficios e esmolas sobre aquelles tantos

pobres, que seus pais chamavão — filhos, — e ella se habituára a chamar — irmãos ; — achava em tal mais um motivo para occultar-se, como já inutil ; e ás vezes escapava-lhe uma lagrima, pensando que poderia ser pesada.

Mas essa mesma vida de retiro e socego, essa vida quasi de mysterio, redobrava o interesse que pela orphã se mostrava.

E ao mesmo tempo, que ella, ao amanhecer, cuidando de suas flôres, durante o dia, de suas musicas e trabalhos, e de noite, triste e docemente reflectindo, se suppunha esquecida de todos, se acreditava, ao muito, objecto só de alguma terna saudade, como a que se tem de um bom amigo de muito tempo perdido, os velhos protegidos de seu pai, os filhos da caridade de Paulo Angelo, a phantasia romanesca do povo entusiasta celebravão a apotheose da interessante moça, creando para ella o Céu côr de rosa ; dando-lhe o nome de Bella Orphã ; inventando um Purgatorio-trigueiro ; fazendo habitante d'este uma velha-bruxa, e até emfim forjando uma paixão miraculosa entre a Bella Orphã, e o astro do dia.

Ora, como é natural, a fama da belleza e das virtudes da Bella Orphã não se deixou ficar no bairro da Lapa do Desterro, e correndo por toda cidade, chegou tambem aos ouvidos dos senhores do — bom tom, — que, começando por isso a frequentar a rua de... e conhecendo que no Céu côr de rosa não era a Bella Orphã a unica bella que havia, fizeram d'essa rua o seu passeio de escolha, e desafiárão assim a curiosidade dos socegados habitantes d'ella.

Como dissemos, essa curiosidade estava já satisfeita ; o mysterio tinha sido facilmente explicado. Jacob havia apontado para o Céu côr de rosa, e dito :

— A causa é aquillo.

Agora, desviando-nos um pouco da porta do Céu, convem que entremos directamente no Purgatorio.



## II

### O purgatorio-trigueiro.

No fim do muro que defendia o jardim do Céu côr de rosa, estava, como já dissemos, o Purgatorio-trigueiro.

Era uma velha casinha, cujas paredes se mostravam carcomidas pelo tempo; entrava-se por uma rotula em pessimo estado; havia ao lado d'esta, e pela parte direita, uma janella sem vidraças; mas com postigos que se abrião para os lados, e nada mais: nem mesmo da rua se pôdia fazer uma justa idéa do pequeno sotão, que, como envergonhado, deitava suas janellas para trás, e que apenas assignalava sua existencia pela parte anterior, na elevação do telhado ennegrecido e limoso, o que ainda mais afeiava a antiga casinha, simulando corcova enorme de velha.

Aquella triste e miseravel habitação tinha em si um

não sei que de repugnante; e todavia não era maldição, não era escarneo, o que o povo votava ao velho casebre; era sim a cruel antithese, que a fazia conhecer por um nome affrontoso.

No entanto a interessante moça do Céu côr de rosa, bemdizia a existencia d'aquella casinha, e pedia ao céu, que jamais se lhe mudasse a moradora: justa razão tinha ella para assim o pedir.

A Bella Orphã gostava, e muito, de passar no jardim a sua hora matutina em completa liberdade; e seu jardim podia ser quasi todo devassado pelo pequeno sotão da velha casa; mas a janella d'esse sotão, que podia incomodar a moça, não se abria nunca; e por consequencia nenhum morador lhe devia ser tão agradável, como essa pobre velha, que parecia amar a obscuridade, e tinha as janellas sempre fechadas.

Apezar do muito que pareça máo gosto, a despeito mesmo de que erro se julgue abandonar uma personagem ainda pouco conhecida, para nos irmos occupar já de outras por sem duvida baldas do interesse, que terá podido merecer a primeira; perderemos de vista, por um momento, a Bella Orphã, para travar conhecimento agora com a velha bruxa. Ainda bem, que não é peccado, n'este caso, desprezar o caminho do céu, a fim de penetrar no interior do Purgatorio.

Erão oito horas da noite.

A saleta do Purgatorio-trigueiro estava fracamente allumiada por uma unica luz deposta sobre antiga mesa redonda, junto da qual tomavão café e pão velha Irias, e um mancebo de agradável presença, que deveria contar cerca de vinte annos; uma escrava da mesma idade, que a primeira, esperava de braços cruzados, e a alguma distancia, a terminação da cêa.

Irias era uma mulher septuagenaria, alta, magra, de cabellos completamente brancos, de olhos verdes, que

deverião ter sido bellissimos, e que ainda aos setenta annos ella os conservava sempre repletos de fogo e de vivacidade : tinha ainda todos os seus dentes iguaes, alvos e bellos : vestia n'essa noite um simples vestido de chita escura sem enfeite algum, e escondia os cabellos brancos por debaixo de um lenço de Alcobaça atado á cabeça.

O mancebo era de estatura regular : tinha cabellos pretos e annelados, e a fronte elevada e bella ; seus olhos pardos, que ás vezes por passageiros instantes se accendião e dardejão olhares ardentes, mostravão-se de ordinario desmaiados e amortecidos ; por baixo de suas palpebras inferiores desenhavão-se olheiras roxeadas, e filhas talvez da vigilia e do estudo : a tez pallida d'esse mancebo condizia enfim perfeitamente com o parecer melancolico e abatido, e com o silencio obstinado que guardava desde o começo da refeição : estava elle de calças brancas e com um lencinho de seda encarnada ao pescoço, e finalmente vestia um chambre de riscadinho azul abotoado até em cima.

Embora a melancolia devesse ser natural n'esse mancebo, é provavel que alguma cousa, fóra do commum, n'elle houvesse n'aquella noite ; pois que a velha Irias lançava-lhe de relance vistas perscrutadoras, e elle cem vezes tinha já estremeado, como por uma horripilação momentanea e subita.

Terminada a cêa, a velha e o mancebo erguerão-se, rezarão, e tornarão a sentar-se, ao mesmo tempo que a escrava retirou de sobre a mesa o velho serviço.

Uma hora longa e muda passou então para aquelle mancebo, que meditava, e para aquella velha, que observava.

O moço tinha deixado cahir a cabeça até encostar a barba na mão esquerda, apoiando-se com o cotovello sobre a mesa : parecia esquecido de si mesmo, e só entregue a um profundo cogitar de reconditos pensamentos ;

pesadas idéas como que se lhe exhalavão d'alma, e se lhe ião encrespar em sua fronte elevada, cujas rugas horisontaes poderião dizer-se ondas de um animo em tempestade.

A scena de concentração e de silencio se foi prolongando mais e mais, sem que o mancebo podesse arrancar-se dos braços de um pensamento em que, talvez apezar seu, se achava embebido; e sem que tambem a velha ousasse despertar o moço d'aquelle completo somno da materia, que deixa a alma livre toda entregue a esse vivissimo trabalho, que os homens chamão meditação.

O toque de recolher veio despertar o mancebo: o som dos bronzes pareceu tocar dolorosamente sua alma; e elle erguendo-se immediatamente, e sacudindo a cabeça como para espalhar o enxame de tristes idéas, que a pejavão, córou, olhando para Irias, e disse:

— E' tarde: boa noite, minha mãe.

Tomou então uma vela, accendeu-a, e sumio-se por um corredor estreito e humido, no fim do qual encontrou a escadinha do sotão, que vagarosamente galgou.

A velha em silencio o abençoou, e duas lagrimas grossas e brilhantes vierão pendurar-se das palpebras de seus olhos verdes, semelhantes a gotas de orvalho prestes a tombar do ápice de duas folhas de uma arvore secular.

Mas quem era esse mancebo ?...

Chegado a casa de Irias apenas ha dous mezes, fôra recebido como um extremosamente amado filho; e logo após sua vida correu triste mysteriosa, desconhecida e abafada, como alguns d'esses lugubres pensamentos nocturnos, que no leito concebem, e que no leito se deixão até o repousar da seguinte noite.

Sem um unico amigo; só, Candido (este o nome do mancebo) deixava o pequeno sotão do Purgatorio-tri-

gueiro pouco depois do amanhecer, e voltava de novo a elle, quando a noite desdobrava o manto das trevas sobre a cidade do Rio de Janeiro.

E ninguem tinha até então notado n'aquelle manceho, que duas vezes por dia passava triste e silencioso o lumiar da porta do Purgatorio-trigueiro : apenas o par terrivel o observava cuidadoso : Jacob o tinha seguido por vezes, mas parára vendo-o entrar em uma muito frequentada rua da côrte na casa de um advogado : Jacob, que fôra escrivão, detestava a justiça agora, e tinha medo de quem com elle estava em relação ; e por tanto, mesmo para os dous maldizentes e curiosos vizinhos, a vida de Candido era um mysterio... o pesadelo de Jacob... o tormento de Helena.

E o resto de sua vida, a noite, era ainda um novo segredo até para a velha Irias ; era um segredo sepultado dentro de antigo sotão.

E a filha de Paulo Angelo, ao romper de todas as auroras, passeava negligente e descuidada pelo seu jardim, e mal podia adivinhar, que a essas horas a janellita fechada do triste sotão do Purgatorio-trigueiro encerrava um mancebo em toda força dos annos, que então ali descansava, ou... quem sabe, o que elle fazia ?

Mas quem era esse mancebo ?...

E' meia noite. Uma luz pallida e fraca allumia uma rude camara, cujas paredes mal rebocadas, e já aqui e ali fendidas, ameação desabar bem cedo : taboas já meio apodrecidas, e que rangem ao pisar de um pé menos leve, fazem o assoalho d'essa camara, que nem ao menos é forrada : no fundo vê-se uma pequena janella, e iguaes a esta duas outras, que se abrem uma para cada lado : todas tres se achão fechadas : mas n'aquella, que fica á direita, uma fenda larga de tres dedos deixa passar os raios da lua, que vem inundar o interior

d'aquelle aposento resfriado incessantemente pelas brisas da noite, que entrão pela fenda da janella.

Vê-se ao lado esquerdo uma mesa pequena, e sobre ella tudo o que é de mister para escrever: defronte d'essa uma outra muito maior coberta de livros, de papeis e de estampas; não longe d'esta um leito baixo e estreito; a um canto uma harpa, cujas cordas, pela maior parte rebentadas, attestão o esquecimento de seu dono.

Eis o sotão do Purgatorio-trigueiro todo completo.

Na hora em que fizemos a descripção da camara d'esse sotão, a qual era o sotão inteiro; á meia noite, um mancebo achava-se sentado junto da mesa pequena, e tinha o rosto cahido sobre um livro, onde acabára de escrever algumas linhas: seu braço direito estendia-se sobre a mesa, e elle apertava ainda a penna entre os dedos.

Candido havia involuntariamente adormecido.

Quem se tivesse então collocado por trás do mancebo e lhe affastasse um pouco a cabeça, poderia ler uma pagina do livro da vida d'aquelle homem. Este livro era o seu diario, a urna onde sepultava os pensamentos de cada um de seus dias.

Uma pagina apenas se offerece a saciar nossa curiosidade: eis pouco mais ou menos, o que estava escripto.

« 15 de Setembro ». Hoje foi como hontem, e amanhã será como hoje: o porvir começa a desenhar-se a meus olhos sob a fórma de um esqueleto: não ha nada novo na minha vida. E' sómente a mocidade, que tem por seu passado a infancia, que ainda não geme nem medita, que goza já e ainda espera; é sómente a mocidade quem se póde sorrir para a vida: e todavia eu que sou moço, moço dos melhores annos, eu me não posso sorrir para ella!... quando pois o farei?... quando fôr velho?... mas o velho chora os erros do passado, chora

o soffrimento do presente, chora a morte, que é todo o seu futuro, e emfim medita sobre a eternidade : por consequencia eu nunca me hei de sorrir para a vida.

« 16 de Setembro ». Terrivel sonho tive eu a noite passada : dormindo, vi uma mulher, que se envergonhava de me olhar... era minha mãe !... eu a estive vendo, como se a houvesse algum dia conhecido... eu chorei ajoelhado a seus pés, e ella praguejou contra mim, porque eu sou a prova do seu erro : amaldiçoou-me, porque eu sou para ella (talvez !) um remorso, que incessante a dilacera. Preciso repetir mil vezes a mim mesmo, que isso foi um sonho : porque achar minha mãe é a unica esperanza, que n'este mundo tenho, e ser amado por ella, uma ambição desesperada. Eu adoro a minha mãe sem tê-la nunca visto ; daria minha vida por uma benção d'ella. Meu Deos ! dai-me minha mãe !

« 17 de Setembro ». Ha sómente dous sentimentos capazes de encher toda a alma de um mancebo : são elles — amor, e ambição. — Careço de bases para desenvolver qualquer dos dous. Para mim por tanto não ha felicidade possivel : é horrivel a vida do homem, que tem um coração cheio de amor, e carece de quem lhe aceite esse sentimento de fogo ; que possue um pensamento repleto de nobre ambição, e não tem azas para voar ao ponto que mira. Disserão-me um dia, que eu tinha talento e genio ; pois sim ; supponhamos que se não enganarão : tenho talento e genio, mas não posso deixar a obscuridade ; porque se eu sahir em claro dia, o primeiro que me encontrar, perguntar-me-ha — quem és tu ? — e eu não terei uma palavra para responder-lhe : tenho talento e genio ; porém se amar uma mulher, ella ha de rir-se de minha audacia, de minha loucura, ha de zombar do pobre que a ama ; e se fór tambem louca para chegar a amar-me, terá de descer muito para ir até o fundo do abysmo, onde a sociedade tem posto em exilio o homem pobre.

Oh ! é preciso pois passar pela vida sem gozar nenhum d'esses grandes affectos... sem ter pais, que me abençoem ; sem ter esposa, com quem me identifique ; sem ter filhos, em quem me sinta renascer. Oh !... só ! sempre só.

« 18 de Setembro ». Não foi uma visão, meu Deus?... será possível que fosse realidade?... o que se está passando ainda agora, o que eu tenho na cabeça, o que eu sinto no coração não se exprime... não se descreve... não, é impossível ; mas fica eternamente impresso n'alma.

« 19 de Setembro ». Oh !... era... é realidade ! !

« 20 de Setembro ». Minha mãe, perdão ! tres dias são passados, sem que eu vos dêsse mais que momentaneos pensamentos ; forão tres dias de embriaguez ou de somno ; mas em fim eis-me despertado. Sim... dormi, porque cheguei a esquecer-me de minha posição e de minha desgraça ; em castigo porém aqui estou eu agora mais desgraçado que nunca. O que eu soffro... as lugubres idéas que me fervem no cerebro, não serão aqui exhaladas : não ! eu tenho vergonha do que soffro ; se aqui as escrevessé, e depois alguém a meus olhos lêsse este papel, eu creio que morreria de pejo. E todavia eu precisava tanto de escrever !... quando se tem derramado em um papel aquillo, que n'alma se está sentindo, o coração de quem soffre como que fica livre de um peso enorme. Eia pois... escrevamos sempre... um nome só... não ! um nome não : bastão duas lettras — Ce — ».

Com essas duas lettras tinha-se exactamente terminado a pagina, de que copiamos os anteriores pensamentos.

Candido havia parado de escrever ; e provavelmente, sem querer, adormecera com o rosto cahido sobre o papel, e os labios sobre aquellas duas lettras — Ce.

E' possível que o seu ultimo pensamento da vigilia



fosse o dar um beijo nas duas lettras, que parecião ser-lhe tão caras.

Prolongou-se o dormir do mancebo até quasi o amanhecer ; hora em que, como se o proprio coração o despertasse, ergueu-se elle rapido; e foi até á fresta, que havia na janella do lado direito.

A noite ainda não se tinha de todo dissipado.

— Ainda é cedo; disse.

Mas ficou no mesmo lugar, olhando pela fresta; e dir-se-ia, que esperava vêr d'ali cahir sobre a terra o primeiro raio do sol.

Pela fenda da janella, a que Candido se chegára, e onde permanecia devassava-se quasi todo jardim do Céu côr de rosa : ao fundo d'este via-se um pequeno e gracioso caramanchão coberto de trepadeiras de mil especies.

As auras da madrugada entravão pela fenda da janella do sotão impregnadas de mil embriagadores perfumes, como o hafo de cem anjos, que a um só tempo respirassem.

A' luz incompleta e dudivosa do comecar do dia, tinha succedido essa outra, que acompanha o primeiro rubor do oriente, que é como um sorrir de saudação e de amor, que o sol offerece á terra.

De repente Candido estremeceu da cabeça até os pés ; inclinou-se para diante, e sua perna direita recebeu todo peso de seu corpo : operou-se então em seu semblante, e em todo elle, uma mimica expressiva e eloquente : os olhos vivos e animados parecião acompanhar um unico objecto com olhar apaixonado, ardente e cheio de fascinação magnetica ; rubor febril embellecia-lhe as faces... suas narinas se dilatavão pouco a pouco ; a boca entreaberta deixava passar sua respiração suspirosa e comprimida, e ao mesmo tempo sua mão esquerda apertava o peito no lugar do coração, que palpitava forte e fre-

quente, como em uma hora de perigo; tremor nervoso, porém leve, agitava-lhe todo o corpo.

Tudo isso era a alma virgem de um joven, que por suas mil bocas saudava a aparição de uma mulher formosa.

Com effeito abriam-se uma pequena porta, que do Céu côr de rosa deitava para o jardim, e uma mulher tinha-se misturado com as flores.

Era uma moça de dezeseis annos: mercê da hora e do lugar, vinha elle em livre desalinho: vestia em vestido azul claro, leve, de mangas curtas, e comprido, como é moda ainda hoje: cabellos castanhos quasi pretos cahião bastos, longos e ondeados até um palmo do chão, de modo a fazer inveja a essas Gregas, de quem falla Gemelli; sua fronte era branca e lisa; seus olhos azues e bellos, como os das mais bellas mulheres do Norte: fugitivo rubor lhe assomava ás faces: formavão sua boca breve e ornada de lindissimos dentes, dous labios humidos e rubros, como o bico de uma trocaz: seu nariz era bem feito como os das beldades da Circassia; e a seu collo altivo e branco como a neve seguia um seio alvo... palpitante... perigoso de se contemplar...

Delgada e graciosa como a palmeira de nossos bosques, essa moça com cintura de Georgiana, com suas mãozinhas delicadas e finas, com seus pés de menina, com todas as suas fórmulas mimosas e puras, mostrava-se verdadeiramente encantadora.

Era uma d'essas bellezas delicadas e flexiveis, a quem um homem apertaria a mão muito de leve, e teria ainda assim mesmo medo de haver offendido seus brandos tecidos; a quem um esposo beijaria no rosto com a ponta dos labios, temeroso de desbotar-a com o simples toque d'elles; era um d'esses typos de brandura delicado e fino, como uma violeta, um hyacintho ou um petalo de rosa.

Era a Bella Orphã.

A interessante moça passeou durante alguns momentos por entre suas flôres ; examinou o estado de seus arbustinhos mais queridos ; emfim chegou-se a uma roseira, e colheu um botão de rosa.

Tinha colhido a sua imagem.

Entrou depois no caramanchão, e reclinou-se negligentemente em um banco de relva : aproveitando a inclinação d'esse bello corpo, e ajudados pelo impulso dos zephyros, os cabellos da moça derramárão-se sobre ella.

Quem a visse então debaixo d'aquelle tecto de flôres, reclinada em um leito côr de esmeralda, com seu seio e seu collo cobertos pelas longas madeixas quasi negras, com seu comprido vestido azul celeste agitado pelas auras, com seu rosto tão bello como surgindo d'entre aquella chusma de anneis de madeixas, a julgaria talvez uma encantadora fada, ou tomal-a-ia pela visão de um sonho.

A moça parecia esquecida de si propria na posição que tomára, quando em brando raio do sol que acabava de nascer, veio reflectir sobre seu rosto.

Então ergueu-se, e olhando como em despedida para suas flôres, sahio do caramanchão, e pouco depois desapareceu pela pequena porta por onde tinha vindo.

O anjo acabava de entrar no céo.

Candido, immovel, silencioso, e em extase, havia acompanhado com seu olhar magnetico aquella mulher angelica em todos os seus movimentos. Vendo-a desaparecer, exhalou um suspiro longo e doloroso, que talvez desde muito suffocava no coração ; e emfim pronunciou vagarosamente, com enlevo indizivel, e arrastando-se por cada uma syllaba, um nome, só um nome, como se esse nome fosse um hymno completo, e em cada uma de suas syllabas achassem seus labios melliflua doçura.

Elle disse pois baixinho e preguiçosamente :

— Celina.



### III

#### A tia de Celina.

Celina acabava de entrar na sala para entregar-se a seus estudos de musica, que ella amava sobretudo, quando sua tia veio correndo para ella, e com uma explosão de alegria infantil exclamou abraçando-a :

— Celina ! eu sou feliz... immensamente feliz !...

A Bella Orphã deixou-se levar por Marianna até o sofá, onde se sentarão juntas : a sobrinha muito admirada, e a tia rutilante de jubilo.

Marianna era uma d'essas mulheres que ainda são moças aos quarenta annos : contava ella então trinta e seis, dizia que tinha trinta, e julgal-a-ião com vinte e cinco : era um verdadeiro typo das bellezas dos tropicos : tinha os cabellos longos e negros como o azeviche, os olhos grandes, pretos e tão brilhantes como o sol do

Brasil; o rosto perfeitamente bem talhado, e de uma côr morena muito pronunciada: o nariz era bem feito, e suas narinas cedendo ás vezes a um ardor natural, se dilatavão com força; tinha labios erotikos, e riquissimos dentes; a boca um pouco grande, mas engraçada; abaixo de seu pescoço garboso e acima de seus seios pequenos e palpitantes, nem de leve se desenhavão suas clavículas; cintura delgada, braços grossos com perfeição torneados, mãos lindissimas e pés de Brasileira, completavão os encantos d'essa mulher.

Começando ella então a engordar, nada porém havia perdido da elegancia de suas fórmulas; ao contrario estava mais elegante ainda: alta e graciosa, cada posição que seu corpo tomava tinha um encanto particular, cada um de seus movimentos accendia um desejo perigoso; seu olhar era ás vezes um desafio, uma provocação; seu sorrir quasi sempre uma magia poderosa, sua voz uma harmonia que ficava no coração para se ouvir sempre, ainda mesmo ausente d'ella: a voluptuosidade e o ardor estavão derramados em toda essa mulher, que deveria ter sido e era ainda objecto de cultos perigosos.

Sobretudo, Marianna sabia que era bella, e se ufanava de sel-o: quando um homem chegava-se a ella, havia de pagar-lhe por força o seu tributo de admiração, porque Marianna lh'o pedia com a provocação de seus olhos; e se o homem resistia, lh'o ordenava com a magia de seu sorrir, e emfim lh'o impunha com a harmonia de sua voz.

Viuva ha tres annos, julgára com sua vaidade de bella, que as vestes de lucto não fazião sobre-sahir seus encantos; e um simples lencinho preto, que ás vezes lhe ornava o collo, era menos um signal de viuvez, do que um enfeite que a tornava dobradamente interessante: aquelle lencinho preto parecia estar dizendo « sou livre... podem dizer que me amão. »

Marianna era finalmente a menina dos olhos de seu velho pai, e a amiga e companheira da Bella Orphã.

— Celina, eu sou feliz !... immensamente feliz !... tinha ella já tres vezes exclamado depois que se sentára no sofá ao lado de sua sobrinha.

— Mas porque !... o que ha então minha tia ?

Ficou Marianna pensando alguns instantes, depois abraçou, e repetidas vezes beijou a Bella Orphã, e disse :

— Olha... por isto ; porque muitas vezes nós precisamos abrir o nosso coração a alguém que juntamente conosco chore nossos pezares, e frua nossos prazeres, é que te eu tenho dito mil vezes, que nós nos devemos amar como duas amigas, ou melhor ainda, como duas irmãs que se amem muito : para que estes nomes de tia e sobrinha ?... chama-me Marianna, como eu te chamo Celina.

— Senhora...

— Sim... fiquemos n'isto, continuou Marianna beijando de novo Celina ; eu nunca mais te hei de responder quando me chamares como até agora — minha tia. — E's muito mais moça do que eu, mas tambem pódes olhar-me, não sou nenhuma velha, e somos ambas bonitas.

— Pois sim ; eu prometto.

— E agora o que é que queres saber ?...

— Porque se julga minha tia tão feliz.

— Não respondo.

— Ah !... perdão !...

— Pois pergunta de novo, disse a viuva, rindo-se.

— Porque te crês tão feliz, Marianna ?...

— Escuta : para responder-te d'aqui a um instante, eu preciso perguntar-te uma cousa : juras fallar-me de coração ?...

— Sem duvida.

— Pois bem : Celina, sabes o que é amar... amar um homem que não é nosso pai, nem nosso irmão ?...

A Bella Orphã córou até a raiz dos cabellos, e sua perturbação augmentou-se quando vio que Marianna se estava rindo de vêl-a assim.

— Oh ! não te perturbes, não córes tanto : lembra-te que estamos sós, e que somos como duas irmãs que se amão muito. Responde francamente : amas já alguém ?...

— Não, Marianna.

— Fallas verdade, Celina ?...

— Fallo verdade, respondeu a moça com os olhos no chão.

— Mas com dezeseis annos, tão bonita e tão viva que és, tu já debes ter pensado n'esse sentimento de fogo, que mais cedo ou mais tarde sempre experimentamos; fazes já idéa do que seja amar um homem ?...

— Não sei... talvez... tenho lido.

— E então ?...

— Mas eu tinha perguntado por que te julgavas feliz, Marianna !

— E' porque amo, Celina.

— Eu o suppunha.

— Tu o suppunhas ?... e a quem acreditavas que eu amava ?...

Celina hesitou.

— Falla, disse Marianna.

— O Sr. Salustiano.

Marianna fez um movimento de horror.

— Oh !... nunca ! exclamou ella.

— Como !... pois não é ?

— Eu o detesto... eu o aborreço, como se aborrece um malvado.

— E' possível ? !!!

— Pobre menina !... tu ainda não sabes o que é o mundo : vê-me rir para esse homem, vê como ambos



conversamos e mutuamente nos festejamos, e, como com outras pessoas, pensas que o amo e sou por elle amada: pois bem; eu detesto esse homem, e elle sabe que eu o detesto.

Uma nuvem de immensa tristeza passou pelo rosto de Marianna ha pouco expandido pelo prazer: ella ficou muda e pensativa, até que Celina arrependida do que tinha dito, tomou-lhe uma das mãos entre as suas, e fallou-lhe docemente:

— Está bem, Marianna, esqueçamos esse vaidoso mancebo, de quem tambem não gosto, e fallemos sobre aquelle que te é caro.

— Oh! sim! fallemos!... exclamou, como despertando de um sonho, a bella viuva, em cujo semblante radiou de novo o prazer.

— Eu o conheço?...

— Creio que não.

— Muito moço, não é assim?...

— Trinta e dous annos.

— Bonito?...

— Oh! pelo menos eu o julgo tal.

— E's amada?...

— Era, disse Marianna soltando um suspiro.

— Desde quando?...

— Ha seis annos.

Celina tornou-se pela segunda vez muito córada, e sem poder occultar um movimento de desgosto, disse:

— Eras casada n'esse tempo, Marianna.

— E' verdade, respondeu a viuva: escuta o que eu precisava dizer a uma amiga, para que ella ficasse conhecendo o meu coração, e depois fallasse muitas vezes comigo sobre o meu amor.

Celina fitou os olhos em Marianna, que começou logo a fallar.

— A historia da minha vida, Celina, se assemelha á

de um numero immenso de moças : não te cansarei pois alongando-a. Aos quatorze annos já o meu espelho me tinha dito que era bella, e desde que o soube, sonhei, como todas nós sonhamos aos quatorze annos, sonhei como tu sonhas aos dezeseis, com um mancebo formoso e interessante, que o céo por força deveria ter formado de proposito para mim ; que seria meu esposo, que me amaria com ardor indizível em meu primeiro dia de noivado, e que d'ahi a cem annos, elle e eu, moços sempre, elle sempre com seus vinte annos, e eu sempre com meus quatorze annos, bellos e felizes nos amariamos com o mesmo ardor indivizel, do primeiro dia de noivado. Fui amada, requestada, e ás vezes feliz : recebi cem proposições de casamento: de seu lado meu pai rejeitou cincoenta, que erão feitas por mancebos gentis, namorados, bailistas ; e que, segundo dizia meu pai, sabião tudo, tudo, menos trabalhar : por minha parte rejeitei as outras cincoenta que me erão dirigidas por nobres e ricos senhores de cabellos grisalhos e elegantes carruagens, que, em minha opinião, merecião tudo, tudo, menos o meu amor. Emfim cheguei aos meus vinte e quatro annes... oh Celina ! eu tive medo, quando um dia me lembrei que tinha já vinte e quatro annos, e estava ainda solteira!...

Celina notando no tom serio com que Marianna pronunciou aquellas ultimas palavras, não pôde deixar de sorrir-se.

— E' porque tu não sabes, Celina, o que se passou então dentro de mim. Nas sociedades parecia-me ouvir dizer — coitada ! — quando eu passava perto de um circulo de cavalheiros ; eu julgava-me offendida no meu orgulho, rebaixada na convicção que eu tinha de ser bella ; bella sim, e mais bella que as outras, quando eu via entrar na sala pelo braço de seus maridos, minhas companheiras de collegio, algumas mais moças que eu

e nenhuma tão bonita como eu mesma me suppunha!... Oh Celina!... eu sentia que o sangue me estava subindo á cabeça n'aquelles terriveis momentos; concebia desejos de matar-me, e ás vezes fugia para o toilette, e chorava como chora uma creança em desespero!...

A Bella Orphã começava o ouvir com interesse a relação d'aquelles segredos intimos de um coração de mulher.

— Em outras occasiões, proseguio Marianna, conversava-se familiarmente em uma roda de moças; passava-se da discussão sobre o ultimo saráo a fallar-se á cerca de vestidos e modas, e emfim se succedia cahir a conversação a respeito de idades, era para mim um supplicio acerbo obrigarem-me a dizer a minha: eu mentia, Celina, eu dizia que tinha dezoito annos, e dentro de mim soffria horriveis torturas, vendo como aquellas que me conhecião, sorrião-se e beliscavão-se ouvindo-me mentir diante d'ellas!

— Uma vez, continuou a viuva, era em um brilhante saráo; Mathilde, a minha melhor amiga, passeava conversando comigo; de repente parou, e como inspirada por um demonio, disse-me: — Ah! é verdade, Marianna, é preciso cuidares de casar-te; estás te fazendo velha!... — Oh!... então eu tive vontade de matar a minha melhor amiga. Fugi d'aquelle saráo... disse que estava doente; meu pai trouxe-me para casa cheio de cuidados; eu corri a esconder-me no meu quarto, e passei a noite inteira chorando. No outro dia (foi certamente o meu destino, Celina) meu pai mandou-me chamar á sala; estava com elle um homem que eu havia encontrado algumas vezes, mas que nenhuma attenção me merecêra: esse homem vinha pedir a minha mão; meu pai deu-me a liberdade de responder, e eu, sem perguntar quem elle era, qual o seu nome e o emprego que na sociedade exercia, disse-lhe que — sim! — e passado

um mez eu era mulher de um homem que não amava, e de quem podia ser filha.

— Mas foi uma loucura!... exclamou Celina.

— Oh! sim, foi, e cara tive eu de pagal-a. Eu tinha feito, sem o pensar, o sacrificio de minha vida; não me era porém então doloroso, porque meu coração estava livre... eu não amava. Mas parece que Deos quiz castigar-me de prompto; porque Deos, Celina, não abençoá a união d'aquelles que se não amão. Logo na noite de nossas nupcias, meu marido me apresentou um mancebo de nome Henrique, e me convidou a abraçar n'elle o seu primeiro amigo; e n'essa mesma noite por tanto vi um homem que preferi a meu marido. E d'ahi por diante todos os dias sempre esse mancebo bello, nobre, ardente, de olhos tão lindos, e um sorrir tão meigo, se apresentava diante de mim, ao pé de meu marido pallido, abatido, com os cabellos começando a embranquecer, sem espirito para comprehender a mulher que desposára, e sem poder ser amado por ella!

— Oh! devia ser horrivel!... murmurou a Bella Orphã.

— Como chorei então a minha vida de solteira!... sim, eu estava passando novos tormentos, tormentos dobradamente dolorosos: d'antes era a minha vaidade que me perseguia, mas que eu poderia vencer, e rir-me d'ella se tivesse sido menos louca; então era um poder mais forte, era o meu coração que se tornára meu inimigo, que me pedia o que eu não podia dar-lhe, e que, apesar meu, a despeito de meus esforços para subjugal-o, mesmo junto de meu marido e principalmente a seu lado, elle me bradava — amo Henrique!...

— E esse segredo terrivel... ia perguntando Celina.

— Este amor funesto e invencivel, continuou Marianna sem attendê-la, eu o sentia ir crescendo mais e mais todos os dias; para cumulo de minha desdita, para tor-

nar-se mais imminente o perigo em que eu me achava, Henrique amou-me perdidamente : oh ! e nos momentos em que eu contemplava esse nobre mancebo a hesitar quando me fallava ; a lançar-me a furto olhares ardentes, a tremer quando me dava o braço, a suspirar involuntariamente se a meu lado se sentava, e tão forte, e tão grande, e tão fiel a seu amigo, que nunca achava uma phrase terna para me dizer, e que sempre tantos elogios tinha para fazer a meu marido ; eu amaldiçoava os laços que me prendião, concebiam outra vez desejos de matar-me, e outra vez escondida no meu quarto, chorava como chora uma creança em desespero !...

— Oh ! devia ser horrivel ! repetio Celina.

— Uma vida como essa não podia ser por muito tempo carregada. Eu via Henrique ir definhando pouco a pouco, como um arbusto que vai morrendo com suas folhas já murchas, e suas flôres cahindo : tive mil vezes vontade de lançar-me a seus pés, e lhe pedir que vivesse ; veio-me mil vezes aos labios a confissão do amor que lhe votava ; mas, bemdito seja o amor do homem virtuoso ! aquelle nobre silencio do mancebo, aquelle santo respeito com que elle me tratava, aquella fidelidade que elle tinha a meu marido, me sustiverão na posição de esposa honesta. Emfim, Henrique teve tambem medo de si, e fugio-nos...

— Fugio ?...

— Sim, ha tres annos ; seis mezes antes da morte de meu marido, Henrique partio para França. O que se passou no dia em que elle deixou-nos, não posso bem descrever ; sei que eu estava só quando Henrique veio despedir-se ; sei que nenhum de nos pronunciou uma unica palavra, que não podesse ser proferida em alta voz e diante de todos ; mas sei tambem que apezar d'isso, elle levou a certeza de meu amor, deixou-me a certeza do seu ; e lembro-me emfim, que n'esse mesmo dia meu

pai me pedio de joelhos, de joelhos, Celina que eu tivesse piedade de meu marido, de seus cansados annos !...

— E agora ?...

— Agora, Celina, tu m'ò perguntas ?... exclamou Marianna com novo arrebatamento de prazer : agora eu o amo como d'antes, ou mais ainda; eu quero ser d'elle; eu o amo, ouvistes, eu o amo !

— Comprehando; mas...

— Mas o que ?...

— E' que o teu prazer, Marianna, se mostra hoje tão grande como a distancia que te separa de Henrique.

— Oh ! não ! graças a Deos, Celina, elle chegou... desembarcou hontem, e hoje escreveu a meu pai, pedindo licença para visitar-nos : vê... lê comigo a sua carta.

Marianna tirou do seio um bilhete todo perfumado, e tres vezes o leu a Celina.

— Portanto hoje mesmo devo tornal-o a vêr ! Ah ! Celina, se eu pudesse fazer-me mil vezes mais bella !... porque eu amo... muito... muito... tanto, que seria capaz de dar a vida por elle, e capaz de matar a mulher que se atrevesse a amal-o !

A Bella Orphã, ingenua, innocente, sem ter jámais experimentado esses sentimentos desabridos e perigosos, que fazem fallar com a vehemencia com que fallava Marianna, olhava para esta, attonita e sem se atrever a pronunciar uma só palavra.

E tambem a viuva aprazia-se d'aquelle silencio : quem ama e falla do seu amor, estima não ser interrompido, gosta de discorrer horas inteiras repetindo mesmo o que já disse mil vezes, e começando de novo a historia que exactamente acaba de contar.

Finalmente Marianna sentio que já tinha o coração

mais leve, ergueu-se, e abraçando ainda Celina exclamava :

— Eu sou feliz ! immensamente feliz !...

Quando um escravo appareceu á porta da sala, e annunciou o Sr. Henrique.

Marianna deixou-se cahir de novo no sofá; e foi só depois de alguns instantes, que disse com voz muito tremula e commovida ;

— Que entre.

Levantou-se a custo para receber o antigo amante.

Era um homem alto e bello; seus olhos pretos lançavam olhares brandos que condizião perfeitamente com o sorrir meigo e um pouco melancolico de seus labios : tudo n'elle era nobre e sério; tudo n'elle desafiava sympathia : bemfeito, trajando com gosto, mas sem extremarse em modas; era emfim um bello homem; um cavalleiro completo.

Entrou perturbado e tremulo; como estava Marianna.

Depois dos primeiros cumprimentos, disse com visivel commoção :

— Cheguei hontem, senhora, e meu primeiro cuidado foi correr a depositar meus respeitos aos pés da viuva do meu melhor amigo.

— Obrigada, senhor, respondeu Marianna a tremer; é muito lisongeiro para mim, que me coubesse aqui o seu primeiro cuidado. Vejo que se não esqueceu de nós...

— Oh!... nunca !... exclamou o mancebo animando-se.

— E tambem nós, senhor; nunca!...

Sem se poder explicar a razão, Celina sentou-se por seu turno, perturbada, começou a córar muito, e conheceu que não podia ficar ali mais tempo.

Aquella scena de amor, como que offendia sua innocencia de virgem. Ella ergueu-se, e disse a Marianna :

— Devo mandar participar a meu avô a visita do senhor?...

— Sim; murmurou a viuva.

Celina deixou a sala.

Henrique e Marianna ficarão a sós por cinco minutos. Marianna não era mais uma senhora casada.

Quando, no fim dos cinco minutos, entrou na sala o avô da Bella Orphã, Marianna já sabia que tres annos de ausencia não tinhão podido arrefecer a paixão ardente que lhe votava Henrique.

Era um amor que recomeçava.

---



## IV

### Dia de finados.

Ha no anno dous dias que são verdadeiramente pomposos na cidade do Rio de Janeiro : o de quinta-feira de Endoenças, e o da commemoração dos defunctos.

No primeiro d'elles adora-se o lenho sagrado, imagem d'aquelle em que no Golgotha foi crucificado o Filho da Rainha das Virgens.

O segundo pertence á religião dos tumulos.

Pois com serem tão grandiosos e sublimes, tão cheios de intima dôr, e de tremenda verdade os pensamentos que presidem esses dous dias, ainda assim ha n'elles sacrilegio e vaidade.

Ha o sacrilegio dos homens, e a vaidade das mulheres e de quasi todos.

Uma multidão de mancebos corre um por um todos os

templos na quinta-feira santa, e sem que os intimide nem contriste o aspecto solemne das igrejas, o effeito d'essas mil luzes que se queimão nos altares, e o profundo silencio que n'elles reina; no meio dos poucos a quem um verdadeiro sentimento religioso affasta da terra e aproxima do céo, elles profanão o sanctuario requestando as mulheres, e zombando dos mysterios.

E as mulheres, as mulheres em quem a religião, além de um dever, é ainda, mais que em todos, uma necessidade e um encanto, tem entre si muitas que olhão a noite sagrada como o ensejo feliz de ostentar suas graças e suas galas; e lá mesmo, no seio dos templos, suas orações não chegão nunca ao céo, porque as desconceituão as murmurações que de envolta com ellas cahem na terra.

Em o dia de finados, o dia de lucto que os homens tem tornado de festa; o dia do pó, a recordação do nada que somos, é em nosso tempo a demonstração viva e solemne do muito que pretendemos ser.

Uma palavra diz tudo: no dia da commemoração dos defunctos, a vaidade dos vivos levanta seu throno sobre o tumulto dos mortos.

E portanto ainda n'esses dous solemnes dias nós demonstramos crime e fraqueza.

Em quinta-feira de Endoenças nós somos sacrilegos.

Em dous de Novembro de todos os annos nós somos, pelo menos, vaidosos.

. . . . .  
 Havia chegado o dia dous de Novembro de 1846.

Tinha-se, pouco mais ou menos, passado mez e meio depois d'aquella manhã em que Candido, da fresta de sua janella, observára em extasis a Bella Orphã passeando no seu jardim.

. . . . .  
 Desde o romper d'aurora que os bronzes de todas as

igrejas da capital do Brazil gemião com seu dobre lugubre, longo e monotono.

Multidão immensa de homens e mulheres todos vestidos de dó, sahião ou entravão em turmas pelas portas dos templos como ondas negras.

Apezar de sua vaidosa ostentação, de sua inoportuna riqueza, os jazigos offerecião um aspecto sublime e melancolico : era o aspecto da morte.

O jazigo de S. Francisco de Paula estava semeado de tumulos, e repleto de povo.

Os curiosos que o visitavão, cedião á força do imperio da morte ; obumbravão-se.

Os orphãos e as viuvvas, os pais que havião perdido seus filhos, choravão e rezavão.

A despeito das galas e do luxo de alguns immensos mausoléos, o pó, o nada humano parecia transsudar por entre as molduras doiradas, e uma caveira se mostrava triumphante de sobre as columnas de ébano.

Nos tumulos humildes, sem pompa de luxo, cobertos de rôxos amaranthos, e tristissimas perpetuas, como que o genio da saudade estava ahi sentado para intermediario entre a dôr do vivo, e a alma do morto. O tumulo sem pompa, era a expressão da saudade do vivo.

Porque, preciso é dizel-o, a verdadeira dôr é simples e singela ; e a saudade que se não simula, a saudade que sahe do coração, não tem necessidade de adornar-se : assemelhão-se n'isso ás mulheres, que quanto mais feias mais se enfeitão para disfarçar seus senões, e quanto mais bellas mais simplesmente se vestem para ostentar seus naturaes encantos : assim a dôr e a saudade que se fingem, precisão de ornar-se muito, e as que são verdadeiras apresentam-se nuas... e sua nudez é immensamente sublime.

A melhor expressão de uma dôr é o pranto : o mais rico ornamento dos tumulos é a caveira.

Os vestidos devem condizer com o corpo que se veste : não ha, não póde haver relação entre molduras, franjas doiradas e um esqueleto.

Essa riqueza parece uma zombaria que a vida faz á morte : essa riqueza destróe completamente a idéa tremenda que em tal dia deve occupar o espirito dos vivos.

Porque á porta do jazigo o homem lê as terriveis palavras de morte « Lembra-te, homem, que és pó, e que em pó te has de tornar ». E dentro do jazigo elle encontra ouro... ostentação... luxo...

Para que pois uma tão grande mentira em dia de tão grande verdade?... não sabeis ?

E' porque o filho do rico tremeu quando vio que os ossos de seu pai não se podião distinguir dos ossos do mendigo ; e com as galas da vida quiz esconder a igualdade do pó.

Embora... Ou no mausoléo, ou na simples urna funerea, estava sempre o triumpho da morte : mesquinha differença havia, um guardava o esqueleto do rico, a outra os ossos do pobre ; mas de mistura um e outros, quem acertaria com a caveira do primeiro?...

Havia ahi mesmo n'essa area tremenda, ouro, ostentação no exterior ; pó é mais nada internamente : por cima estava ainda a vida... a mentira ; por baixo triumphava a morte... a verdade.

A linha terrivel e anti-religiosa que com tão máos resultados divide os filhos de Deos em dous grupos, ricos e pobres ; ricos que gozão e mandão ; pobres, que trabalham e soffrem de continuo, estava traçada aos olhos dos vivos ; mas em seu hediondo aspecto as caveiras parecião estar soltando disformes gargalhadas de escarneo contra pretensões vãs de uma vaidade impotente.

E pois, e apezar de tudo, havia ahi no jazigo a igual-

dade dos mortos mal desfigurada pela desigualdade dos vivos.

E por entre esses mausoléos e esses tumulos, ião passando grave e tristemente aquelles que vinhão chorar seus defunctos.

O silencio dos tumulos era de instante a instante cortado pelos soluços dos vivos, e a seqidão do pó recebia as lagrimas da carne.

A's vezes uma virgem pallida e indifferente a tudo que a rodeava, banhada em pranto de saudade, se deixava vêr de joelhos junto de um tumulo, como a sombra de um finado descansado sobre seus restos. No meio d'essa multidão desolada, não se perguntava, adevinhava-se quaes erão os pais, quaes as mãis que choravão seus filhos, porque essa dôr profunda do coração falla mais alto e mais claro do que as outras.

Não era porém commum o vêr-se sobre um tumulo deposta a rôxa perpetua pela mão da simples amizade. Poucos se notavão os amigos de além tumulo.

Mas lá em sombrio recanto havia uma urna humilde e modesta, onde um grande numero de homens e mulheres se tinha ido ajoelhar e depôr seus ramos de saudades. Ora um mancebo luzido e rico, quasi sempre a pobre mulher envolta em negra mantilha, e o velho abatido e magro se fóra curvar ante esse pó sem duvida muito amado.

O tumulo, como dito fica, era simples e humilde; tinha por inscripção na parte superior duas lettras — P. A. — e logo abaixo d'ellas uma outra — C.

Ultimamente uma velha magra, de cabellos brancos e olhos verdes, e um mancebo pallido, de cabellos pretos e olhos pardos, acabavão de ajoelhar-se junto do tumulo, e oravão profundamente.

Um homem, a quem o amor que se tributava áquelle pó tão lembrado, parecia haver muito sensibilizado,

esperou que a velha e o mancebo se erguessem para fallar-lhes ; mas vendo que ambos por demais se demoravam, aproveitou um momento em que a mulher levantou a cabeça, e tocando-lhe no hombro, perguntou :

— Senhora, perdôe se a interrompo ; mas por quem é que ora tão fervorosamente ?

— Pelos pais dos pobres, respondeu a velha.

— Como se chamavão?...

A mulher apontou para as tres lettras, e disse :

— Paulo Angelo e Celina.

— Ah ! tem razão : por minha vez rezarei por elles.

A velha tinha já outra vez se mergulhado em suas orações.

N'esse momento aproximárão-se do tumulo um velho e duas senhoras ; uma muito mais moça que se quiz logo lançar de joelhos, e outra tambem moça ainda, que fez a primeira parar á força em quanto se não levantavam a velha e o mancebo.

Teve então lugar uma scena que attrahio a attenção de quasi todos os circumstantes.

A primeira das recém-chegadas, que era tão joven como bella, sustida á força por sua companheira, por entre um diluvio de lagrimas, suffocada por seus soluços, encarava ainda assim com indizivel mostra de gratidão a mulher e o mancebo que rezavam junto d'aquelle tumulo.

E o velho pallido, com os braços cruzados e a cabeça cahida, chorava, chorava muito, como chora um pai pelo filho amado que lhe morreu.

Finalmente a velha persignou-se e ergueu-se : um lugar ficou vazio ; o moço levantava-se tambem por sua vez, quando a joven escapando-se das mãos da senhora que a sustinha, foi... atirou-se de joelhos ao pé da urna funerea, exclamando ;

— Meu pai !... minha mãe !...

O mancebo, que acabava de levantar-se, escutando aquella exclamação dolorosa, e olhando para a pessoa que a soltava, começou por seu turno a soluçar desabridamente, e, sem querer talvez, pôz as mãos ainda em pé, e depois foi pouco a pouco curvando-se até ajoelhar-se de novo.

No entanto a commoção ou o acaso tinha feito com que se soltasse a mantilha que a velha trajava; e então aquella mulher alta, magra, com seus longos cabellos côr de neve cahidos sobre uma saia de sarja preta, com as mãos postas e em pé por detrás d'aquelles dous jovens, completava um quadro da mais dolorosa eloquencia.

Conhecendo que tambem ella se fazia objecto da geral attenção, apontou para o tumulto, olhou com seus olhos verdes para a multidão e disse :

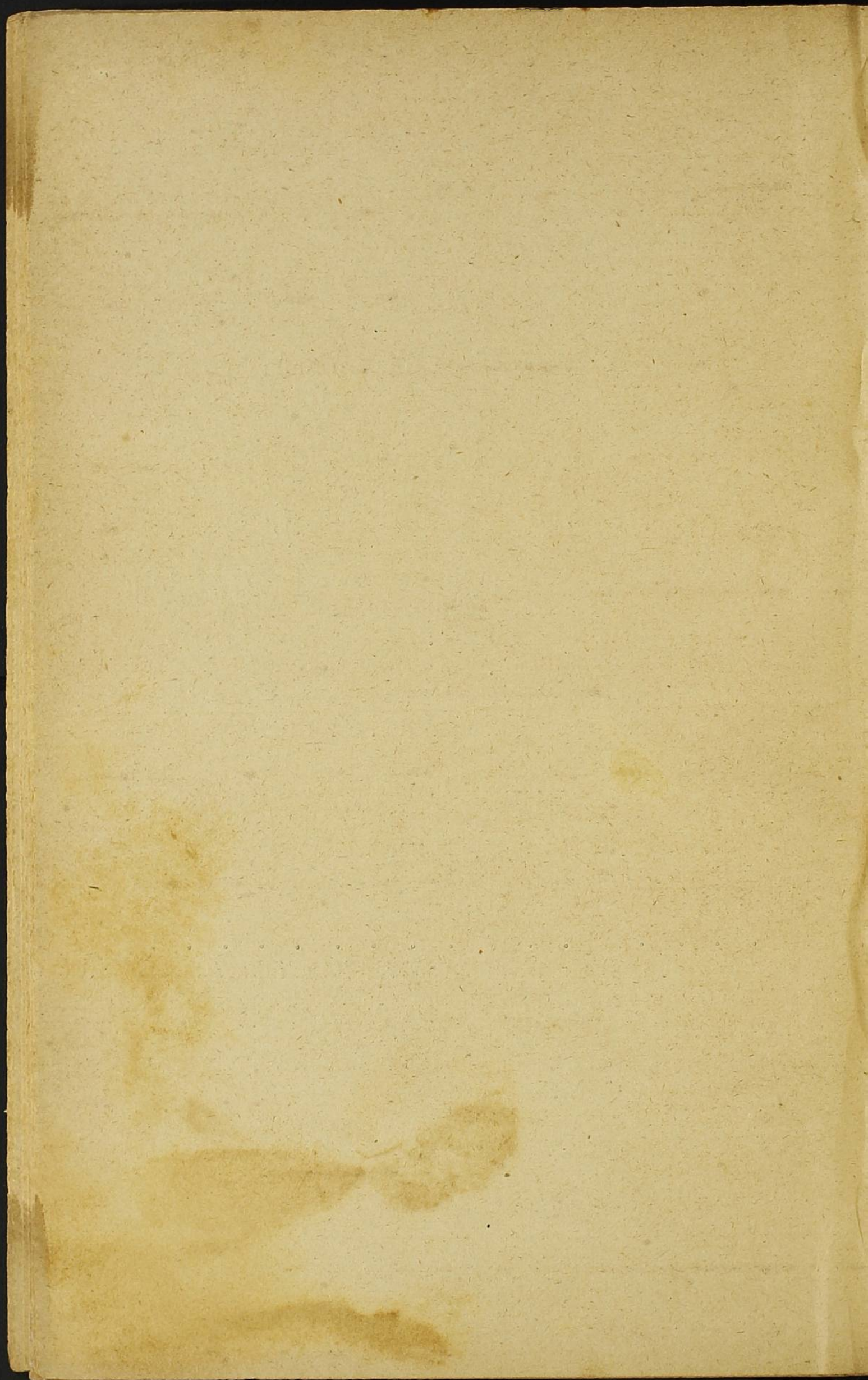
— E' o premio do justo.

E desfazendo-se em lagrimas, a velha envolveu-se de novo e rudemente com sua mantilha, e retirou-se apressada.

A esse tempo tambem o mancebo tinha já reflectido sobre o que acabára de praticar, e espantado de si mesmo, aproveitou o instante em que todos os olhos acompanhavão a velha, para desaparecer por entre os tumulos.

. . . . .  
A' intelligencia de ninguem será feita a injustiça de dizer-se, como revelando um segredo, que essa mulher era Irias, e esse mancebo Candido.

Sómente convem acompanhal-os em sua volta para o Purgatorio-trigueiro.





## V

### O insulto.

A velha e o mancebo encontrarão-se á porta do templo, e sem se dizerem palavra, dirigirão-se para o Purgatorio-trigueiro.

Irias voltava commovida : Candido absorto e preocupado caminhava a esmo.

Havia mez e meio que na alma de Candido se desabotoára uma bella flôr, um pensamento novo e brilhante, que desde então sendo o seu eterno companheiro das vigílias do dia, e dos sonhos da noite, n'esse momento, em que tornava para o Purgatorio-trigueiro, o occupava exclusivamente.

Esse pensamento se debuxava na alma do mancebo sob a fórma de uma mulher formosa.

Até bem pouco Candido, que sentia o coração cheio

de amor, que pedia incessantemente ao céo sua mãe para saciar n'essa mulher, que lhe déra a vida, toda sua ambição de amar e de ser amado, não tinha ainda adivinhado, que, além do amor filial, um outro affecto ha ardente e poderoso, que enche a vida do homem, que lhe desvaira a cabeça, e póde fazer d'elle um heróe ou um demonio.

Candido era uma creatura exceptional, um d'esses mancebos, que tem podido viajar pelo mundo vinte annos sem sentir surgir-lhe em seu caminho a figura de uma mulher formosa que lhe fizesse pagar o tributo gracioso, que emfim o coração do homem paga sempre na vida.

Mas, ao romper de uma aurora, o mancebo lançou por acaso os olhos atravez da fresta de uma janella, e vio uma moça, que, ao muito, poderia ser sua irmã ; e para logo elle comprehendeu, que, além de uma mãe, ha no mundo uma outra mulher, a quem se póde amar muito.

E desde esse dia, em todos os outros, e á mesma hora, Candido ia esperar que a Bella Orphã descresse ao seu jardim, e em extasis a adorava, ou descuidadosa passando por entre as flôres, ou negligente repoisando no banco de relva do caramanchão, envolvida na nuvem de suas madeixas.

Amava elle aquella mulher?... Candido juraria que não : em seu entender Celina não era uma mulher para se amar ; era sim uma bella visão para se admirar extasiado.

No entanto, elle que pensava não amal-a, despertava, ao amanhecer, para contemplal-a ; de dia por ella suspirava ; dormia e a via em sonhos dormindo.

A mãe de Candido tinha já uma rival no coração de seu filho.

Acompanhando Irias ao templo de S. Francisco de

Paula, Candido pagava tambem o seu tributo de gratidão aos restos do homem beneficente; e além disso, rezava pelo pai de Celina.

Mas, quando a orphã soltou seu grito de dôr, e cahio de joelhos junto do tumulo de seu pai, Candido, preciso é dizer, esqueceu o lugar onde estava, a multidão que o cercava, e o fim para que ali viera; e de novo ajoe-lhando-se elle o fez, instinctivamente, não para depre-car por um finado; porém só em adoração áquella mulher formosa.

Mal chegou o instante da reflexão, ergueu-se, e fugindo do jazigo, e encontrando sua mãe adoptiva á porta do templo, travou-lhe do braço, e levou-a apressa-damente pelas ruas.

O coração e a cabeça d'aquelle mancebo estavam em guerra.

Apezar d'elle, a despeito de seus esforços para enganar-se a si proprio, elle amava: e seu coração lhe pedia com ardor a posse d'essa mulher encantadora... a primeira que tinha amado.

E sua cabeça lhe mostrava a sociedade despotica e tyranica empurrando-o para longe de Celina, erguendo entre ella e elle um muro de bronze, em cujo cimo estava escripto — impossivel! — impossivel; porque o seculo pertence ao ouro, e o homem pobre deve abafar suas affeições...

Mas o coração que ama, não crê n'essa palavra — impossivel; — o coração não sabe, que no mundo ha ouro; não raciocina para depois amar: o coração ama, porque ama.

E todavia se Candido fosse cahir aos pés da Bella Orphã, se lhe pedisse seu amor e sua mão, a sociedade teria de perguntar-lhe:

— Quem és tu?...

— Um pobre rico de honra.

E a sociedade havia de rir-se, e de responder-lhe : — não basta.

E viria depois d'elle um outro, de quem se podesse dizer — Un rico pobre de merito.

E a esse responderia a sociedade — é de sobra.

Atormentado por essas reflexões, que até certo ponto exprimião nuamente a verdade, o character da época actual, Candido caminhava a passos largos sem vêr, sem ouvir, sen attentar cousa alguma.

Irias acompanhava a custo, e como que espantada, ao ardente moço : tendo-lhe, como foi dito, cahido a mantilha ao pé do tumulo de Paulo Angelo, quando de novo n'ella se envolveu, collocou-a mal, e uma porção de seus longos cabellos brancos ficou fluctando sobre ella. E Candido, levando-a estouvadamente, e caminhando sem reflexão, ora com Irias se esbarrava contra os que vinhão, ora deixava, que a pobre velha se salpicasse de lama.

Indifferente a tudo isso, surdo á voz de Irias, todo entregue a seu pensamento unico, foi sómente o aproximar-se de sua pobre casa, que Candido sentio-se despertar por um grito de escarneo.

— Bruxa!... bruxa!... bradavão de todos os lados.

Entretanto tambem Celina se retirára da igreja de S. Francisco de Paula em companhia de seu avô, e sua tia. A carruagem, em que vinha o velho e as duas senhoras, parou no alpendre do Céu côr de rosa, e quando os tres acabavão de apear-se, forão attrahidos pelos gritos, que de todas as partes soavão.

Candido e Irias vião-se cercados por uma chusma de garotos, que tomavão a velha para alvo de suas zombarias.

Como os cães que, em nossa terra, investem de preferencia contra os negros, porque sentem o desprezo, que se vota a essa classe desgraçada; a escoria da so-

cidade, imitando os grandes d'ella, escarnecia da pobreza d'aquella mulher.

Jacob e Helena rião-se d'aquella scena de escandalo, como se ella fôra uma scena de prazer publico ; e ambos elles excitavão, em voz baixa, os garotos que passavão perto de suas janellas, a continuar em seus insultos, e redobrar os gritos que soltavão.

— Bruxa !... fóra a bruxa !... bradavão uns.

— Lá vai a velha bruxa !... clamavão outros.

Alguns já tinham ousado chegar-se a suas victimas, e a mantilha da velha estava feita pedaços.

Irias agarrava com suas duas mãos emmagrecidas e nervosas o braço do mancebo que, tremendo de raiva e de vergonha, esquecia-se do que era, e queria lançar-se contra a canalha ; e ao mesmo tempo que a velha, que o sustinha á força, apenas demonstrava o seu furor em um sorrir de desprezo, que deixava vêr duas ordens de dentes iguaes, alvos e brilhantes, e nas vistas de fogo de seus olhos verdes que simulavão do gato observado em noite escura.

— Minha tia ! exclamou Celina, aquella é a velha Irias, e o moço, que a acompanha, o mesmo que orou junto do tumulo de meus pais.

— Sim... creio que sim, respondeu-lhe Marianna.

— Pois então nós não podemos consentir, que sejam assim maltratados.

— Mas que faremos.

— Eu vou acompanhal-os... a casa da velha Irias... é tão perto...

— Louca !... exclamou o velho.

Os gritos redobravão : as duas victimas não podião dar um passo : Irias empregava todas as suas forças para suster o mancebo.

— Eu corro a socorrel-os, meu avô ; disse outra vez a moça com interesse.

— Não ; não : manda antes o criado.

— Elles não respeitarão a um boleeiro.

— E crês, que terão respeito a uma menina?...

— Respeito não ; mas talvez que tenham piedade.

N'esse momento uma pedra veio cahir aos pés de Irias. Celina escapou-se do braço de sua tia, correu e collocou-se ao lado da velha.

O escarneo cessou como por encanto.

Pôde-se mesmo notar, que aquella gente pervertida, sem moral nem educação, que ainda ha pouco gritára furiosa, parecia como que arrependida de o haver feito : se pudesse, lançaria agora flôres sobre a velha, que acabava de apedrejar.

Jacob e Helena forão os unicos, que murmurarão entre si d'aquelle proceder da moça.

Celina acompanhou Irias e Candido até a porta do Purgatorio-trigueiro.

— Minha mãe, disse a moça beijando a mão de Irias, eu lhe agradeço as orações, que rezou junto do tumulo de meus pais.

E depois voltando-se para Candido, continuou :

— Obrigada, senhor.

Candido, pallido como um finado, estava em pé, porque se agarrára á velha rotula.

Celina voltou-se para retirar-se ; e então Irias pôz suas duas mãos sobre a linda cabeça da moça, e disse :

— Proteja Deos a filha dos pais dos pobres.

Quando Celina desapareceu no alpendre do Céu côr de rosa, Jacob foi á janella, onde estava Helena, e apontando para a casa da moça, e depois para o Purgatorio-trigueiro, disse :

— Helena, ali ha cousa, que é preciso descobrir.

## VI

### Visita de gratidão.

No seguinte dia, e pela volta das quatro ás cinco horas da tarde, estavam conversando na sala principal do Céu còr de rosa Marianna e seu velho pai.

No angulo anterior e direito da sala, e a poucos passos de uma janella, achava-se sentado em excellente poltrona o ancião, que era de aspecto sympathico e respeitavel; deveria ter já passado dos sessenta annos; tinha os cabellos totalmente brancos, a fronte alta, o rosto pallido, finas e delicadas as mãos, e era um pouco magro: estava envolvido em um robe de chambre de chita, vestia calças brancas, e calçava chinellas de marroquim verde.

Defronte do velho, tendo a cabeça descansada graciosamente sobre a face palmar da mão que se estendia no

peitoril da janella, Marianna estava olhando para elle, e entretinhão-se ambos em discutir uma questão que parecia interessal-os muito.

Anacleto, com os olhos fitos em sua filha, a escutava observando-a, e como que receiava dar inteiro credito a suas palavras.

Posto que adorasse a Marianna com indizivel extremo, o velho que a tinha estudado desde a infancia, conhecia perfeitamente o character de sua filha, e mil vezes com um olhar firme e penetrante, lia no coração d'ella o contrario do que lhe ouvia dizer.

Marianna tinha todas as boas e más qualidades de uma senhora da alta classe. Nobre, altiva, e mesmo vaidosa, sabia, quando era conveniente, humilhar-se horas inteiras diante d'aquelles mesmos a quem detestava, para depois erguer-se vehemente e orgulhosa : ella misturava a audacia com a pusillanimidade, a mais inqualificavel imprudencia com um sangue frio, que chegava a espantar : sabia rir-se com os labios quando chorava com o coração : astuciosa, arrancava o segredo alheio, e não confiava nunca o seu : era capaz de rir-se á borda de um abysmo, e de vir chorar n'uma sala de baile ; e finalmente amava com ardor e odiava com extremo.

O semblante de Marianna sempre impassivel, sempre o mesmo, dava a suas palavras uma força immensa de verdade, não deixando a ninguem lêr-lhe no córar do rosto, no movimento dos labios, ou na expressão do olhar, o que se estava passando dentro d'ella : comtudo Marianna tinha poucas vezes a virtude da franqueza : podia enganar, sabia que o podia, e enganava.

Mas á força de viver com ella e de estudal-a, Anacleto era o homem unico de quem não triumphava o sangue frio e impassibilidade de Marianna ; o olhar do velho



penetrava direito no coração da viuva ; e diante de seu pai ella tremia e córava muitas vezes.

Conversavão ambos.

— Com tudo, dizia o ancião, eu creio que ainda não é tempo de discutirmos sobre isto.

— Mas... não faz nenhum mal que desde já nos preparemos para quando chegar a hora.

— Sabes, Marianna, tornou sorrindo-se Anacleto ; vai-me parecendo que estás mais adiantada n'este negocio, do que pretendes fazer-me crer.

— Não, meu pai ; Salustiano ainda nada me disse ; eu porém tenho meus olhos de mulher, e a experiencia de trinta annos : talvez que o tenhamos de vêr bem cedo vir fallar-nos.

— Pois deixal-o vir.

— E que lhe diremos ?...

— Dir-lhe-hei que volte no dia seguinte.

— E depois ?... que faremos nós ?...

— Nós ?... provavelmente bem pouca cousa : pela minha parte, e quando elle tiver sahido, chamarei Celinna, expôr-lhe-hei a questão ; e se ella responder que não, diremos a Salustiano no dia seguinte : — não.

— Eu tenho bastante confiança na prudencia da nossa Bella Orphã ; mas não sei se seria justo deixar sómente ao juizo de uma creança a solução de objecto tão grave.

— Querias pois, Marianna, tornou-lhe com seriedade Anacleto, que sem consultar a essa interessante orphã, dispuzessemos de sua mão, de seu futuro, de sua vida inteira ?... supponhamos que ella não ama a Salustiano : quererias tu que a sacrificassemos á paixão, aos caprichos d'esse homem !... oh ! não, minha filha ; os sacrificios d'este genero são horriveis... eu os comprehendo.

O velho olhou fixamente para Marianna, que sentio passar por seu rosto uma onda de rubor ; disfarçou, e depois de serenar, disse :

— Pois bem : e se acaso Celina disser que sim ?...

— N'esse caso ella ouvirá minhas reflexões.

— E meu pai dirá...

— Que esse homem não me agrada ; que seu unico merito, a só recommendação com que se nos mostra, é ter herdado uma riqueza enorme accumulada por seu pai, homem laborioso e honrado, dir-lhe-hei, que ha no rosto d'esse mancebo alguma cousa que transpira baixeza de sentimentos ; que ha no sorrir constante de seus labios um sarcasmo eterno, ou incuravel toleima, que o torna antipathico e pesado a quem o pratica.

— E por consequencia ?..,

— Por consequencia eu fallarei horas inteiras para convencer Celina de que não se fará ditosa desposando semelhante homem : se ella porém teimar... paciencia ; deixal-a-hei ir ; e rogarei a Deos por ella.

— Vê-se bem que meu pai não olha com bons olhos para Salustiano.

— E' verdade ; elle reune em si o egoismo do inglez e a frieza do allemão ; e não tem a honra nem de um nem de outro.

— Mas como então consente que esse homem frequente tão assiduamente nossa casa ?...

— Marianna, certas considerações, que os homens mutuamente se devem na sociedade, fazem que nem de nossa propria casa sejamos absolutos senhores. E além d'isso, não é por minha causa que Salustiano aqui vem.

— Por quem então ?...

— Não fui eu que o convidei, Marianna.

A filha de Anacleto fez-se pallida de subito, e levantando a cabeça, perguntou :

— Que quer dizer, senhor ? ! !

— Ficou Anacleto em silencio por alguns instantes : supportou com imperturbavel sangue frio o olhar vivo,

ardente e penetrante de sua filha, fito em seu rosto, e depois respondeu :

— Nada.

Marianna deixou cahir de novo a cabeça sobre a face palmar da mão, que ella estendia no peitoril da janella, e disse :

— Felizmente, que meu pai tendo a honra do inglez e do allemão, não tem com tudo o egoismo do primeiro.

— E porque ?...

— Porque a frieza do allemão, essa meu pai tem.

Sorrio-se Anacleto, e depois tomando um ar sério, fallou a sua filha :

— Em fim, Marianna, preciso é que nos compenetre-mos bem do que devemos a essa menina que nos foi confiada. Lembra-te de que ella é uma orphã, e de que seus pais forão em vida amados pelo povo, e deixárão um nome que é ainda hoje abençoado.

— E' verdade.

— E portanto, nós temos primeiro sobre nossas cabeças Deos que nos observa attento : porque orphão deve ser, e é a creatura predilecta da Providencia : o orphão é a creatura isolada que não tem pai para velar no seu futuro, que não tem mãe para morrer por ella, e que portanto deve ter os olhos de Deos fitos em sua frente ; fitos sobre seus tutores. Marianna, os olhos de Deos estão pois sobre nós ambos : velemos por Celina.

— Sim... velemos.

— Oh ! e tenhamos compaixão... tenhamos piedade d'esses restos respeitaveis, d'essas cinzas amadas de um pai desvelado, de uma mãe extremosa, que uma morte precoce arrebatou á sua filha : de dentro do sepulchro seus esqueletos nos observão... e de cima.. da eternidade suas almas nos acompanhão, e vêem como cuidamos nós da sagrada deixa que nos legárão. Marianna, velemos por Celina.

— Sim, meu pai, é assim.

— Oh! e tenhamos tambem cuidado com este povo que amou tanto aos pais da nossa pupilla; não queiramos, ao passar pelo meio d'elle, ouvir suas maldições: tu sabes como Celina é amada... tens ouvido que sua casa teve o nome de — Céu, e nós mesmos, acompanhando a gratidão popular, a chamamos Bella Orphã: até agora pois bençãos... ah! temamos que chegue tambem uma hora de pragas. Marianna, velemos por Celina!

— Sim... mas silencio... eu sinto suas pisadas,

Com effeito, Celina entrou n'esse momento na sala, e dirigio-se a seu avô.

De ordinario melancolica, a melancolia era n'ella um encanto: algumas vezes risonha, o seu sorrir era um feitiço: d'essa vez Celina vinha com leve sorriso nos labios.

— Sabe, meu avô? disse ella a Anacleto, a nossa boa vizinha, a velha Irias lhe mandou pedir licença para visitar-nos, e agradecer-nos o que hontem por ella fizemos.

— Agradecer-te, menina, foi provavelmente o que ella mandou dizer: pois então que venha...

— Sim, disse Marianna, vai mandar-lhe dizer que venha, nós ouviremos com prazer o teu elogio da boca d'ella.

— Eu já respondi que viesse, em nome de meu avô.

— E fizeste bem... mas parece que chegão...

Ouvio-se ruido junto da porta da sala.

-- Oh!... é ella!...

— Vai recebêl-a, disse Anacleto.

A menina correu á porta.

— Entre! exclamou ella, nós a esperavamos com prazer.

— A porta abrio-se em par: Celina não pôde reter um pequeno grito, e recuou dous passos.

Era Salustiano.

Mancebo elegante no trajar e nas maneiras, se não era bonito, não se podia dizer feio : de estatura proporcionada, tinha cabellos castanhos, olhos pequenos mas vivos, e o rosto de uma côr pallida propria das constituições abaladas pelas enfermidades e vigílias ; vinha vestido de bella casaca preta de abas muito largas e com portinholas ; trazia ao pescoço linda manta de seda de côr, e vestia collete de chamalote branco, calças de panno preto sem presilhas, e excellentes botins envernizados ; por debaixo do collete sahia-lhe a cadêa do relógio e d'ella pendia um enorme sinete.

Salustiano complimentou primeiro a Celina, sorrindo-se da surpresa que acabava de causar, e depois aproximou-se de Anacleto e de Marianna, que se haviam levantado para recebê-lo.

— Desculpe minha neta, disse Anacleto, ella contava vêr entrar uma pessoa por quem anciosa espera.

Celina olhou para seu tutor com indizível gratidão.

— Eu o comprehendi logo, respondeu Salustiano : não me posso julgar tão feliz, que merecesse vêr sua bella neta correr alegremente para receber-me.

— Ora... disse Marianna.

Anacleto e Celina não disserão nada.

Sentárão-se os quatro e começárão a conversar sobre objectos indifferentes.

Um observador, que examinasse aquellas quatro personagens, teria muito que estudar n'ellas ; e se entrasse no coração de cada uma, acharia ali um novo exemplo d'essa superficie enganadora e falsa, com que a educação e a sociabilidade escondem ás vezes sentimentos oppostos, e interior má vontade.

A conversação de Salustiano, que ás vezes era mesmo agradável, quasi sempre perdia muito por sarcastica e venenosa : não poupava, nem a ironia, nem o epigram-

ma. Elle olhava com paixão e interesse para Celina ; com presumpção e orgulho para Marianna ; com indifferença para Anacleto.

O ancião o tratava com apparente civilidade ; mas havia sensível frieza em suas maneiras.

Celina tinha os olhos embebidos em seu avô : parecia eslar vendo n'elle o seu defensor ; e como que fazia de conta, que Salustiano não se achava na sala.

Marianna, á força de habilidade, conseguia fazer de-sapparecer todas essas sombras, e derramava enchentes de luz de seu espirito no meio d'aquelle grupo : tratava Salustiano com indizível bondade ; e sustentava quasi só todo peso da conversação. No entretanto era Marianna quem ali mais aborrecia o presumido mancebo.

Esta scena era a mesma que se representava todas as vezes, em que Salustiano vinha visitar aquella familia, o que a miudo succedia.

Havia, devia de haver por tanto um mysterioso motivo, que dêsse áquelle presumpçoso mancebo a força necessaria para se impôr ali de modo tão insolito.

Batêrão palmas.

— Agora é sem duvida ella, disse Anacleto ; vai recebela, Celina.

A menina dirigio-se á porta.

— E quem é ella?.. perguntou Salustiano.

— Oh, senhor ! descance... respondeu Marianna ; não se incommode... é apenas uma velha.

— Ainda bem, tornou Salustiano rindo-se : fazia-se necessaria aqui para estabelecer um contraste.

A' porta da sala apparecêrão então uma velha e um moço, Irias e Candido.

Salustiano com um sorriso insolente, e com uma luneta ainda mais insolente, observava os recém-chegados, que vierão tomar assento.

Conversou-se sobre o acontecimento da vespera.

Irias tinha tomado por sua conta fazer o elogio da Bella Orphã, e relatou o caso com entusiasmo e gratidão. Quando chegou ao fim, Salustiano dirigio-se a Candido, e perguntou :

— E o senhor o que fazia ?..

— Elle ?... queria lançar-se contra a canalha, que me insultava, e o teria certamente feito, se eu o não agarrasse com minhas mãos de ferro... porque eu sou velha... uma pobre mulher velha, disse Irias estendendo suas mãos compridas, magras e nervosas; mas tenho força.

— E quando a senhora o não susteve mais, o que fez o senhor ?...

— Quando ella me não susteve mais, disse Candido, que havia córado até a raiz dos cabellos, já um anjo benéfico nos tinha salvado e eu comprehendí logo, que para não ser indigno d'esse soccorro, deveria não descer até a canalha...

— Porque aliás... interrompeu com seu sorriso maligno Salustiano.

— Porque aliás, tornou Candido resentido-se, eu faria o que faz um homem de brio.

— E o que é, que faz um homem de brio ?...

— Pois o senhor não sabe ?!!! perguntou Candido com accento muito significativo.

Salustiano córou por sua vez.

Anacleto interrompeu os dous mancebos.

— Ora pois, disse elle; agradeçamos ao céo esse insignificante acontecimento, já que nos trouxe a vossa visita: desde muito que conheço a nossa boa vizinha, mas nunca tinha tido o prazer de encontrar-me com o senhor.

— E' meu filho adoptivo, respondeu Irias; esteve

muito tempo fóra da terra, e apenas ha dous mezes voltou á velha casinha, onde foi criado.

— Mora pois em sua companhia?...

— Sim... occupa o nosso pobre sotão.

Celina olhou como admirada para Candido, que fez um movimento de desagrado, ouvindo as ultimas palavras de Irias.

— Admiro-me de o não ter visto ainda, disse Marianna.

— Passa os dias fóra de casa trabalhando, minha senhora, e quando se recolhe é já noite fechada.

— O senhor é operario?... perguntou Salustiano.

— Infelizmente não, respondeu Candido, sou escrevente de advogado.

— Seja o que fôr, disse Anacleto, é um homem que trabalha, e por consequencia digno da nossa amizade.

A conversação continuou per algum tempo ainda : quando enfim a velha e o moço erguêrão-se para sahir, Anacleto disse :

A Senhora Irias, nós somos conhecidos velhos ; quanto ao Sr. Candido, declaro que, sympathisei muito com elle, e o quero vêr assiduamente n'esta casa. Somos vizinhos... seremos bons amigos.



## VII

### Uma hora da vida passada.

Conceda-se agora um olhar sobre o passado...

Era uma d'essas bellas noites de inverno dos paizes tropicaes, onde, para vencer o frio, é de sobra o movimento e a lã.

A cidade do Rio de Janeiro estava em suas horas de poesia : a modesta fada do valle tinha sobre sua cabeça a lua cheia e graciosa que a inundava de luz; o orvalho nocturno molhava-lhe as tranças ; em redor d'ella animava-se a sua natureza opulenta e variada ; e a seus pés dormia tranquillo, resonando apenas, seu mar de aguas verde-claras, que simulava então um lago de perillamos.

A natureza estava em festa : os homens tinham também a sua. Ouvia-se o ruído de um saráo ; mas não era

no centro da alegre cidade, era no mais mimoso de seus arrabaldes.

O que havia de mais bello, de mais primoroso e rico na cidade do Rio de Janeiro, tanto pessoal como material, se achava reunido em uma elegante casa no Botafogo : dava-se esplendida festa ; importa pouco conhecer a origem d'ella ; o essencial é saber que havia uma festa.

A casa brilhantemente illuminada, ostentando riqueza immensa e luxo desmedido, era, apesar de vasta, pequena para a multidão que a pejava.

O jogo, a dança, a musica exercião ali seu imperio em salas diversas, e sobre vassallos differentes.

Aquelles a quem a idade ou o estado affastava do amor, e enfim os poucos de todas as idades e estados que erão escravos da mais terrivel paixão prestavão vassallagem ao jogo.

Os outros todos corrião para as salas de dança e musica : lá estava a mulher.

Havião sobre cem ainda muitas senhoras.

O estrangeiro curvava-se gostoso sob o poder d'essas vistas ardentes jogadas pelos olhos negros das Brasileiras : ali o Arabe lembraria baixinho suas canções aos olhos das gazellas...

Mas no meio d'essas mulheres todas, entre mais de cincoenta virgens bellas em todo fulgor de verdes annos, com todo interesse de sua intacta pureza, de sua quasi angelica innocencia, ainda assim levantava sua cabeça de rainha uma senhora, já casada, e que não se podia dizer menina como ellas.

Alta, elegante, extremamente bem feita, de cabellos e olhos negros, côr morena, labios grossos e bellos dentes, ostentava uma belleza especial : havia em seus modos uma mistura de segurança e nobreza, que impunha respeito e admiração ; de voluptuosidade e ardor, que

desafiava lascivos desejos : era uma belleza como que selvagem e perigosa : essa mulher tinha sobre tudo um olhar insolente, uma voz melodiosa, e um andar provocador.

Trazia ella os cabellos primorosamente penteados e ornados com uma preciosa borboleta de brilhantes ; rosetas das mesmas pedras nas orelhas, e o collo côr de jambo, nú, para melhor ostentar sua perfeição ; seu vestido era de seda côr de Izabel, e adivinhava-se enfim dous pequenos pés presos em sapatinhos de setim : tinha na mão direita um ramallete de violetas, e na gola do vestido mesmo junto da axilla, um cravo rajado, que exprimia um não sei que de provocadora graça.

Não era uma incognita : a assembléa toda conhecia o seu nome e respeitava-o : tão encantadora como honesta, contentavão-se com admirar-a.

Formára-se defronte, mas um pouco longe d'ella, um circulo de mancebos que fazião por mil maneiras o seu elogio ; depois de haverem discutido e concedido a corôa de rainha d'aquella festa á bella senhora :

— E' um homem verdadeiramente feliz, disse um d'elles, o marido de uma tal mulher.

— Feliz por todas as razões, accrescentou um segundo.

— Como por todas as razões?... perguntou terceiro mancebo.

— Oh ! pois será preciso explicar-me?...

— Bem entendido, se fôr de sua vontade.

— Pois bem : feliz porque possui uma mulher formosa.

— Convenho.

— Dotada de bastante espirito.

— Tenho ouvido dizer.

— Que é fiel aos laços que a ligão.

— Devo crê-lo.

— Que ama a seu marido exclusivamente.

— Quem sabe?

— Agora, meu caro, sou eu que tenho o direito de pedir explicações.

— Estou prompto para dal-as.

— Vamos pois.

— Digo que estou fatigado de ouvir fallar na pureza e lealdade d'aquella senhora : oh !... chamar-me-hão dissoluto... dirão que tenho a moral pervertida... póde ser ; mas confesso que no ostracismo de Aristides votaria como o camponez que o desterrava por se achar cansado de ouvil-o chamar — o justo.

— Com effeito !...

— E ainda mais : eu respeito muito as leis da natureza : creio firmemente que todos podemos ser escravos do erro, e que por tanto se a interessante senhora, que seguindo creio, faz parte do genero humano, ainda não errou, póde errar.

— Mas ao menos ainda não errou.

— Dá-me ás vezes vontade de tentar... eu daria metade da minha riqueza para ser uma verdadeira tentação !

— Alguns sorrisos applaudirão o leviano mancebo ; um só do que estavam no circulo moveu-se com sentimento de reprovação, e disse :

— Senhor, sou amigo do marido da senhora de quem se trata, e me penalisa que com tanta ligeireza se falle d'ella em minha presença.

— Mas, meu Deos, ninguem a offendeu aqui ; eu fallei sòmente no respeito que se deve ás leis da natureza.

— Uma vida pura, senhor ; um comportamento illibado, merece alguma consideração : é uma mulher encantadora, convenho ; ninguem com tudo ousa lançar-lhe em rosto a mais passageira leviandade, nem a menor

tendencia para o galanteio : se tem algum crime, é o de ser bella.

— Devia ter mais uma virtude.

— E qual?...

— A de se deixar amar.

— Senhor, vejo que cumpre retirar-me : defronte um do outro por mais tempo, poderíamos perturbar o prazer e harmonia d'esta assembléa ; porque eu respeito a amizade, e o senhor insulta uma mulher, por saber que as mulheres não se vingão.

Dizendo assim, o mancebo travou do braço de um amigo, e retirou-se para o fundo de outra sala.

— Henrique ! disse-lhe o amigo, tu estás pallido como a morte.

— E' porque tenho uma morte no pensamento, Carlos.

— Como?... que queres dizer ?

— Quero dizer que ámanhã hei de bater-me com aquelle insolente, a menos que elle sobre ser insolente, não seja tambem covarde.

— Estás louco, Henrique.

— E' possivel... e desde muito.

Os dous moços ficarão em silencio alguns instantes : finalmente, Carlos, com voz grave e solemne, disse :

— Não te assiste o direito de vingar aquella senhora.

— Como?... não sou amigo de seu marido?...

— Sim ; porém o tens offendido dez vezes mais que o estouvado mancebo, que fallava ha pouco.

— Offendido?... eu... de que modo? ..

— Henrique, tu amas a mulher do teu amigo.

Henrique estremeceu vivamente, e depois respondeu em voz baixa e apertando a mão de Carlos :

— E' verdade ; mas sei amal-a em segredo.

No entretanto continuavão a gracejar no circulo, que pelos dous jovens havia sido deixado.

— Pois hem, disse o leviano ; vou vingar-me nobre-

mente d'aquelle assomado mocinho, que d'aqui sahio ha pouco.

— E por que meio?...

— Trabalhando por tornar a nossa rainha um pouco menos merecedora de sua dedicação, e enthusiasmo.

— E' uma empresa um pouco difficil.

— Eu a reputo bem simples.

— E então?...

— Vou requestal-a.

— Quando começa?...

— Boa pergunta... já.

— Para ser repellido.

— E' provavel que não ; e para o mostrar... eis-me em campo : adeos... rezem por mim...

— Uma palavra ainda...

— O que temos?...

— Uma concordata : se alancar victoria, trar-nos-ha uma violeta do bouquet, que ella cheira n'este momento.

— Não : uma violeta é bem pouca cousa : trarei no meu peito aquelle cravo, cujo pé deve estar fazendo cocegas terriveis na axilla da nossa bella.

— Está dito.

— Adeos pois... e outra vez rezem por mim.

O presumido mancebo foi direito até á cadeira em que se achava sentada a senhora morena.

— Minha senhora, disse elle ; eu vinha declarar a V. Ex. que sou um consummado traidor.

— Sinto, senhor, não poder louval-o por isso.

— Estava ali com aquelles senhores, fallando mesmo a respeito de V. Ex.

— E' possivel.

— Julguei que V. Ex. estimaria saber o que diziamos.

— Enganou-se ; sou bem pouco curiosa . se erão elo-

gios, não sabendo d'elles, poupo-me a agradecimentos que ás vezes me custão muito; se me desabonavão, furto-me ao desgosto de ouvir censuras que realmente, ainda quando justas, não agradão nunca.

— E se acaso se houvessem dito cousas, que muito conviesse que V. Ex. as soubesse?...

— Pediria que as fossem referir a meu marido.

— E se o marido de V. Ex. as não devesse saber?... se mesmo cumprisse que elle as ignorasse sempre? replicou o mancebo.

— Não comprehendo... mysterios tão assombrosos, mas que se tratão em uma sala de baile, ao compasso das contradansas, e em um circulo de moços, alguns dos quaes devem ser bem levianos, são em verdade cousas muito incompreensiveis!

— Se todavia V. Ex. quizesse arrasar esses segredos, achar o fio d'esse labyrintho, ou decifrar essa charada...

— Senhor... sou tão pouco intelligente!...

— Eu me obrigaria a aclarar-lhe tudo, desempenharia meu papel de consummado traidor, com a condição de V. Ex. aceitar o meu braço e dar comigo um passeio.

— Ah!... que tempo e que eloquencia que V. S. gastou para pedir-me um passeio!...

— E então?... V. Ex. será tão benigna que me não rejeite?...

— Mas eu estou tão cansada!

— Vejo que é ser importuno insistir, mas eu insisto.

— Sinto que é ser incivil teimar, mas eu teimo.

— Teima em que?...

— Em ficar sentada.

— Minha senhora, comprehendo que para quem não tem a honra de ser de V. Ex. conhecido, eu já pretendo muito; mas póde V. Ex. estar certa que eu não seria capaz de offendê-la.

— Oh ! não é isso : creia que sou pouca moedrosa.

— Ha pouco eu juraria o contrario.

— Pois passeemos.

Um raio de alegria terrivel brilhou nos olhos do mancebo : guardou silencio por alguns momentos, e quando se achou fóra da sala da dansa, começou, dizendo :

— Quer V. Ex. que eu comece a ser traidor?...

— Ah ! pois deveras temos uma historia?...

— E no fim um verdadeiro mysterio.

— Eu lhe escuto.

— Verá que vou trahir a mim mesmo.

— Diga... diga.

— Sustentava-se no circulo em que eu me achava, que V. Ex. era encantadora : todos concordarão e eu tambem.

— Só isso?...

— Engraçada ; convierão todos, e eu tambem.

— Mais nada?...

— Espirituosa ; todos apoiarão, e tambem eu.

— E que mais?...

— Inconquistavel ; todos o affirmarão, menos eu.

— Menos o senhor?!!!

— Sim, minha senhora ; eu declarei que não havia mulher, de quem algum homem se não pudesse fazer amado.

— E disse bem, porque eu amo meu marido.

— Perdôe-me ; é que eu me não referia ao marido de V. Ex.

— Ah ! senhor !... isso agora...

— Minha proposição foi geralmente combatida.

— Fizerão-me justiça.

— Mas eu fui por diante ; sustentei quanto havia dito e jurei demonstral-o.

— E como, senhor?...

Fazendo-me amado de V. Ex.



A senhora morena olhou espantada para o insolente que assim lhe fallava, e encontrou fitos em seu rosto dous olhares frios, mais impassiveis.

— Senhor!... disse ella com voz alterada.

— Jurei, proseguio o mancebo, que conseguiria isso hoje mesmo.

— E' incrivel tanta ousadia!...

— E que em signal de minha victoria levaria no meu peito o cravo, que está ahi ornando o de V. Ex.

— Eu tenho pena do senhor, porque realmente me parece um pobre louco.

— Pena tenho eu de V. Ex., disse o mancebo apertando o braço da senhora: porque eu hei de d'aqui a pouco apparecer com esse cravo no meu peito; e d'aqui a pouco V. Ex. ha de na sala que deixámos, pelo menos, fingir-se docil a meus cumprimentos, e grata a meus extremos.

— Commetti uma imprudencia, em aceitar o braço de um fatuo que não conhecia, respondeu com nobre altivez a senhora; mas o senhor vai já levar-me a meu lugar, se não quizer vêr retirar-me só, e dizer em voz alta que qualidade de homem atreveu-se a offerecer-me o braço.

— Tanta fereza!..

— Senhor... tornemos á sala... aliás...

— Pois bem... V. Ex. ouvirá primeiro duas palavras, e depois... veremos.

.....  
— No fim de meia hora os dous entrarão na primeira sala.

O cravo que ornava o peito da senhora, tinha passado para o do mancebo: elle estava radiante; ella muito pallida.

Henrique quando vio o cravo rajado no peito do atre-

vido moço, deixou-se cahir em uma cadeira, como fulminado por um raio.

Depois, passada uma hora ergueu-se, e Carlos chegou-se a elle.

— Então, Henrique, pretendes ainda bater-te amanhã?...

— Não Carlos; mas parto para França no primeiro navio que der á vela.

. . . . .  
Esta scena occorrêra no meado do anno de 1843.

. . . . .  
A senhora morena que se havia tornado pallida, chamava-se Marianna.

O nome do mancebo fatuo que se fizera radiante, era Salustiano.



## VIII

### O pobre entre ricos.

Em consequência das relações que com seus vizinhos entabolára inesperadamente, Candido teve de modificar esse correr de vida a que se havia condemnado: se o emprego de seus dias era ainda como d'antes, todo votado ao trabalho, parte de algumas de suas noites já elle passava fóra do velho sotão.

O convite de Anacleto não fôra simples fórmula de civilidade. Duas noites depois da tarde em que os moradores do Purgatorio-trigueiro fizeram sua visita de agradecimento á Bella Orphã, Candido recebeu um bilhete de Marianna, no qual, da parte de seu pai, o convidava para passar algumas horas no Céu côr de rosa.

De então por diante, força foi repetir a miudo essas noites de serão, porque, ou novos convites de Anacleto

vinhão lembrar-lhe e chamal-o para esse gozo, ou Irias o instigava a ir procurar a sociedade de tão bons vizinhos, mais que tudo porque contava que assim se poderia melhor destruir aquella acerba melancolia de seu filho adoptivo.

E Candido, que parecia abandonar-se a uma como que obediencia passiva ; que sempre mostrava corresponder de má vontade aos convites de Anacleto ; que nunca deixava de resistir ás instigações da velha Irias ; que quando transpunha o alpendre do Céu côr de rosa, parecendo querer desculpar-se ante sua propria consciencia, dizia entre si « Não é voluntariamente, é só por condescendencia que aqui venho » ; Candido, se não tivesse até então receio de estudar a fundo o estado de seu coração, sentiria o como lhe palpitava açodado, ao elle subir a escadinha da habitação da Bella Orphã.

Candido estava no estado d'aquelles, que tendo o espirito mergulhado na duvida, e o coração nadando na verdade, mentem a si mesmos sem querer... sem sentir.

E todavia os serões do Céu côr de rosa devião agradar ao joven melancolico : ali não o podia turvar, nem o peso de uma multidão ruidosa, nem o cansaço de uma vigilia prolongada : os convidados erão poucos, escolhidos, e sempre os mesmos ; e á meia noite todos se retiravão : até á meia noite conversava-se, jogava-se, e quasi sempre o dominio dos serões era exercido pela dança e pela musica.

O papel de Candido era comtudo muito limitado nos serões do Céu côr de rosa : elle nunca jogava ; dansára á força uma ou outra vez, conversava quasi sempre com Anacleto, e a respeito de musica se desculpara como pouco entendedor da materia.

Apezar porém de sua completa inacção, era Candido muito bem tratado no Céu côr de rosa. Anacleto o dis-

tinguia da maneira mais positiva ; ha um mez apenas que víra esse mancebo, e já parecia votar-lhe decidida e forte amizade. Marianna o cercava de atenções e cuidados ; Celina o tratava com angelica doçura.

E a sociedade que costumava reunir-se no Céu côr de rosa, acompanhava, ou fingia acompanhar os donos da casa nos sentimentos que parecião nutrir por Candido.

Um só homem do mancebo se affastava ; um só homem ali concorria, que mostrava desestimar o pobre mancebo : era Salustiano.

Tambem de sua parte, Candido pagava com extrema gratidão aquellas demonstrações de estima.

Ao pé de Anacleto seu coração se abria todo a esse nobre e expansivo sentimento que se chama amizade ; sentimento elevado e bello, que um vil interesse não mingua e acanha, nem a baixeza do ciume tolda e degenera.

Contemplando Marianna, a acerbidade de sua melancolia se aplacava, se mudava quiçá em doce tristura ; elle achava n'aquella mulher um encanto poderoso, que o convidava a amal-a, não com esse extremo ardor com que se adora uma amante, mas com a affeição socegada e benigna, que se tributa a uma irmã... a uma boa amiga.

Seguindo algumas vezes com os olhos a Bella Orphã, elle sentia... mas era esse o sentimento que ainda Candido não ousára classificar : elle olhava de relance apenas ; ouvia-a com indizível enlevo ; tinha de cór o écho de suas pisadas ; mas não se atrevia a dizer a si proprio o que sentia por Celina.

Ao resto da sociedade pagava Candido cumprimento por cumprimento, delicadeza por delicadeza.

Um só homem havia ali de quem o mancebo se affastava ; era Salustiano. Antipathia inexplicavel tinha entre

elles dous levantado uma barreira, ou cavado um abysmo.

Por consequencia devemos concluir, que apezar da presença de Salustiano, o coração de Candido agradavelmente se dilatava n'aquelles serões?... Antes de assim concluirmos, cumpre primeiro lembrar-nos de que Candido era um moço pobre e sem nome, e em seguida estudarmos a physiologia do coração do pobre, e a physionomia da sociedade em que elle vive; sociedade geralmente pervertida, que repelle sem discutir a pobreza e o desvalimento.

Estudemos pois, e comecemos pela sociedade.

Pois que na vida moral e physica do universo é tudo mais ou menos compensado, cumpria que em paga de seus mil dissabores, provasse o homem pobre uma feliz compensação. Elle, que de tantas cousas carece na triste vida que vive; elle, verdadeiro Tantalo, que vê no mundo um mar de gozos, e a nenhum d'esses gozos póde tocar com os labios; elle devia achar na sociedade d'aquelles que mais tem, uma hora de esquecimento d'aquillo que em vão deseja.

Mas o que é que todos os dias estamos vendo?...

Nós não queremos fallar do homem intromettido que, pobre ou não, em toda parte apparece, arranca á força o seu quinhão em tudo, não querendo vêr a cara má que lhe fazem, nem querendo ouvir a indirecta insultante que se lhe atira ao rosto: fallamos, creamos para d'elle fallar, o pobre cheio de merito e de pudor, que vê, que ouve, que observa, e que sente?

O que é que lhe dá a sociedade?... o que é que dá a elle, tão escondido por sua modestia, que precisa de uma mão que o levante para apparecer, e ser visto?... o que é que lhe dá?,..

Quereis vêr como a semelhante respeito se caracteriza a sociedade?... pois bem.

O pai de familia segue esse homem com os olhos, e quasi que se incommoda, se elle olha para uma de suas filhas, porque o pai de familia tem medo d'esse olhar do pobre; do pobre que não póde sustentar o peso de uma carteira, onde se julgue seguro o porvir de uma mulher.

O mancebo não procura, foge antes do joven pobre, porque receia que sua amizade pesada lhe seja; que elle o occupe alguma vez... elle, que nada tem para poder servil-o um dia.

E aquelles que não são pais de familia, nem mancebos, e que com tudo são ricos, olhão para o homem pobre por sobre o hombro, envergonhar-se-ião de lhe dar o braço n'um passeio, e quasi que tem pejo de o considerar de sua mesma especie.

A mulher... oh! mais em honra da verdade digamos aqui: a mulher é só que ainda retém alguma generosidade e nobreza no meio d'esta nossa perversão tão grande: a mulher está ahi no jogo de altas inspirações e sentimentos elevados, envergonhando o homem todos os dias: mas póde ir o pobre até a mulher?... como? se para chegar até ella é preciso vencer essa barreira de gelo, essa massa immunda que a prende?... como, se adiante da mulher está o homem?...

E quereis saber o que se pretende e se consegue com isso?... que uma linha divisoria separe os filhos de Deos; que o mundo pobre faça seu ninho muito á parte, e não vá conspurcar o céo da riqueza, que a casa do rico não seja empestada pelo halito do pobre!...

Erga-se embora o pai de familia, e diga que nós mentimos; brade o mancebo, e jure que insolente aleivosia lhe levantamos; realmente um ou outro pai de familia, um ou outro mancebo desmente essa regra; mas o ge-

nero humano ahi está em totalidade demonstrando-a na pratica de um modo abominavel.

Será que o genero humano esteja assim todo, todo pervertido?... não : em regra geral, cada homem individualmente tomado, cada um de per si repelle a theoria infernal, mas va, realisal-a na pratica ; porque cada um de per si diz, que não é elle que ha de emendar o mundo, e, em uma palavra, porque esse ente abstracto, pervertido, degenerado, immundo, a nossa sociedade emfim, aceita, abraça a theoria, e, como já dissemos, horrivelmente a pratica.

E' por isso que a sociedade não discute entre o rico estúpido e o pobre instruido : a victoria cabe sempre ao primeiro.

E' por isso que ella, sem pudor, deixa a um canto a pobreza honrada, e festeja, lambe os pés da riqueza mesmo indignamente adquirada.

E' por isso que a porta que se não abre ao pobre modesto e nobre, se escancára ante o millionario immoral, cuja presença em uma casa é ás vezes o annuncio da deshonra.

E' por isso... mas basta. E se a sociedade disser que mentimos, nós a mandaremos olhar para si mesma ; e ella ha de por força córar de vergonha, observando-se.

Ainda se o caminho da fortuna e da riqueza se facilitasse a todos homens... mas não ; uma porta de ferro a fecha, e o pobre não póde vencêl-a, porque não tem a chave que abre todas as portas... o dinheiro.

E agora pensareis, que por tal maldizemos a sociedade geral?... que sobre os hombros lhe lançamos a pesada culpa de tanta miseria?... não : mil vezes não.

Não deve ser maldita a sociedade geral ; sêl-o deve sómente a sociedade que governa.



Ahi está o poeta nacional que brada :

« Nasce de cima a crrupção dos povos. »

E ahi está a sociedade que governa, justificando o bradar do poeta :

Com a impunidade espantosa do rico.

Com o patronato, o escandalo, e a servidão vergonhosa que se presta ao rico.

Com a preferencia inaudita que em tudo se dá mil vezes ao rico sem merito algum, sobre o homem que, sendo embora distincto, é todavia pobre.

O que querieis que fizesse a sociedade geral?... ella hoje, como sempre, arremeda a sociedade que governa.

E' o governo quem desmoralisa quem tem desmoralizado o povo; o erro vem d'aquelles a quem cumpria mostrar o bom caminho, caminhando elles mesmos adiante.

Mas seja de quem fôr a culpa, o resultado é sempre o mesmo : a sociedade geralmente pervertida, repelle a pobreza e o desvalimento.

E agora comprehendei comnosco o homem pobre lançado ahi no meio da sociedade que o rejeita : entrai comnosco dentro do seu coração para poder bem sentir o que se passa n'elle.

Em consequencia d'esse constante soffrer, em consequencia da inabalavel firmeza com que a sociedade desenvolve o nefando programma da omnipotencia da riqueza, resulta, que profundas e terriveis convicções se imprimem no coração do pobre. Elle se acha convencido de que :

Nas relações politicas não se dá jámais igualdade de lei entre rico et pobre, quer se deva — proteger — quer — castigar : — ha iniquidade sempre; porque para o pobre não ha protecção, mas ha castigo, e para o rico ha protecção, ha patronato, e ha impunidade.

Nas relações domesticas, em consequencia d'essa depravação publica, tributa-se um culto espantoso á riqueza, e o homem pobre acha quasi sempre n'aquelles que mais tem, ou desprezo, ou um *esquecimento involuntario*, que dóe ainda mais, porque é a demonstração viva da propria miseria.

Sabeis qual é, e qual será o resultado de tudo isto?...

E' que hoje o pobre já não tem amor ás instituições, nem confiança no governo; porque as leis servem sómente de punil-o, e o governo não cura de protegê-lo.

E' que amanhã o pobre terá em desprezo a lei, e ha de desconfiar da sociedade que governa; e depois de amanhã... e no futuro, n'um dia emfim que felizmente bem longe está ainda, o povo pobre que é muito mais numeroso do que o povo rico, perguntará áquelles que estão de cima — se ainda não é tempo de minorar-se o peso de sua cruz, se o seu calvario não se acaba de subir nunca.

E' que hoje o pobre indifferente e soffredor, carrega o seu peso silencioso como o camello, e um dia mais tarde, ai de nós se elle chegar, levantará a cabeça, orgulhoso como o leão, e terrivel como o tigre.

Não se diga que o mundo é hoje como fôra hontem, e como será amanhã: não. No mundo tudo sobe e desce gradualmente, e n'este caso é preciso convir que a perversão e a immoralidade tem ido subindo de gráo em gráo. Deos permitta que tambem a paciencia dos que soffrem não tenha ido igualmente de gráo em gráo subindo; porque então, quando o thermometro terrivel marcar o ultimo e mais alto gráo de perversão, marcará tambem o ultimo e mais alto de paciencia.

E essa repulsão, esse desvalimento, o homem pobre encontra por toda a parte. No corpo abstracto que representa a grande familia, no alto corpo social recebe

elle essés golpes terriveis e mortaes, que ferem seus direitos naturaes e civis, que destroem a igualdade do genero humano, que dividem os filhos de Deos em dous bandos — protegidos — e repellidos.

E na pequena sociedade das familias dos ricos, o homem pobre se atira a um canto; vê rir, vê brincar, vê gozar, vê ser feliz; e quasi nunca ri, brinca ou goza, e jámais é feliz. Algumas vezes desprezado, quasi sempre involuntariamente esquecido, elle fica ao canto com a convicção de sua miseria: na pequena sociedade de que fallamos, elle soffre pequenos, mas repetidos golpes: pequenos, mas que lhe dóem muito, porque lhe vão ferir esses pontos mais dolorosos da sensibilidade.

E essa convicção da propria miseria, e de seu immenso desvalimento, tem tão grande influencia no homem pobre, que ás vezes mesmo em um circulo excepcional, mesmo na sociedade de alguns poucos que abominão a maxima diabolica, que sendo ricos não sabem *esquecer involuntariamente* o pobre, este não se anima a tomar para si um papel igual ao dos mais que ali estão, porque embora excepcional seja esse circulo, o pobre tem n'alma a convicção de sua miseria e de seu desvalimento, e por isso se entorpece, ou receia... acanha-se.

Era esta ultima a posição de Candido nos serões do Céu cor de rosa.

Que importavão as demonstrações de amizade de Anacleto, as attenções e cuidados de Marianna, e a doçura angelica de Celina?... que importava a atmospherá pura e leve que no Céu côr de rosa elle respira, se dentro de seu coração lhe estava pesando a profunda convicção da miseria do pobre?... por tanto, elle se deixava ficar escondido em um canto da sala... do seu lugar... no lugar que geralmente na casa d'aquelle que

muito mais tem, se deixa ficar o que muito menos tem.

Mas ahi mesmo, ahi n'esse retiro vinha esmagal-o o peso do seu infortunio : d'ahi elle via Celina cercada e lisongeada por mancebos que podião sorrir-se para ella, ouvia dizerem-lhe baixinho o elogio de sua belleza, e depois irem cantar com ella duetos apaixonados ; mancebos emfim, que podião merecêl-a ; e elle via esses sorrisos, ouvia o murmurio d'essas palavras ditas de subito... e não podia fazer outro tanto, porque, quem sabe se por unica resposta a seus cumprimentos, Celina lhe perguntaria : — Quem és tu ?...

E supponhamos que, graças á sua virtude e urbanidade, nada lhe dissesse Celina, não poderia essa menina perguntar dentro de si mesma : — Quem é elle ?...

E não basta simples supposição para fechar a boca do homem pobre e desconhecido, que tem no coração um pouco d'esse orgulho sagrado que todo o homem de honra se ufana de ter ?...

Por tanto, os serões do Céu côr de rosa não offerecião a Candido o encanto immenso que em outras circumstancias lhe offerecerião : a razão d'isso estava n'elle mesmo.

Mas, emfim, um pouco á força dos convites de Anacleto, e das instigações da velha Irias, e um pouco á força dos convites e das instigações de seu proprio coração, Candido era um dos mais assiduos frequentadores do Céu côr de rosa.

---

## IX

### Um serão do Céu côr de rosa.

A noite estava bella, a lua clara e brilhante e brisas suaves e frescas fazião esquecer a calma abrasadora de um dos primeiros dias de Dezembro, que acabára de passar.

Um grupo de curiosos e amadores tinha-se formado defronte das janellas do Céu côr de rosa e applaudia os cantos agradaveis que ali erão entoados.

Um velho guarda-portão estava sentado á porta, do alpendre da casa feliz.

Jacob e Helena observavão de suas janellas o que se passava e o que se dizia.

Dentro do Céu côr de rosa reinava a felicidade e borbulhava o prazer. Cerca de trinta pessoas entre senhoras e homens, gozavão o serão d'aquella noite.

Marianna estava radiante, porque defronto d'ella, e com os olhos embebidos em seu rosto, Henrique parecia crêr-se ditoso.

Salustiano não se mostrava resentido d'isso, e fazia a côrte exclusivamente á Bella Orphã.

Candido, um pouco affastado das senhoras, não parecia alegre nem triste; ia, apezar seu, bebendo a largos tragos o terrivel veneno d'alma que se bebe pelos olhos e se concentra no coração: sem o sentir, elle ficava ás vezes em extasis, contemplando Celina do mesmo modo que pelo pensamento se prendia á vida d'ella inseparavel, como a sombra de seu corpo: longe da Bella Orphã, receando aproximar-se, esquecia-se de si proprio em aereas meditações; ou outras vezes despertava cruelmente sacudido pela mão espinhosa do ciume, que lhe mostrava um joven conversando a sós com Celina, ou sorrindo-se para ella.

Os sinos tocárão nove horas.

— Oh! bem; disse Marianna: ha uma hora que cantamos: deixemos descansar aquelles que nos ouvirão, conversemos tambem.

— A commandante das moças deu a voz de — liberdade — ao seu batalhão, disse um homem de meia idade, que se suppunha muito espirituoso.

— Então hoje não se dança aqui, D. Celina? murmurou ao ouvido da Bella Orphã uma interessante moçinha.

— Eu sei, D. Felicia! se vossê quer dansar, eu vou dizer a minha tia.

— Deos me livre!

— Mas porque?...

— Porque aquelles senhores havião de pensar que eu morro por dansar.

— Que tem isso? pensavão a verdade.

— Sim... sim... porém pensariao tambem que eu gosto de dansar por causa d'elles... para conversar... para ouvil-os dizer muitas cousas...

— E não é, por isso?... perguntou Celina sorrindo-se.

— Qual?...

-- Então porque é, D. Felicia?...

— Ora, é porque a gente sempre gosta de se mostrar.

— Bravo, D. Felicia, exclamou outra moça, que se sentava perto de Celina.

— Ah! vossê estava ouvindo, D. Marianna?... pois olhe, é muito mal feito vir escutar o que se está falando em segredo...

— Obrigado pela reprehensão, minha senhora, disse um mancebo que d'ellas se aproximava n'esse momento; eu a recebo, porque, na verdãde, a mereço.

— Oh! não; não era a V. S. que eu me estava dirigindo.

— E' o mesmo; talhou uma carapuça que me serve ás mil maravilhas.

-- Pois então sirva-se, disse Mariquinhas.

-- Eu confesso que morro por saber um segredo de moça... ha sempre tanta graça nos innocentes mysterios de um coração que tem só dezeseis annos!

— Ah! tornou Mariquinhas, e se o senhor soubesse então dos mysterios de um coração como o de D. Felicia, que tem só dezeseite annos e meio!

— E desgraçadamente, nem ao menos nutro a esperanza de poder sabê-lo um dia!

-- E que mysterio... era um desejo immenso de...

— D. Mariquinhas! exclamou Felicia.

— Veja como ella córa... não... não digo : uma cousa espantosa... que póde produzir consequencias tão desagradaveis...

— Deveras, minha senhora ?...

— O senhor é de segredo ?...

— Muito.

— Pois bem : D. Felicia...

— Diga.

— Quer dansar.

O moço não pôde deixar de rir-se.

— Pois que pensa, minha senhora ?... disse elle ; mesmo isso é um mysterio : quem sabe a razão porque ella quer dansar ?...

— Não é por nada, interrompeu Felicia : eu não disse, eu não desejei cousa alguma : o que me parece é, que D. Mariquinhas está doida por uma contradansa.

— Lá isso tambem é verdade...

— Pois é facil satisfazer seus desejos ; eu vou tocar. O moço dirigio-se ao piano.

— Ah ! D. Mariquinhas ! tornou Felicia ; vossê sempre está com disposição para gracejar !...

— Mas agora não foi gracejo, foi calculo : eu queria dansar : olhe, está vendo aquelle moço de oculos verdes ?... pedio-me uma contradansa no ultimo serão, e devo pagar-lh'a n'este...

— Como anda vossê tão adiantada !...

— Qual ! atrazada pelo contrario... estou carregada de dividas... em tres bailes não pago o que devo.

— Bom... lá se tocão os compassos de prevenção... D. Leocadia já está bolindo na cadeira... que maldito costume tem aquella moça !

— Coitada... é com razão : o exercicio... o movimento a torna um pouco menos amarella.

As moças forão interrompidas por alguns cavalheiros que a ellas se chegarão pedindo contradansas.

Marianna acabava de aproximar-se de uma janella. Salustiano foi ter com ella.



— Uma contradansa... a que se vai dansar, minha senhora...

— Esta não é possível, já tenho par.

— A seguinte?...

— Também já a prometti.

— Ao mesmo cavalheiro da primeira, sem duvida... disse sorrindo-se Salustiano.

— E' verdade, respondeu Marianna sem hesitar.

— O. Sr. Henrique?...

— Elle mesmo.

— Bem, tornou Salustiano mudando de tom : hei de logo pedir-lhe um obsequio de outra ordem.

Henrique veio dar a mão a Marianna, lançando um olhar de desprezo a Salustiano, que o pagou com seu costumeiro sorrir sarcástico.

Salustiano passou ainda pelo desgosto de achar Celina engajada para 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> contradansas ; erão tantas quantas se costumavão dansar em cada serão.

A dansa começou. Candido não se tinha levantado, e conversava então com a velha Irias.

Anacleto chegou-se a elles.

— Que faz aqui sentado e triste, como um velho de setenta annos, este moço que não tem mais de vinte?...

— Estava reprehendendo-o por isso, respondeu Irias : é uma cabeça cheia de teias de aranha ; sabe cantar, e não se deixa ouvir ; dansa com graça, e o estamos vendo sentado.

— Pois elle canta?...

— Não o sabia, Sr. Anacleto?...

— Disse-nos que pouco entendia de musica.

— Olhem só que mentiroso ! exclamou a velha : canta, e tem excellente voz.

— Minha mãe, disse Candido ; para que me ha de estar compromettendo ?

— Canta, Sr. Anacleto: o sujeitinho canta...

— Deixe-o estar, que o tomo d'agora por diante á minha conta.

Terminára a primeira quadrilha.

— Venha cá, meu caro senhor, disse Anacleto tomando o braço de Candido: venha cá, e fique sabendo que não gósto de caras tristes em minha casa.

O velho levou o mancebo até junto de sua neta: Candido sentio um calafrio geral coar-lhe por todo corpo.

— Celina, disse Anacleto, apanhei este maganão em um crime: é mentiroso, é hypocrita, e tudo quanto ha de máo n'este mundo: sabe cantar excellentemente, e veio aqui dizer-nos que nada sabia de musica.

— E', senhor, que eu... realmente...

— Adeos, meu caro, já não creio em suas desculpas: Celina, fazes annos d'aqui a quatro dias; tomaremos sem duvida chá com nossos amigos na noite d'esse bello dia: não queres pedir alguma cousa ao Sr. Candido?

A Bella Orphã entendeu o pensamento do velho, e disse ao moço:

— Peço-lhe que n'essa noite nos dê o prazer de se deixar ouvir cantar.

— E agora?... responda, meu cavalheiro.

— Cantarei, minha senhora: respondeu o mancebo a tremer.

Tinha-se formado um circulo á roda de Anacleto, Candido, e Celina.

— Bem, bem; tornou o velho esfregando as mãos; mas resta que de tua parte agradeças de antemão ao nosso mentiroso o sacrificio, que vai fazer por teu respeito.

— Mas eu não sei que especie de agradecimento...

— Sabes o que elle me dizia ha pouco? que desejava ardentemente dansar comtigo a proxima quadrilha...

— Senhor... balbuciou Candido.

— Homem, não me venha com novas mentiras ; fallê, quer ou não quer dansar com minha neta ?...

— Minha senhora, disse o mancebo dirigindo-se a Celina ; ousou pedir-lhe essa graça...

A moça hesitou primeiro, e emfim respondeu :

— Com muito prazer.

Depois, levantando os olhos, vio diante d'ella Salustiano, a quem um quarto de hora antes tinha negado a mesma quadrilha que acabava de conceder a Candido.

Desfez-se o circulo que estava formado defronte de Celina : Salustiano retirou-se sem dirigir-lhe uma só palavra : as moças ficárão de novo livres da companhia dos homens.

— D. Celina, perguntou Felicia, porque é que aquelle moço tremia tanto quando te fallava ?...

— Eu sei ! é talvez por ser naturalmente acanhado.

— Restava sabermos, se elle tremeria do mesmo modo fallando a qualquer de nós outras ; acudio a maliciosa Mariquinhas.

— Porque ?...

— Porque se não tremesse, tirariamos uma bella consequencia.

— Maliciosa !... disse Felicia, em quanto Celina fazia-se um pouco córada.

O piano chamou os pares á sala.

— Nunca houve piano que tocasse mais a proposito, tornou Mariquinhas : Celina estava me contando, sem querer, umas poucas de cousas no rubor de suas faces.

— Ah ! D. Mariquinhas !...

— Cuidado comigo... não hei de tirar os olhos de vossê, enquanto dansarmos.

Dansou-se a segunda quadrilha.

Era a primeira vez que Candido dansava ao lado de

Celina : uma mistura de prazer e de acanhamento : de satisfação immensa, e de como duvida do gosto de tão grande ventura, dava ao rosto do mancebo uma expressão nova, bella e interessante.

Accrescente-se a isso a perturbação de Celina, que se sentia devorada pelos olhos curiosos de Mariquinhas, e conceber-se-ha a sensação que experimentavão, os dous quando suas mãos se encontravão, quando se vião dançando defronte um do outro, esses dous jovens, um dos quaes não sabia dizer se amava, e o outro não comprehendia ainda talvez o que era amor.

Em silencio ambos, debalde uma e outra vez tentou Candido encetar alguma conversação : tudo se terminava em breves monosyllabos pronunciados a tremer por qualquer dos dous.

A segunda quadrilha terminou ; e no correr da terceira teve principio um episodio que occupou por alguns momentos a attenção da sociedade.

Em um passo mais rapido que Celina devia fazer, cahio-lhe do cabello um botão de rosa que foi a tempo apanhado pelo seu cavalheiro de vis-a-vis.

Terminada a quadrilha o cavalheiro dirigio-se á Bella Orphã, e mostrando-lhe o botão de roso, disse :

— Na Inglaterra, minha senhora, os grandes fidalgos quando jogão, desprezão o dinheiro que lhes cahe no chão, e que emfim fica pertencendo ao criado mais feliz que primeiro o apanha. Levantei este botão de rosa que lhe cahio quando dansava ; e dar-me-hei por extremamente venturoso, se dispensar a flôr que rolou a seus pés.

— Oh ! é impossivel ! exclamou Celina com voz apaixonada ; o meu botão de rosa !... não... de modo nenhum...

— Devo crer que a minha pouca ventura...

— Não deve crêr, em nada... pouco ou muito feliz, teria sempre de ouvir a mesma cousa...

— Ah! comprehendo : não quer dar flôres a moços.

— O meu botão de rosa?... nem a moças,

— A sua melhor amiga...

— Não conseguiria arrancar-m'ô.

-- Portanto este botão de rosa...

— E' a flôr... do meu coração.

— Feliz a mão que da roseira o colheu!!

— Foi a minha.

— Póde ser... devo crêl-o... no entretanto preciso é que me sujeite ao sacrificio de entregar-lhe um thesouro, que eu poderia guardar impunemente.

— Faria uma má acção...

— Bem, minha senhora; eis ahi o seu talisman... Deos lhe conserve o valor e as virtudes.

O cavalheiro entregou o botão de rosa, talvez com má vontade, e retirou-se.

Candido, quando vio a pequenina flôr passar do peito do moço para o cabello de Celina, sentio entrar-lhe a vida no coração.

— Oh! bravo, D. Celina! acudio Mariquinhas; eis ahi um botão de rosa que deve encerrar o mais interessante mysterio.

— E' certo.

-- Foi dado?

— Não; colhi-o.

— Quem plantou a roseira?...

— Não sei.

— Mas então como se explica esse ardor, com que ha pouco pedias o teu botão de rosa?...

— E' que eu amo os botões de rosa; tenho predilecção por elles, como vossê tem pelas violetas, e D. Felicia pelos cravos brancos.

— Nada... ahi ha cousa.

Celina esteve algum tempo pensando, e emfim disse :

— Talvez.

— Oh ! pois então conta-nos : eu sou louca por historias de flôres.

— Porém é uma tolice de criança...

— Não faz mal... conta.

— Aqui não.

— Vamos ao toilette.

— Pois bem... vamos... vem comnosco, D. Felicia.

As tres moças sahirão da sala.

Anacleto, que tinha podido apanhar algumas palavras do que ellas acabavão de fallar, chamou de parte Candido, e levando-o para dentro comsigo, disse-lhe :

— Vamos de vagar... pregaremos uma peça áquellas tres sujeitinhas, ouvindo contar uma historia de flôres, que sem duvida não terá pés nem cabeça, mas que emfim poderá servir para divertir-nos.

No entanto Salustiano tinha achado occasião de fallar a sós com Marianna.

— Chegou-se a ella e disse :

— Depois de ámanhã pelas cinco horas e meia da tarde, terei a honra de visitar a V. Ex. : conversaremos durante meia hora sobre objecto tão importante, que eu tenho a certeza de que V. Ex. achará na riqueza de seu espirito meios de sobra para affastar d'aqui todas as pessoas que nos possão ser incommodas durante essa meia hora.

— Senhor !...

— Depois de ámanhã, ás cinco horas e meia da tarde.

---

## X

### Historia do botão de rosa.

Em lugar de ir com as duas amigas para o toilette, que era mesmo no primeiro andar, a Bella Orphã guiou-as para o segundo, e entrou com ellas em seu quarto.

Anacleto, levando sempre pela mão a Candido, subio tambem a escada, e entrou, pé por pé, com o mancebo no quarto de Marianna.

As duas camaras erão apenas separadas por uma delgada parede, e uma portinha as communicava pelo fundo : a portinha estava simplesmente tapada com um leve reposteiro, ou melhor, com uma cortina de seda cõr de rosa debruada de fita azul.

O velho levou o moço ao fundo da camara, e com precaução e cuidado correu a cortina. O quarto de Ma-

rianna não tinha luz ; no de Celina ardião tres velas em um candelabro de bronze.

Candido vio primeiro um leito virginal defendido por cortinados de cassa branca, e atravez d'elles tres moças encantadoras, cujas elegantes fórmãs se desenhavão ainda na sombra.

E não pôde vêr mais nada, porque Celina começava a fallar.

A Bella Orphã pronunciou algumas breves palavras ; mas olhando para as duas amigas, e lendo-lhes no rosto a curiosidade com que estavão, córou, e hesitando, disse :

— Ora... é uma puerilidade... um sonho de criança, que parece loucura contar.

— Não, não, D. Celina ; conte sempre.

— Ha de ser por força muito bonito.

— Sem duvida ; pois que além de tudo, é um sonho de flôres.

Celina principiou a contar a historia do botão de rosa, com os olhos pregados no collo.

— Foi no dia em que eu fiz treze annos : jantárão e passárão a noite comigo duas camaradas de collegio, ambas dous annos mais velhas do que eu : D. Luizinha e D. Leopoldina : Leopoldina era viva como vossê, D. Felicia ; Luizinha maliciosa, como vossê D. Mariquinhas.

— Obrigada pelo elogio, disse esta.

— Deixe-a fallar, acudio Felicia.

Celina continuou.

-- Tres moças que se conhecem desde a infancia, que brincárão juntas, e juntas estudárão, tem sempre tantas cousas para se dizer, que a certa hora nós nos escapámos da sala, e fugimos para conversar sem testemunhas, escondidas no meu quarto : foi n'este mesmo



## XI

### Velando e sonhando.

Ao bafêjo dos zephyros, e ao clarão do luar, uma joven e um mancebo velavão á mesma hora.

Essa hora era socegada, muda, mysteriosa e bella : era além da meia noite.

Depois de muito tempo, depois de tanto tempo, que já a velha Irias se não lembrava do dia em que pela ultima vez fechára as janellas do sotão do Purgatorio-trigueiro, abria-se emfim aquella d'essas janellas, que deitava para o fundo, e junto d'ella sentára-se um mancebo.

No Céu côr de rosa duas mãosinhas brancas e delicadas, tinhão levantado uma vidraça ; e uma joven encantadora se recostára a essa janella, que era a de seu quarto, e que seu abria para o jardim.

Esses dous mancebos que não podião vêr-se, ficarão abi silenciosos... meditando.

Respiravão ambos uma atmosphera perfumada pelas exalações das flôres do jardim do Céu côr de rosa.

E os pensamentos que deixavão escapar essas duas almas virgens, subião talvez ao céo nas azas de faceiras auras embalsamadas de aromas.

O mancebo, que ali estava meditando, tinha apenas vinte annos, e a moça contava sómente dezeseis.

Em que pensavão elles?...

Tão moços, tão novos, com a ligeireza da adolescencia, com o frescor e doçura da primavera da vida, porque estão, e como podem elles dous estar presos a uma só idéa, pensativos e melancolicos?...

A meditação pertence á velhice; e todavia aquelles dous mancebos, com os olhos no céo, e o coração na terra, meditavão tambem. . . . .

. . . . .

Celina e Candido começavão a pagar um tributo sagrado que á natureza se deve... sem querer... sem pensar em tal, elles devião prender-se pelos pensamentos primeiro, e finalmente pelo coração...

Tinhão-se retirado as visitas, os amigos que havião formado o ultimo serão do Céu côr de rosa; a Bella Orphã achava-se emfim a sós no seu quarto, onde duas horas antes contára a suas amigas, o sonho do botão de rosa...

Tres annos antes, tambem em uma noite, ella conversava com duas amigas, e depois viera deitar-se pensativa e triste como o fizera agora...

Marianna entrou no quarto de Celina, e abrindo as cortinas do leito, deu-lhe um beijo nos labios e disse :

Dorme bem, Celina.

quarto! disse a moça, cortando com um suspiro sua narração.

— N'este mesmo quarto! murmurarão como admiradas d'aquella coincidência, as duas ouvintes.

— Passámos muito tempo, proseguio a Bella Orphã, a rirmo-nos muito, lembrando-nos do passado, e de nossas travessuras; e depois misturámos com essas alegrias tantas saudades... tantas... e tão grandes, que estivemos a ponto de chorar: depois sonhámos também com o futuro, e nossas cabeças de meninas o ião desenhando sempre tão bonito... tão bonito!!... emfim tivemos vontade de fallar no presente, e Luizinha deu-me um beijo e me disse:

— Já estás moça, Celina!

— E' verdade, disse Leopoldina; já estamos todas tres moças; e, continuou ella rindo-se, aqui para nós, somos bonitas.

— E como é bom ser moça, quando se é bonita, tornou Luizinha, os velhos no admirão, as outras senhoras nos invejão, e os moços nos amão.

— Antes todos nos amassem, disse eu.

— Como ella é!... exclamou Leopoldina rindo-se muito.

Eu fiquei admirada d'aquelle tanto rir, que me parecia muito fóra de tempo.

— Em parte também eu sou assim, tornou Luizinha; não amo a ninguem ainda; mas quizera que todos bebessem os ares por mim: quando eu passo junto de um homem, a quem vejo mesmo pela primeira vez, e elle me olha de certo modo e acompanha com a vista, ou me segue, eu gósto... eu confesso que gósto.

— Oh! sim disse Leopoldina; mas é tempo de fazermos um ajuste.

— E qual? perguntei.

— Logo que uma de nós amar, dil-o-ha em confidencia ás outras.

Eu comecei então a pensar que havia algum grande mysterio na vida, que essa palavra — amar — queria dizer.

— Pois bem, tornou Luizinha, eu estou prompta... é um bello ajuste ; porque eu nunca terei vergonha de o dizer : quando amar, hei de amar bem, e a quem bem o merecer.

— Sim !... e tambem eu, disse a outra.

— Não ha de ser com seu ouro e suas riquezas que poderá um homem agreste, frio, e sem espirito comprar o meu coração.

— Oh ! sim !... exclamou Leopoldina.

— Nem ha de ser o velho que poderia ser meu pai, quem, a preço de suas carruagens, ou de sua brilhante posição na sociedade, de suas commendas ou de seus palacios, ganhará a minha mão.

— Oh !... sim !...

— Ha de ser um moço... bem moço, pouco mais velho que eu... bástão quatro ou cinco annos ; um moço bonito, com cabellos annelados, olhos brilhantes, dentes claros, sorrir gracioso, e mãos finas ; com espirito cultivado, genio alegre, e..., não precisa ser rico.

— Ora ! para que dinheiro ?... acudio Leopoldina.

— E tu que dizes, Celina ?... disse Luizinha, dirigindo-se a mim.

Eu fiquei em silencio por algum tempo : mas emfim, córando muito de minha ignorancia, perguntei :

— O que é amar ?

Minhas duas amigas começarão a rir-se tanto... tanto... que por fim causou-lhes piedade a perturbação, em que me punha a hilaridade que eu provocára.

— Pois não sabes o que é amar ?...

— Amo a meus pais, a meus parentes, a minhas amigas, e aos amigos de meus pais : o mais não sei.

— Coitada! murmurou Leopoldina.

— Pobre criança !... accrescentou a outra.

Eu me achava realmente confundida.

— Luizinha, explica-lhe o que é amar, disse Leopoldina.

Então Luizinha tomou uma de minhas mãos entre as d'ella, e me fallou assim :

— Celina, eu vou dizer-te que é amar um homem, que não é nosso pai, nem nosso irmão, nem nosso amigo ; escuta. Nem sempre pertencemos a nossos pais : chega um dia, em que a nossa vida começa a correr de outro modo, e deixando aquelles que nos derão a existencia, passamos a ser a eterna companheira de um homem, que deve amar-nos, e trabalhar para nós, que reparte connosco seus prazeres, e seus pezares ; que fórma com sua companheira um ente só ; que é o nosso melhor amigo, e mais do que nosso irmão : ora pois, escolher, mesmo sem se querer, sem se sentir, mas escolher com os olhos e com o coração entre mil, entre todos um homem, ao qual desejamos pertencer d'esse modo ; pensar n'elle de dia, sonhar com elle de noite, estar triste em sua ausencia, tremer de alegria e de pejo a seu lado, resistir ás ordens de um pai, que manda esquecê-lo, e lebrar-o ainda mais depois d'isso, jurar ser d'elle ou de ninguem, e soffrer emfim tudo por elle ; eis aqui o que é amar.

— Ah! Celina! exclamou Mariquinhas interrompendo-a; a tua camarada tinha aproveitado muito no collegio!...

— Não a interrompas, disse Felicia.

Celina continuou :

— Eu fiquei pensativa e admirada : nunca me tinha

vindo ao pensamento, que se pudesse amar assim a um homem estranho.

Luizinha ainda se dirigio a mim.

— E agora, que já sabes o que é amar, Celina, é preciso que subscrevas ao nosso ajuste; que nunca sejas a companheira de um homem a quem não tenhas amor; e que, finalmente, logo que chegues a amar, nol-o digas em confidencia.

— Mas quem sabe se chegarei a amar d'esse modo?! respondi eu.

Minhas duas amigas começárão a rir-se de novo; e Luizinha replicou :

— Has de chegar, Celina; o amor vem quasi sempre contra nossa vontade, e ainda contra nossa vontade se deixa ficar em nossos corações.

— E como sabes tu isso, Luizinha?...

— Ora! tornou-me ella; achei uma boa amiga que me deu as explicações que agora te estou dando.

— Quem nos diz que ella não ama já?... disse Leopoldina.

— Ainda não : mas vamos ao nosso ajuste : tu subscreves a elle, Celina?...

— Subscrevo, respondi hesitando.

— Vamos jurar ! exclamou Leopoldina.

Fizemos um juramento de moças : jurámos por nossa amizade, e sellámos o nosso pacto com beijos.

Descemos, e entrámos na sala, onde todos notárão que eu estava pensativa e um pouco melancolica.

A's onze horas da niote retirárão-se nossas visitas. D'ahi a pouco meu pai abençoou-me, e eu subi de novo para meu quarto.

Deitei-me : minha mãe entrou, dirigio-se a meu leito e como costumava fazer todas as noites, beijou-me nos labios e disse :

— Dorme bem, Celina.

Achei-me só.

Começarão então a ferver em minha cabeça aquellas idéas que eu tinha pela primeira vez concebido : foi-me impossivel dormir durante muito tempo ; julguei que delirava ; pensei que ia ficar doída, porque ás vezes parecia-me vêr ao redor de mim meninos loiros e travessos, que corrião, saltavão, chegavão-se a meus ouvidos, dizião baixinho — amar! — e fugião de novo correndo, saltando, e rindo-se muito ; outras vezes era uma mão invisivel, que estava escrevendo pelas paredes de meu quarto, e com [tinta de fogo, essa mesma palavra — amar!...

Emfim, adormeci.

Mas o pensamento, que me governava accordada, não me deixou dormindo : apesar meu, a idéa unica que me occupava até no somno, era essa mesma que me tinham feito conceber na palavra — amar.

Sonhei.

Eu estava em um valle coberto de verde gramma : defronte de mim erguião-se dous montes altos, e povoados de lindas palmeiras ; por entre elles prolongava-se um lago profundo, mas de aguas tão limpidas, que se lhe via perfeitamente o leito de areias de ouro.

O lago, que se continuava por entre os montes, vinha terminar-se no valle, e a poucas braças de um outeirinho, onde eu estava sentada debaixo de um caramanchão natural.

Não era dia nem noite ; era a hora do crepusculo.

De repente souu uma musica doce e maviosa, como eu nunca tinha ouvido ; e uma multidão de meninos semelhantes aos que eu imaginára accordada, todos elles lindissimos, loiros, muito claros e rosados, vierão com cestinhas de flôres nos braços dansar ao redor de mim.

A musica soava sempre... sempre... e parecia que vinha do céo.

No fervor de sua dansa começárão os meninos a lançar flôres sobre mim; derramou-se na atmosphera um immenso perfume... delectoso... embriagador... e a musica soava sempre tão doce... tão bella, que eu me senti adormecer entre perfumes e harmonias.

Mas era um somno de encanto, no qual eu via tudo quanto se passava no valle...

Então o mais formoso d'aquelles meninos tirou d'entre os cabellos, que erão fios de ouro, uma setta pequenina, porém muito aguda, chegou-se a mim, e rasgando-me o peito, arrancou-me o coração.

Eu não senti dôr, nem correu sangue; e a ferida de meu peito fechou-se de repente a um beijo, que n'ella deu o menino; e não ficou cicatriz.

A musica cessou immediatamente, esvaecêrão-se de subito os perfumes; os meninos batêrão palmas, e soltárão grandes risadas, e eu, despertando ao ruido d'ellas, comecei a chorar muito por vêr o cruel roubador levar o meu coração.

A poucos passos de mim o menino cavou a terra com a seita, lançou na cova que fez, o meu coração, e cobrio-o com a mesma terra que havia tirado.

E os outros que me vião chorar muito, vierãe com as mãosinhas aparar minhas lagrimas, e forão com ellas regar o meu coração, que estava plantado.

Chorei ainda, e emquanto chorei, elles regárão a terra; e quando o meu pranto cessou, vi ir nascendo um arbustinho no lugar onde o meu coração fôra plantado.

Os meninos mal percebêrão que o arbustinho vinha brotando, corrêrão para os montes batendo palmas e rindo-se muito.

Desceu então do céo um bello anjo, que veio voar á



roda de mim, e depois pousou entre flôres sobre o caramanchão : esse anjo tinha o rosto de minha mãe, e olhava para mim tão piedoso !...

E o arbustinho foi crescendo... foi crescendo... era uma roseira : começou a florescer e botou tres botões : um do lado esquerdo, outro da parte direita, e o terceiro em cima.

Quando os botões estavam completamente desenvolvidos, eu vi um batel que vinha sahindo d'entre os dous montes, e navegando pelo lago.

O batel era lindissimo, as cortinas erão de franjas de ouro, as vélas de seda, os marinheiros tinhão cintas marchetadas de esmeraldas e diamantes ; e o dono do batel, vestia com riqueza tal, que só se vê em sonhos, e que não se póde explicar em desperto.

O dono do batel saltou no prado, e apesar de sua magnificencia, eu tive medo de seu olhar, que era feroz, de seu sorrir, que era medonho, de suas mãos, que erão de desmesurada grandeza.

E elle veio vindo... veio vindo... até que parou de frente da roseira.

Eu levantei a cabeça, olhei para o meu anjo, e vi-o tremendo de susto, e me olhando com expressão de dôr tão profunda, que desatei a chorar desolada.

O dono do batel não quiz vêr a minhas lagrimas...

Com ar pretencioso, com passo firme, aproximou-se da roseira, e colheu o primeiro botão... era o do lado esquerdo.

Mas quando o quiz levar aos labios para beijal-o... o botão se foi mirrando... mirrando... mirrando... até que sumio-se de todo, e se esvaio em um sopro, que simulou um suspiro.

O meu anjo soltou um grito de prazer, e o batel e seu dono desaparecêrão inopinada... inexplicavelmente.

Tudo mais ficou como estava; e a roseira com os dous botões, que lhe restavam.

E logo depois eu vi, não um batel, mas um carro que vinha sahindo d'entre os montes, e navegando pelo lago.

O carro era todo de prata, e puxado por grandes cavallos negros riquissimamente ajaezados, que bufando, nadavam, como se fossem peixes: os criados vendião em magnificencia e luxo aos marinheiros do batel: outra vez riqueza e brilhantismo; mais riqueza ainda do que ha pouco.

E saltou no prado o dono do carro de prata: vinha coberto de vestes muito ricas e muito lindas, e tinha o peito cheio de brilhantes medalhas; mas apesar d'isso eu vi, que seu olhar estava amortecido, seu rosto pallido e rugoso, e suas mãos já trémulas: era um velho.

E elle veio vindo... veio vindo... até que parou defronte da roseira.

Eu levantei a cabeça, olhei para o meu anjo e vi-o tremendo de susto, e me olhando com expressão de dôr tão profunda, que desatei a chorar desolada.

O dono do carro de prata não quiz ouvir as minhas lagrimas...

Com ar tambem pretencioso, mas com passos mal seguros, aproximou-se da roseira, e colheu o segundo botão... era o do lado direito.

Mas quando o quiz levar aos labios para beijal-o... o botão se foi abrindo... abrindo... abrindo... os petalos de rosa se forão um a um transformando todos em penas de mil côres, até que todo o botão se metamorphoseou em passarinho, que escapou-se das mãos trémulas do velho, e voou direito para o céu.

O meu anjo soltou um grito de prazer, e o carro e o velho desaparecêrão como o batel e seu dono.

Tudo mais ficou como estava : sómente a roseira é que tinha dous botões de menos.

Só restava o terceiro botão.

Veio vindo emfim por entre os dous montes, e navegando pelo lago, não um batel, nem um carro de prata puxado por cavallos negros ; mas uma grande cêsta formada por um bello tecido de flôres, e conduzida por formosas garças que trazião suas azas brancas fóra d'agua.

Soou de novo a musica maviosa e doce, e as garças exhalárão por seus bicos aromas deleitosos... mas d'essa vez eu não adormeci entre os perfumes e as harmonias.

E saltou no prado um mancebo tão bonito... tão bonito... com seus cabellos negros e ondeados, e um sorrir que era todo meiguice e ternura !... não havia nem riqueza, nem magnificencia ; havia graça e belleza.

E elle veio vindo... veio vindo... até que parou de frente da roseira.

Eu levantei a cabeça, olhei para o meu anjo, e o vi como nadando, entre a duvida e a esperanza, e olhando, ora para mim, ora para o mancebo, com ternura tanta, que eu fiquei tambem anciosa e anhelante, olhando, ora para o meu anjo, ora para o bello mancebo, que eu já temia vêr passar sem colher o botão de rosa, que unico restava.

O moço da cêsta de flôres pareceu adivinhar minha esperanza, e se sorriu com um sorrir tão meigo !...

Com ar gracioso, e leves passos, aproximou-se da roseira, e colheu o terceiro botão...

Mas quando o quiz levar os labios para beijal-o, o botão se foi abrindo... abrindo... abrindo... até deixar patente todo o seu seio... não havião petalos de rosa... lá estava o meu coração...

O anjo, que tinha o rosto de minha mãe, bateu as azas, e baixando o vôo, veio beijar-me nos lábios.., e voou depois para o céu.

E o mancebo correu a mim para beijar-me também ; porém eu tive medo, muito medo d'esse beijo, e soltando um grito... despertei.

Era dia.

Fiquei ainda uma longa hora na cama, pensando no meu sonho...

E desde então eu amo os botões de rosa sobre todas as flôres ; não quero nenhuma outra flôr no meu cabelo : tenho por elles uma especie de culto.

Porque sempre me parece estar vendo o meu coração encerrado em um botão de rosa.

---

E retirou-se : uma lagrima rolou pelas faces da Bella Orphã.

Tres annos antes ella estava deitada como então, e fôra sua mãe quem lhe viera beijar nos labios, e dissera :

— Dorme bem, Celina.

A semelhança d'essas duas noites, a coincidência dos factos, excitárão tanto a imaginação da moça, como a entristecia a differença, que ella notava em algumas das pessoas, que representavão n'esses factos.

E como ha tres annos antes, ella ficou reflectindo, não querendo reflectir ; primeiro muito triste... muito triste, pensando em seus pais que já não vivião... e depois levada por sua alma muito longe... muito longe... como a flôr que cahe na torrente, e que por ella é carregada até onde não póde prever...

Depois ella se lembrou de seu sonho... seu bello sonho, em que um envoltorio de petalos de rosa lhe escondia o coração, e um anjo com o rosto de sua mãe, velára por ella.

A Bella Orphã teve vontade de sonhar de novo... fechou os olhos, ao menos para vêr sua mãe com vestes de cherubim.

As diversas scenas d'aquelle sonho de virgem, que todo transpirava anjos, innocencia e flôres se fôrão representando na imaginação fervente da Bella Orphã, como se ella estivesse vendo tudo...

Primeiro o formoso prado de tapete côr de esmeralda, com seu outeirinho verde e caramanchão florido, com seus montes de palmeiras, e seu lago de aguas limpidas e de areias de ouro.

Depois a multidão de encantadores meninos com suas cêstas de flôres, e a musica que vinha do céo, os perfumes que embriagavão...

Depois o seu coração arrancado, plantado e regado com suas lagrimas, e as risadas dos meninos que fugião...

Depois o anjo com o rosto de sua mãe, que vinha velar pelo seu thesouro, guardar o coração de sua filha.

E a roseira que crescia... e os botões que nascião...

E o rico senhor, do batel de prata que desaparecia...

E o velho do carro magestoso que se sumia...

Faltava o mancebo da cêsta de flôres...

Em vez d'elle, como por encanto ainda, como por um novo sonho, a despeito da vontade de Celina, que estimava talvez admirar de novo no lindo mancebo de cabellos negros e ondeados, e olhos pretos e brilhantes... em vez d'elle... foi-se erguendo á margem do lago um tumulo sem pompa, cuja unica inscripção erão tres letras — P. A. — e um C. —, e junto d'esse tumulo, que era em tudo semelhante ao que ella vira no dia de finados, erguido á memoria de seus pais, estava rezando ajoelhado um mancebo pallido e melancolico, que lhe estendia a mão, e a convidava para ir rezar com elle...

Esse mancebo tinha o rosto do filho adoptivo da velha Irias...

Celina esteve muito tempo embevecida como contemplando essa nova apparição...

Pareceu-lhe emfim notar, que o mancebo a olhava com vistas tão ardentes... tão fascinadoras, que penetravão até o fundo de sua alma, que a fazião estremecer toda, e lançavão-lhe no coração um desassocego indizível : teve medo... e sentando-se no leito, soltou um pequeno grito.

Receiu depois ter despertado sua tia : escutou... ella resonava brandamente.

Celina passou então a mão pela frente, e sentio que estava em fogo : parecia que um calor abrasante a suffocava : ergueu-se, e envolvendo-se em leves vestidos, dirigio-se á janella, abriu a vidraça, e... ficou meditando.

Porque é que sua imaginação transformára a ultima, a mais bella scena de seu querido sonho, em uma scena tão solemne e melancolica ? e porque principalmente em vez do mancebo de cabellos e olhos negros, lhe mostrava agora Candido tão pallido, tão triste ?

Porque é que Candido a olhava de um modo tão singular, e porque tremia ella mesma á força d'esse olhar, e sentia no coração esse desassocego tão grande?... Como é que os olhos do homem podem ter influencia sobre o coração de uma moça ?...

Celina fazia essas perguntas a si mesma, e depois procurava lembrar-se do que em realidade succedia entre ella e esse mancebo. Candido estava sempre affastado d'ella quando vinha ao Céu côr de rosa ; quasi nunca lhe dirigia a palavra ; jámais, se alguma vez lhe fallava, atrevia-se a erguer os olhos até seu rosto ; mas ás vezes tambem Celina olhando de repente para elle, o encontrava devorando-a com vistas ardentes e mágneticas, com olhares que a fazião estremecer e ficar desassocegada.

Porque era que acontecia tudo isso?...

A Bella Orphã começou depois a observar-se a si mesma, a estudar o que se passava dentro d'ella, e principiou pouco a pouco a decifrar um grande mysterio.

A primeira vez que encontrára esse mancebo, encontrára-o em uma posição caridosa, e em uma occasião solemne : de joelhos, junto ao tumulo de seus pais : orava de certo por elles já mortos, e talvez por sua filha ainda viva : naturalmente encontro de semelhante genero produzio viva e profunda impressão em seu animo, e nunca

mais se poderá apagar n'elle a imagem d'essa triste, mas consoladora scena. Celina sentira, desde o primeiro momento, gratidão immensa pelo procedimento de Candido.

A velha Irias e o mancebo tinham vindo no dia seguinte agradecer-lhe um pequeno serviço, que ella thes havia prestado no anterior : durante a visita podera examinar o joven, a quem era agradecida ; e seu rosto pallido, mas expressivo, sua melancolia tocante, suas maneiras urbanas e modestas, attrahirão sua attenção, e ao muito, póde ser que tambem a sua sympathia.

Mas Celina tinha ouvido dizer, que o mancebo habitava no sotão do Purgatorio-trigueiro, e desde então nunca mais passou no seu jardim á hora primeira do dia, com a mesma ligeireza de vestidos, e de modos como d'antes : debalde porém olhava para a janella do sotão... jámais lhe apparecêra o rosto pallido de Candido.

Depois o mancebo começou a frequentar o Céu côr de rosa ; e aquella sua habitual melancolia, aquelle seu passar de horas inteiras affastado de todos, alheio aos prazeres, sempre triste ou abatido, como se fôra consumido por um intenso e acerbo pesar, e aquelles olhares de fogo, que de relance dardejava sobre Celina, a fazião perguntar a si mesma : porque elle está sempre triste?... por que motivo me olha de modo tão singular?...

E' incontroverso que o coração das moças chega ao amor subindo ordinariamente por uma escadinha, cujo primeiro degráo chama-se curiosidade. Aqui houve em parte uma modificação d'essa regra : porque se acaso Celina ama a Candido, o primeiro degráo da escadinha deve chamar-se — gratidão — e o segundo então curiosidade.

N'esse estado dos acontecimentos, e do que dentro d'ella se passára e se estava passando, Celina lembrou-



se ainda, que nas noites de serão, em que Candido se demorava em apparecer, ella se achava descontente, olhava a miudo para a porta da sala, e ao menor ruido de uma pessoa que entrava, sentia um movimento que, ou era uma mistura de esperança e de temor, ou era uma sensação que ella não podia explicar a si mesma; e se em fim o mancebo chegava, seu descontentamento como por encanto desaparecia, do mesmo modo que resistia a todos os seus esforços e a acompanhava durante o resto do serão, se Candido faltava a elle.

Lembrava-se, que lhe inundava o coração um prazer immenso, quando o moço a ella se chegava, e lhe dizia a tremer algumas palavras; e não sabia porque, tendo ás vezes de responder-lhe, tremia tambem e córava...

Lembrou-se em fim, depois de mil outras lembranças, do serão que houvera n'essa noite; dessa primeira vez que com Candido dansára, da perturbação de ambos elles durante toda a quadrilha; dos monosyllabos que lhe ouvira; e do fundo do coração agradeceu ao bom velho, e seu avô, que lhe fizera conhecer n'essa noite, quando é que é bello o dansar.

De tudo isto era preciso tirar uma conclusão... a logica do coração estava provavelmente offerecendo á Bella Orphã uma consequencia positiva e inquestionavel, que apenas os véos da innocencia podião encobrir ainda, quando ella foi arrancada de suas cogitações por uma voz sonora e doce, que entoava, posto que em tom baixo, um canto melancolico.

Ella escutou... o canto sahia do salão do Purgatorio-trigueiro.

A voz que cantava era a de Candido.

A noite mais bella, mais feliz d'entre todas as noites da vida do mancebo, era aquella que se estava passando.

Ao terminar-se o serão deixou o Céu côr de rosa com

saudades, mas sem acerba amargura, que o alumbrava sempre.

O coração do mancebo estava repleto de felicidade e de esperança, e seu pensamento cheio de bellas imagens.

Estava Candido em uma d'essas noites de magia em que a vida se desenha toda em tintas côr de rosa... noites de mentira, em que a imaginação nos pinta tão facilmente tudo que ambicionamos!

Um bom velho, cujos pés elle queria beijar agradecido, lhe marcára, durante cinco minutos, um logar junto d'aquella, que era em sua opinião a mais perfeita das creaturas : ahi elle bebêra o ar que ella respirava, mais perfumado ainda, que o aroma das melhores flôres : ahi tivera elle sobre as suas, duas mãosinhas mais brancas, mais livres que as pennas de uma garça ; ali ouvira elle phrases, monosyllabos tão melodiosos, como harmonias moduladas por um anjo.

E depois, por detrás das cortinas de um leito virgem, que era como o brando calix da flôr, que n'elle se deitava, ouvira Candido a relação do sonho, de uma donzella : sonho, que todo inteiro respirava amor ; mas um amor tão puro, tão poetico, tão celeste, qual só caberia no coração de um cherubim...

Oh ! como realmente ficaria a cabeça d'aquella pobre mancebo, que tinha tambem imaginação ardente, escutando aquelle romance enfeitado, onde o coração de uma virgem se transformava em botão de rosa, que não podia ser colhido nem pela riqueza, nem pelas facticias grandezas sociaes ; mas e sómente pelo merito distincto e real ?...

Portanto, para aquella meiga pomba do Senhor Deos, para Celina, a pobreza não era um crime, não era — morphéa : — a riqueza, embora mal adquirida, não era

o tudo, que governa o mundo : o bello, isto é, o merito e virtude, que são as grandes bellezas aos olhos de Deos, o bello, é que podia ganhar o — pomo da ventura — colher o botão de rosa !

Portanto, não lhe estava fechada a porta d'aquelle paraíso : não havia ali no alpendre do Céu côr de rosa um demonio — com uma bolsa por coração, que, ao querer um pobre penetrar n'aquelle sanctuario de amor, lhe bradasse com a voz sinistra dos demonios da época : « aqui não entras ! »

Portanto se elle fosse nobre e activo, se trabalhasse, se procedesse como homem de honra, se com estudo profundo e incessante mostrasse que tinha capacidade e engenho, se com a observação das leis da religião de Christo sómente (porque as dos homens ou são essas mesmas leis enunciadas com mais diffusão, e appropriadas a diversas especialidades, ou são leis falsas e barbaras), trilhasse sempre as vias da virtude, podia, tinha o direito de pretender o pomo da ventura, de colher o botão de rosa.

A felicidade enchia pois a alma de Candido : já um abysmo não o separava de Celina ; já não se envergonhava de confessar a si mesmo que a amava : orgulhava-se antes de amal-a, e com o coração na terra preso aos pés da Bella Orphã, e a alma voltada para o céu, e toda embebida na bondade immensa do Creador, elle concebia a mais lisongeira das esperanças ; e a cifrava em uma palavra sagrada : — Deos.

Em um momento de explosão de ardor e esperança, o mancebo sahio da janella, e sentando-se junto á mesa escreveu durante muito tempo com a rapidez, e o fogo de um poeta entusiasmado.

Quando acabou de escrever correu ao lugar, onde es-

tava ha tanto tempo esquecida a sua harpa, e abraçando-se com ella :

— Oh ! minha harpa ! exclamou ; minha querida companheira das tristezas e das saudades, vem outra vez emparceirar-te comigo ; mas sê-me agora parceira na esperança.

Então com prazer immenso, e soffreguidão notavel encordoou o instrumento, afinou-o promptamente, e sentando-se de novo á janella, cantou em meia voz...

Era essa a voz, que sorprendêra Celina no meio das revelações, que ella a si mesma estava fazendo dos mysterios de seu innocente coração.

A Bella Orphã estendeu um pouco o pescoço, e applicou apurada attenção :

Infelizmente as auras da noite levavão os sons para o lado opposto, e o cantor nocturno parecia empregar bastante cuidado para não elevar a voz, que era doce, maviosa e tocante.

Um unico verso do canto pôde ser ouvido distinctamente por Celina : ella córou escutando :

« Quem colherá o terceiro botão ! »

. . . . .

No dia seguinte a Bella Orphã amanheceu, e passou todo o dia pensativa e absorta.

E o filho adoptivo da velha Irias cahio de novo em sua habitual melancolia : a noite de esperanças tinha sido uma hora de mentirosas imaginações... com a volta do dia elle encontrára a realidade... a sua desgraça.



## XII

### A velha.

A tarde estava no seu começar.

Candido, que n'esse dia se recolhêra muito mais cedo do que costumava, e que subíra ao seu modestissimo aposento, ouviu gemer a escadinha do velho sotão sob o peso de alguém, que subindo vinha ; pouco depois mostrou-se além da porta uma cabeça branca, e brilhárão dous olhos verdes, e a velha Iris disse :

— Venho conversar, meu filho.

Isto dizendo entrou, e foi sentar-se na cama do mancebo, a quem deixou a cadeira, que unica havia no sotão.

Estiverão ambos guardando silencio por algum tempo ; o moço pensativo, e como sempre melancolico, e a velha com as rugas do semblante menos salientes, talvez pela expansão de algum prazer.

— Não te admiras, perguntou finalmente Irias, de me vêr, a mim, velha, que me vou despedindo da vida, e me avizinho da morte, alegre e prasenteira, ao pé de ti, moço, que ainda olhas para diante, e tens um futuro para viver, e estás com tudo tão abatido e triste?... esta velhice que se sorri junto da mocidade que geme, é uma cousa pouco commum na natureza, não?...

— E' assim, respondeu Candido; seja qual fôr a razão d'isso, eu dou graças a Deos pelo prazer de minha mãe.

— Mas tambem é preciso que tu saibas o que hoje não sabes ainda, e o que todavia se envelheceres, sentirás como eu sinto. A velhice, meu filho, a velhice, que o mundo chama egoista, não tem alegrias por si, sabe sómente alegrar-se pelos outros; os pais se sorriem com a ventura de seus filhos; e aquelles que não têm filhos, amão sempre e muito alguém, e se sorriem com a ventura do seu alguém.

— Portanto, alguém que minha mãe estima muito, acaba sem duvida de alcançar uma boa ventura?...

— Ou pelo menos não está longe de alcançal-a.

— Outra vez graças a Deos, minha mãe.

— Pois agora dá graças ainda uma terceira vez, porque já debes ter adivinhado quem é o meu alguém: quem é esse que eu amo como se fôra meu filho, e que está em vespas de uma grande ventura.

Candido olhou fixamente para a velha, e ficou como espantado, esperando que ella pozesse bem claro o seu pensamento.

— Sim, tornou Irias; é de ti mesmo: é de ti mesmo que eu fallo.

— De mim mesmo, senhora?!!!

— Sim; de ti mesmo.

- Uma grande ventura para mim?...
- Quantas vezes queres que t'ò diga?..
- E não estais zombando?...
- Não, de modo nenhum.
- E essa ventura...
- Adevinha-a.

O mancebo, com um sorrir convulsivo nos labios, com os olhos em lagrimas, cheio de ardor e de felicidade, com as mãos postas e trementes, e um pouco curvado para a velha, exclamou :

- Vós descobristes, minha mãe!...

Sua exclamação foi um grito sahido d'alma : Irias respondeu meio sentida :

- Não é isso.

Candido, como fulminado por um raio, abandonou-se dolorosamente na cadeira, e disse :

- Vós zombastes de mim, senhora.

-- Pois além d'essa, nãa ha mais nenhuma esperança em teu coração?...

- Nenhuma, nenhuma absolutamente.

A velha, talvez para deixar a Candido tempo de serenar-se, guardou silencio por alguns minutos, e proseguio depois :

- Pois espero, Candido, que sejas feliz bem cedo.

— Vós esperais, não duvido ; mas quantas vezes na vida a esperança não é sómente uma illusão?...

— Meu filho, eu devo dizer-te que essa misanthropia que te amortece, esse desespero que te vai consumindo, offende a Deos Nosso Senhor.

— Deos lê no meu coração, e sabe que eu nada esperando dos homens, n'esta vida, espero tudo d'elle na outra.

— E te julgas com razões bem fortes para nada esperar dos homens, e te dizeres tão sem remedio desgraçado ?

— Creio que sim, minha mãe.

— Creio que não, meu filho.

— Oh ! senhora ! quereis que eu não veja o que tenho diante dos olhos, e que eu não sinta o que me pesa dentro d'alma ?...

— Não ; mais quero que um quadro, que é sómente triste, não o faça tua imaginação pavoroso e horrível.

— Sim... tendes razão, exclamou o mancebo com um sorrir de acerba ironia ; tendes razão... eu sou muito feliz !...

A velha fez um movimento de impaciencia.

— Eu sou muito feliz ! tornou o mancebo com nova amargurada ironia.

— Candido !...

— Sim ! muito feliz !... pois então ?... é verdade que a minha vida foi um crime, meu nascimento um documento d'esse crime, meu primeiro vagido o sentimento de um castigo ; é verdade, que apenas vi a luz, fui por minha mãe repellido... engeitado... lançado fóra por minha mãe !... Mas que importa isso !... Sou muito feliz !

Irias ficou em silencio olhando para Candido, que continuou.

— Tinha porém havido um erro na minha fortuna : repellido por minha mãe, achei eu uma mulher que me deu seu leite, a metade de seu pão ; e todo o amor de seu coração ; eu vos achei, senhora ; mas, para corrigir-se esse erro, aos treze annos de idade um homem, que não era meu pai certamente, um homem, de cujo semblante austéro e vestidos negros, me hei de lembrar sempre, arrancou-me de vossos braços, lançou-me dentro de um navio, e no dia seguinte eu vi desaparecer a meus olhos a terra de minha patria !... Por consequencia eu sou muito feliz !



A velha parecia de plano querer que o mancebo fosse derramando toda sua amargura para depois fallar por sua vez, e foi portanto ouvindo silenciosa aquella historia, que, sem duvida, já tinha ouvido cem vezes.

— E lá na terra estranha, proseguio Candido, lá, quando eu começava de comprehender que vivia, e que era homem, para que nada eu comprehendesse, minha vida era um mysterio, e entre os homens todos era eu um homem isolado, só, sem um laço no mundo, sem uma doce recordação no passado, sem uma impressão deliciosa no presente, sem uma esperança passageira no futuro : sim, o navio que me levava aportou ás terras de Portugal ; uma familia carinhosa, mas que eu não conhecia, me foi a bordo receber : cresci, desvelárão-se em educar-me ; essa familia, que pouco tinha para si, deu-me mais instrucção que a seus filhos, nada me faltava, e eu não podia saber d'onde tanto me vinha. Oh ! senhora !... exclamou o mancebo, esquecendo a ironia amarga com que até então fallára, será pois felicidade essa riqueza no meio de tanta miseria ?...

A velha não respondeu.

— Oh !... comprehendéis vós acaso como é que soavão na minh'alma esses nomes sagrados de — meu pai ! minha mãe ! — que chegavão ás vezes a meus ouvidos, sahidos do coração de meus camaradas, que tinhão uma mão de pai para beijar, e um seio de mãe para recebê-los ?... com que dolorosa impressão, eu, desterrado da mais bella das patrias, via no meio das agitações politicas, no correr dos perigos, os homens, animar-se e progredir, arrostar tudo pela gloria da terra de seu berço, e enthusiasmados ferver-lhes o sangue ao só escutar dos hymnos patrioticos ?... e comprehendéis emfim, senhora, como se me enregelava o coração, quando eu pensava n'esse mysterio indecifavel, que

envolvia o meu passado, e obscurecia o meu porvir?... Orphão e desterrado, sem saber nem ao menos de mim mesmo, eu devia considerar-me muito feliz, não é assim?...

A velha obstinava-se em não cortar o fio das reflexões do mancebo.

— Pois no meio d'essa minha tão grande felicidade, senhora, vinha um menino que me era parceiro nos estudos e nos brincos, e me perguntava : « Candido, quem é teu pai?... » Vinha depois logo outro que me fallava assim : « Candido, tu não tens mãe?... » Vinha logo após um terceiro que me dizia : « Candido, porque tão pequeno deixaste a terra onde nasceste ? » E eu só lhe respondia : não sei. E vinhão depois um, dous, vinte outros que me perguntavão : « Como te chamas?... Candido, de que ? » E eu que não tinha nome de familia, eu que sou só no mundo, lhes respondia sempre : — Candido — só. — E sabeis, senhora, o resultado de tudo isso?... é que apoderou-se de mim a convicção, de que eu era, de que eu sou o somenos de todos os homens ; porque entre todos os homens não ha um só, que como eu, não tenha pai, não tenha mãe, não tenha nome, nem passado, nem futuro !... oh !... que até me quizerão reubar aquillo que a ninguem se nega... uma patria !...

Irias nem se moveu á vista do exagerado quadro d'aquella desgraça, que a imaginação ardente do mancebo traçava com tintas tão medonhas : Candido fallou ainda.

— Quereis, senhora, que vos repita ainda outras provas de minha pretendida felicidade?... quereis que eu pise minhas feridas ? eu o farei. Aos dezoito annos de minha idade vestirão-me vestidos negros, enrolarão de fumo o meu chapéo ; e quando eu perguntei o que

queria isso dizer, respondêrão-me : « Morreu teu pai ! » Ouvistes bem, senhora?... era meu pai que tinha morrido ; meu pai, que nunca me havia abençoado!!!

A velha não pronunciou uma só palavra.

— Depois derão-me uma bolsa cheia de ouro, embarcáram-me em um navio, e... se houve dia em que o prazer do coração correspondesse ao sorrir dos labios, foi aquelle em que eu vi de novo as terras de minha patria ! oh !... meu primeiro, e meu unico dia de ventura foi esse ; e antes d'esse, e depois d'esse nenhum outro. Eu cahi em vossos braços, corri a vêr os lugares, testemunhas de meus brincos infantis ; mas passada a hora do entusiasmo... eu achei o vazio dentro de mim : eu era ainda como d'antes, e como hoje, Candido — só. — Eu não tinha encontrado minha mãe !

O moço respirou e proseguio :

— Porque é preciso que vos diga, senhora, no meio de minhas reflexões e magoas, longe da patria, quando eu pensava no mysterio de meu nascimento, e no segredo de meu nome, uma esperança me animava ; eu contava de volta á terra de meu berço achar os braços de minha mãe abertos para me receber ! ah ! e eu não achei minha mãe !... eu a chamo de balde ainda !...

A velha fez um movimento quasi imperceptivel, e que podia exprimir desagrado d'aquella magoa do mancebo ; o qual sorprendendo esse movimento, respondeu-lhe :

— Não sou ingrato, não, senhora ; mas perdoai-me ; vós não sois minha mãe. Será preciso para que vos socegueis, que eu vos diga o que é no entender de minh'alma uma mãe?... pois bem, ouvi-me. Uma mãe, senhora, sente nove mezes antes de todos a existencia de seu filho, e primeiro que elle nasça, ella soffre já muito por elle : se seu estado é a realisação de um voto de amor sagrado e puro, ella ainda assim volve os olhos da

esperança para a morte, do ventre para o tumulo !... Se pelo contrario é o effeito, a prova viva de um erro, então se torna em incessante tormento que vai crescendo pouco a pouco, e cada vez mais com o correr dos mezes; que espreme o succo de sua vergonha, que róe e dilacera sua sensibilidade com a consciencia de uma falta insanavel : e todavia ella ama seu filho, que ainda não nasceu, maldiz sua cabeça, que errou, e abençôa seu ventre que concebeu ! Depois, quando elle nasce, que thesouro ha ahi que possa pagar o fervor da oração com que a mãe, cruzando as mãos sobre o seio, encommenda seu filho á misericordia do Senhor Deos?... que possa pagar o fogo sagrado de seu primeiro olhar de mãe?... a pureza angelica de seu primeiro sorrir de mãe !... a doçura inefavel de seu primeiro beijo de mãe ?... Oh !... uma mãe rasgaria suas carnes como o pelicano, para alimentar com seu sangue e á custa da propria vida, o filho de suas entranhas ! uma mãe jámais desama seu filho, nunca o repelle, nunca o enjeita ; e essa sociedade desalmada e immoral, que faz de uma fraqueza um crime, que olha um filho como um remorso, que se rebella contra a natureza e contra Deos, que arranca do collo materno pobres e innocentes criancinhas, lavadas em lagrimas de sangue de suas mãis !... não ! não ! e não ! minha mãe me amava por força, me adorava como o seu anjo, olhava-me... sorria-se para mim, e me beijava, e me chamava — meu filho ! — foi a sociedade desalmada, e immoral quem me arrancou á força de seus braços !!!

Candido fallava, repassado de tamanha dôr, que Irias apezar de seu proposito, ia consolal-o quando elle proseguio :

— E debalde, senhora, debalde eu me quero levantar contra essa sentença de ferro que me separa de minha

mãi : não ha nem ao menos um perilampo no caminho de minha vida, um perilampo só, que me dê alguma luz para que eu vá terrível, e audaz arrasar esse mysterio de meu berço : sim ! eu iria... pois que ninguem póde ter o direito de separar-me de minha mãi, e ella não ha de nunca envergonhar-se de seu filho ! oh ! mas tudo é em vão : ha longos annos que eu não penso, que eu não cogito de outra cousa : quando vou á igreja, quando eu rezo de joelhos, pensais, senhora que eu peço a Deos honras e fortuna para mim n'este mundo, e a salvação de minh'alma no outro ?... não, mil vezes não : o pensamento, o objecto de minhas orações, é sempre um e unico ; o que eu peço a Deos é ella, sempre e só ella... é minha mãi.

E dizendo isso, o mancebo proseguio com voz commo-vida e terna :

— Porque se eu achasse minha mãi, queimaria, se eu fosse rico, toda minha riqueza, para poupar-lhe um desgosto... e ainda mesmo quando tivesse uma dôr immensa no coração, havia de rir-me para não vê-la chorar, e daria a minha vida para não deixal-a morrer. Minha mãi, senhora, minha mãi ! eu não quero nem esposa, nem filho, nem riqueza, nem gloria ; eu prefiro a tudo minha mãi !

E cruzando as mãos sobre o peito, Candido terminou dizendo com accento profundamente religioso :

— Deos me ouça !

— Tens razão, meu filho, disse emfim Iriaş, depois de alguns instantes.

— Portanto, senhora, reconheceis que, embora involuntariamente, zombastes de mim ainda ha pouco ?...

— Não, Candido.

— Como não, senhora ?...

— Porque n'esta vida deve o homem, quando não

póde conseguir o que mais deseja, consolar-se com algum d'esses outros mil beneficios e favores, que Deos espalhou com profusa mão sobre o genero humano.

— Quereis explicar-vos, senhora ?...

— Não é só uma mãe a mulher que se ama extremosamente na vida,

— E então ?...

— Ama-se a escolhida do coração... ama-se a esposa.

— Que quereis dizer; senhora ?... exclamou o mancebo estremecendo todo.

— Quero perguntar-te, se não concordas em que um moço, como tu és, triste, desvalido e pobre, póde achar consolação e fortuna na posse de uma mulher que ame ?

— Entendamo-nos, respondeu Candido serenando : um moço que fôr como eu, triste desvalido e pobre ; e que tambem tiver feito o mesmo juizo que eu faço a respeito da pureza e da dignidade do homem, póde sim achar consolação, e uma fortuna toda moral na posse da mulher, que ame, e por quem lôr amado ; mas não calcula nunca a sua fortuna positiva e material sobre esse dado.

— Era pouco mais ou menos isso o que eu queria dizer.

— E para concluir o que ?...

— Que tu deves amar...

— Eu amar ?!! bradou o mancebo erguendo-se ; eu amar ?!! e com que fim ?...

— Para ser menos desgraçado.

— Que conselho, minha mãe !... não reparais que ha veneno dentro d'essa taça de ouro, que me trazeis aos labios ?... eu amar ? um pobre amar ? pois não vos lembrais de que

a pobreza é como a morphéa, repugnante e fatal?... a quem querieis que eu amasse?... a uma moça desvalida e pobre, como eu; unica que poderia ter olhos para me olhar?... qual seria o resultado d'esse amor?... cobril-a com meus andrajos?... dar-lhe metade do pão de amargura, para matar-lhe a fome?... e um copo cheio de lagrimas para saciar-lhe a sêde? haveria felicidade n'esse amor?...

— Abençoado fosse elle por Deos; que o trabalho do homem daria de sobra, o que para viver-se é preciso.

— Ou então, continuou Candido sem attender á boa resposta, que lhe dera a velha; quereis que eu fosse por ahi, com a mentira no coração e no rosto, farejar onde houvesse um cofre de ouro pertencente a uma mulher bella ou não, que pouco importava isso; pretendesse agradar-lhe, é lhe jurasse amor e ternura, e illudisse a seus pais e a ella, e a arrastasse aos pés do altar, e mentisse perante Deos! e mentisse perante Deos, repito! não, não, minha mãe; nem ao menos isso é possível; um homem pobre já não chega ao pé de uma mulher rica: a pobreza é a morphéa.

— Não se trata d'isso, Candido, tornou Irias; é preciso sómente que ames: ama pois, o pobre ou rica a mulher que amares, se fôr honesta e bella, te fará ditoso.

— Ama., disse o mancebo; manda-se amar, como se o amor fosse o brinco de um instante, como se o amor dependesse de nós, e não dos outros; oh! se fosse assim, eu não amaria nunca!...

— Então tu amas já?... perguntou Irias, fixando no mancebo seus olhos verdes e brilhantes.

— Quem disse que eu amava? respondeu Candido enleado.

- Amas já?...
- Quereis zombar de mim outra vez, senhora?
- Amas já?...
- Minha mãe...
- A verdade... a verdade... sómente a verdade!...
- Que quer dizer pois isto?
- Amas já, Candido?...
- Não... disse tremendo o mancebo.
- Tu me mentiste hoje pela primeira vez em tua vida; disse com austeridade Irias.
- Senhora!
- Tu amas, e amas perdidamente.
- Basta... basta de zombarias, respondeu Candido perturbado.
- Ao romper de todos os dias pela fresta d'aquella janella, tu segues com os olhos o objecto de teu amor...
- Minha mãe!... minha mãe!... bradou o mancebo tão espavorido, como se acabassem de romper o segredo de um crime horrivel por elle perpetrado.
- Tu amas a neta do Sr. Anacleto! continuou Irias.
- Silencio!... balbuciou o infeliz.
- Amas a Bella Orphã!...
- Candido occultou o semblante entre as mãos, e a velha proseguio com voz animadora e doce:
- Esse teu amor, tão cheio de angelica pureza, que nunca os labios do amante tocárão a ponta dos brandos dedinhos da amada; tão innocente, que apenas, e apesar teu, na presença de Celina lh'ó dizem teus olhos, e na ausencia o sonho de tua imaginação, deve ser agradável a Deos, que ama a pureza e a innocencia.
- Ah! minha mãe! murmurou o mancebo.
- Ama, que es já, ou bem cedo serás amado: e tu e ella sereis talvez aos olhos de Deos, como dous pombos, que de longe se namorão, e que, de azas abertas, com o



pensamento no céu, e os olhos um no outro, esperão o aceno de um anjo para voar, a ajuntar-se n'um só ninho, seguros da ventura com a benção divina.

— Ah! minha mãe! repetio o mancebo erguendo a cabeça, e mostrando o rosto enrubecido pelo mais bello pejo, e talvez com alguns atomos de esperança.

— E a passagem da vida que hoje tendes, continuou Irias, para a vida que deveis não tarde viver, será como a poetica transição da noite escura e duvidosa, para o dia claro e fulgente, que um sol fulguroso abrilhanta, e zephyros perfumados suavisão.

— Oh! senhora, é que vós esqueceis sempre que eu sou um pobre, e que para o pobre não ha esperança de felicidade tão suprema como essa, que me mostrais!

— Não, não, mancebo; tu mentes a ti proprio: examina o teu coração, procura bem, e lá acharás a esperança cifrada em uma unica palavra, que é o moto sagrado e sublime da alma do justo.

— E essa palavra, essa esperanza qual é?...

Irias levantou o braço, e apontando para cima com seu dedo indicador, grande e emmagrecido, disse:

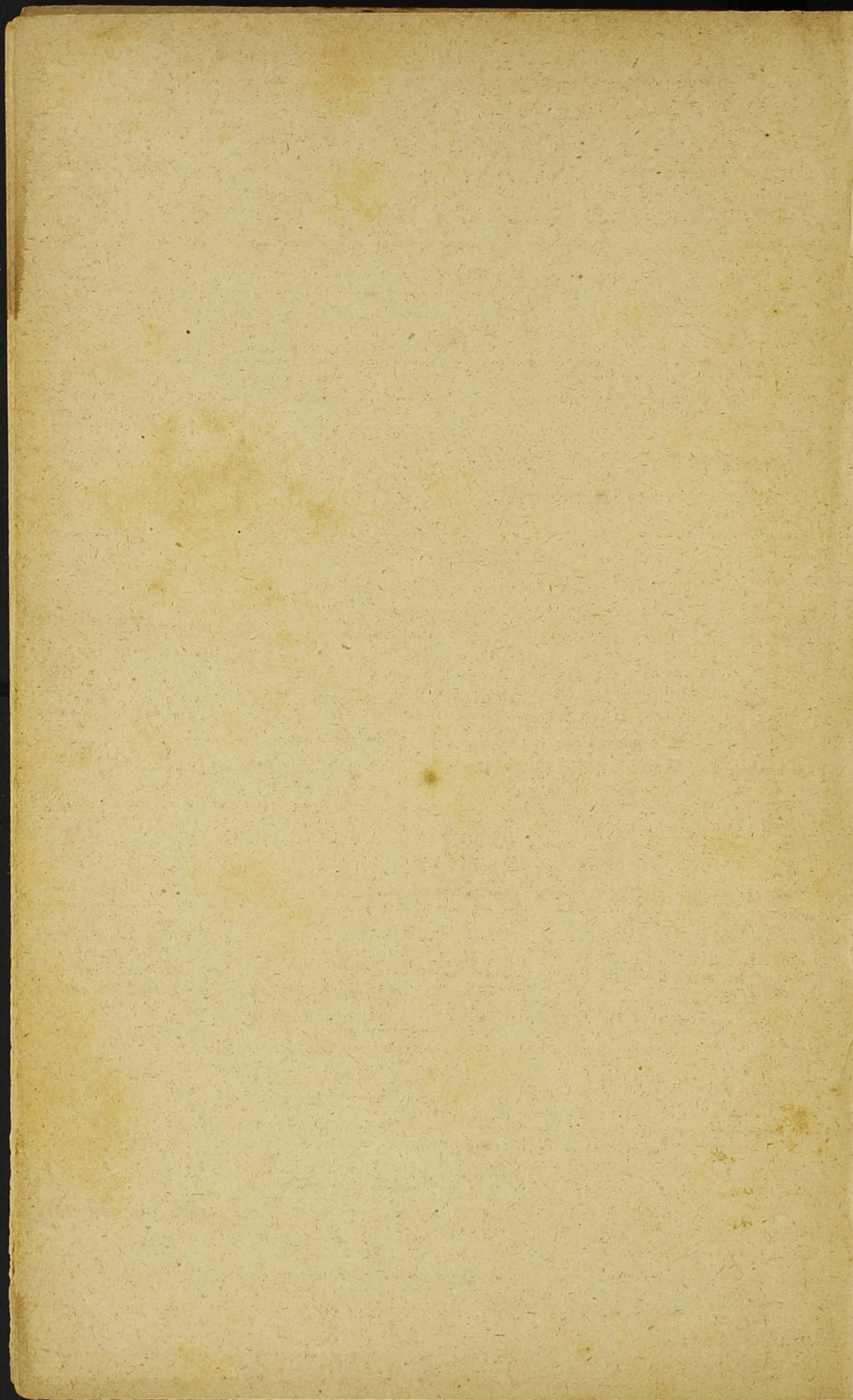
— Deos.

Sentirão n'esse momento que alguém subia a escada do velho sotão, e logo após, a velha escrava de Irias appareceu, e disse:

— A familia do Sr. Anacleto.

Candido não pôde conter um grito de surpresa.

---



## XIII

### O velho.

Mas antes de acompanharmos os habitantes do Céu côm de rosa em sua visita ao Purgatorio-trigueiro, justo é relatar uma scena occorrida na mesma tarde, e talvez ao mesmo tempo, em que succedia a que acabamos de referir. Era a hora da sésta.

Pouco mais ou menos, como acontecêra a Candido, que vio mostrar-se, além da porta do seu velho sotão, uma cabeça branca, e dous olhos verdes; assim tambem Celina, que, na hora da sésta, se achava sentada junto do seu piano, e começava a deleitar-se no estudo de suas musicas, vio apparecer uma cabeça branca e brilhar o olhar malicioso do velho guarda-portão.

Mas é verdade, que ainda não se tem idéa, nem se fez conhecimento com o velho guarda-portão.

Tambem poucas palavras serão de sobejo para que se faça uma idéa perfeita d'esse personagem.

A indole humana e piedosa de Anacleto, tinha dous ou tres mezes antes do começo d'esta historia, chamado para o Céu côr de rosa um homem pobre e velho; e para que menos pesasse a este o beneficio que recebia, Anacleto o envolveu sob a capa de um emprego, que em sua casa lhe dava. O velho Rodrigues foi pois ali reconhecido como — guarda-portão, — e estabelecendo o seu quartel-general no alpendre do Céu côr de rosa, via amanhecer, e anoitecer em completa inacção.

O guarda-portão da casa de Anacleto era portanto um criado sem exercicio, uma praça morta pouco mais ou menos : passava os dias retirado em um dos angulos do alpendre, e só ás noites, em que claro luar e doce frescor de aragem succedião a algum calmoso dia, deixava o pobre homem seu eterno posto por algumas horas, e sentando-se á porta do alpendre, cantarolava por entre os dentes algumas antigas balladas.

Era o velho Rodrigues um homem de cerca de sessenta annos, alto e de fórmãs musculares; tinha os olhos pequenos, mas espertos, e o nariz aquilino : os cabellos, que estavam já muito brancos, devião ter sido de côr castanho escuros no tempo da mocidade, e corredios como erão, descião então até quasi encontrar-se com as sobrancelhas, que se mostravão espessas e cerradas; de ordinario apresentava-se este homem vestido de calças de brim escuro sem presilhas, e com bolsos aos lados de jaqueta do mesmo panno, e algumas vezes com um quimão de baeta preta sobre esta.

E, ou porque o velho Rodrigues fosse homem de poucas conversas, e difficilmente accessivel para certa qualidade de gente, ou porque muitos notassem no seu habito de resguardar-se de dia em um canto do alpen-

dre, e de só apparecer em algumas noites á porta d'este, assentárão os garotos das circumvizinhanças de chamal-o por acinte — o Curuja ; — de modo que, quando em suas noites de escolha o velho se mostrava, e começava de cantar suas antigas balladas, era ás vezes interrompido pelos gritos de — Curuja ! curuja ! — que lhe soavão ora de um, ora de outro lado da rua, acompanhados de risotas e motejos.

Mas tão pouco se dava d'isso o guarda-portão, que começava e concluia sem se interromper um velho soláo, passava por uma ballada, depois para outra e outra, até não poder mais de cansado, emquanto os garotos rião-se desmedidamente d'aquellas desusadas cantigas.

Pelo mesmo tempo porém em que começou esta historia, soffrêrão tambem os habitos do velho Rodrigues uma pequena modificação : foi ella devida ao amor, que ella tinha á musica.

Era costume do velho Anacleto, e de sua filha, sentear algum tempo depois do jantar ; e a Bella Orphã, então mais que nunca em liberdade, ia sentar-se ao piano e estudar suas musicas : em uma d'essas horas de estudo, a moça, sentindo ruido, e olhando para a porta, vio a cabeça branca do velho Rodrigues, que a escutava.

— Que faz ahi, Sr. Rodrigues, perguntou ella docemente.

— Escuto : respondeu o velho.

— Pois então é melhor ouvir de perto ; entre.

O velho abriu a porta, e entrou.

— Sente-se.

Rodrigues sentou-se junto do piano.

— Gosta de musica ! perguntou a moça.

— Oh ! muito ! muito.

— Sim : é verdade... tambem eu lhe tenho ouvido cantar á porta do alpendre.

— Que cantar ! que canto eu ?... cantigas tão velhas, como eu, ou de certo mais velhas ainda ; que as aprendi no collo de minha mãe, quando ella me fazia adormecer ouvindo-as.

— E que, portanto, devem ser bem caras ao seu coração.

— De certo ; mas só ao meu coração.

— Tambem não é assim, Sr. Rodrigues, porque pelo menos eu, tenho muitas vezes ficado esquecidamente á janella, ouvindo suas cantigas melancolicas e ternas.

Está zombando de mim, senhora ?

— Oh não ! não ! e tanto que lhe proponho o ensinar-me algum de seus velhos romances.

— Hoje ninguem mais gosta d'isso.

— Gósto eu, e lhe peço que m'os ensine.

Depois de um teimoso recusar da parte do velho Rodrigues, conseguiu em fim a Bella Orphã, o que pedia : e desde então, em todas as horas de sésta, o guarda-portão lhe ia cantar um soláo, ou uma ballada, e em troco Celina fazia ouvir suas mais bellas peças.

E havia belleza n'esse cantar do velho.

Rodrigues, com seu tremulo baritono, com sua corôa de neve na cabeça, e sua melancolia do declinar da vida, parecia ainda mais proprio para a execução d'aquelles cantos do passado.

E havia tambem, apezar de tudo, muito interesse n'esses mesmos cantos do passado.

A ballada, o soláo, o romance nacional é o canto do coração, e da natureza. Não é seu unico merito o ter sido com elles, que outr'ora, nossas mãis nos embalavam, no berço, e nos adormecião no collo. E' principalmente porque ha n'elles a musica, a côr e o fallar da

patria ; e porque elles cantão o caro que se passou na terra, que nos vio nascer ; porque em fim a ballada, o soláo, o romance nacional é como nós filho de uma só terra, é nosso irmão.

Celina tinha por tal modo tomado gosto por esse genero de musica, que a presença do guarda-portão em seus estudos da tarde já era para ella uma necessidade : por isso, foi com vivo movimento de prazer, que ella vio mostrar-se á porta da sala a cabeça branca, e o olhar malicioso do velho Rodrigues.

— Ah ! exclamou ella ; entre, entre, meu bom mestre de balladas ; então que teremos hoje ?...

— Quasi que já esgotei tudo, quanto sabia, respondeu o velho.

— Pois então repitamos tudo, quanto já ouvimos.

— Eu sei, senhora ? esses pobres cantos ouvidos mais de uma vez, perdem talvez todo interesse, que podião ter merecido.

— Não ; não : vamos, Sr. Rodrigues : escolhamos um dos que já forão mesmo mais cantados ; por exemplo — Lindoya.

— Esse não...

— A Tamoya feita escrava ?...

— Tambem não...

— O sino do collegio ?...

— Cantei-o já tres vezes.

— Escolha então o senhor um outro. — Pois bem, senhora, cantarei — o Sonho da virgem.

— Oh ! esse ainda não o ouvi eu.

— E' um romance moderno, feito ao molde dos antigos.

— Pois bem ; vamos a elle.

O velho começou com voz pausada e melancolica a cantar assim :

## O SONHO DA VIRGEM

Era um dia um mancebo qu'ardente  
Pobre vida esquecido vivia,  
E uma virgem formosa innocente,  
Qu'outra igual não se vio, não se via.  
Quem separa o ardor da belleza?...  
Um abysmo fatal : — a pobreza.

O mancebo a donzella adorava?...  
Quem o sabe?... ninguem delle ouviu.  
Em seu peito esse amor sepultava,  
Se o amor em seu peito nutrio,  
E se amava, era triste esse amar ;  
Era um mudo e terrivel penar.

E se amava, quem disse curou ?  
Quem ouvira do pobre o gemido?...  
Se o seu peito um ai só desatou,  
Foi um ai no deserto perdido.  
E podia alta e nobre donzella  
Vêr um pobre chorando por ella ?...

O que é feito da virgem, do pobre?...  
Quando o dia voltar t'o direi :  
Negro manto da noite nos cobre :  
Ella dorme... mais elle... não sei.  
E' na terra das trevas o véo ;  
Vagão sonhos... mysteriosos do céo.



Eis a virgem... n'um valle formoso,  
De tapete de relva coberto,  
Assentada em outeiro mimoso  
Vendo um lago, que mora ali perto :  
Cobre-a tecto de mil trepadeiras :  
Ha dois montes, que c'roão palmeiras.

Vem dos montes meninos amores,  
Em seus braços cestinhas trazendo ;  
Tirão d'ellas e espargem mil flôres  
Sobre a virgem, que os olha tremendo :  
E os amores seus jogos seguindo  
Vão brincando, dansando, e se rindo.

Sôa um canto dormente, mavioso,  
Que entoado no céo parecia,  
Já das flôres ao bafo oloroso,  
E perfumes o ar recendia :  
E a donzella, que tanto sentio,  
Entre effluvios e cantos dormio.

E um menino com setta afiada  
Rasga o peito da virgem então,  
E com habil mãosinho apressada  
Rouba o puro, feliz coração.  
E a ferida nem sangue jorrou,  
Nem doeu, antes logo sarou.

Despertou a donzella assombrada  
Com os clamores do bando loução :  
E a chorar desatou desolada  
Vendo o roubo do seu coração.  
E o cruel, o fatal roubador  
Foi na terra plantal-o, qual flôr.

A donzella chorava... chorava...  
E os meninos as mãos ajustarão.  
E correndo p'ra onde ella estava,  
Nas mãosinhas seu pranto apararão ;  
E vão todos com gesto apressado  
A regar, o que estava plantado.

E nasceu um arbusto mimoso...  
E do céo um anjinho baixou,  
Que fiêl, vigilante, piedoso  
Pela virgem constante velou :  
E esse anjinho amoroso, que véla,  
Tem o rosto da mãi da donzella..

Já o pranto da virgem seccou,  
E o arbusto nascido cresceu ;  
De folhinhas mimosas se ornou ;  
O seu caule de espinhos se encheu.  
Coração de uma joven formosa  
Brotou linda roseira viçosa.

Os meninos fugirão p'ra o monte,  
Tres botões a roseira brotou,  
Dois aos lados um d'outro de frente,  
E o terceiro superno ficou.  
Stava ali no envoltorio da flôr  
Um segredo, um mysterio de amor.

Veio então pelo lago descendo  
Um batel, que em riquozas primava ;  
Tudo quanto ia n'elle se vendo  
De tão rico e brilhante offuscava ;  
Té que em terra seu dono saltou ;  
E a donzella, que o vio... trepidou.

Era rico ; mas torvo no olhar,  
E feroz, no sorrir causa susto ;  
Veio vindo... e em fim té parar  
Mesmo junto do florido arbusto ;  
E a donzella p'ra o seu anjo olhando,  
Soluçou ; porque o vio soluçando.

O seu braço monstruoso estendeu  
P'ra roseira o opulento senhor ;  
Dos botões o da esquerda colheu...  
Sóa um grito de susto, e de dôr ;  
E o tyranno sem nada escutar  
O colhido botão vai beijar.

Porém pára espantado... sentido...  
Frio... pallido spectro ficando,  
Que o botão encantado, colhido  
Vai-se todo mirrando... mirrando...  
Esvaio-se... mais fóрма não tem,  
E o batel, e seu dono tambem.

Veio então pelo lago chegando  
Bello carro de prata formado,  
E rinchando, bufando, nadando  
Os ginetes, -que o trazem puxado,  
Té que em terra seu dono saltou,  
E a donzella, que o vio... trepidou.

Era rico ; mas velho e cansado  
Todo em rugas o rosto mostrou ;  
Veio vindo a um bastão arrimado,  
Té que junto do arbusto parou :  
E a donzella p'ra o seu anjo olhando,  
Soluçou, porque o vio soluçando.

O seu tremulo braço estendeu  
P'ra roseira o tão velho senhor ;  
O botão da direita colheu...  
Sôa um grito de susto e de dôr ;  
E o tyranno sem nada escutar  
O colhido botão vai beijar.

Porém pára espantado... sentido..  
Frio... pallido spectro ficando ;  
Que o botão encantado, colhido  
Vai-se em linda avesinha tornando...  
Bate as azas... p'ra o céo já fugio ;  
Velho, e carro?... quem foi, que os sumio?..

Veio em fim pelo lago descendo.  
Não um carro, nem rico batel.  
Nem riquezas, nem luxo trazendo  
Vasos d'ouro repletos de fel ;  
Mas sómente uma cêsta de flôres,  
Que tecêrão benignos amores.

Já o ar outra vez recendia,  
E outra vez doce canto se ouviu ;  
Entre effluvios e a terna harmonia.  
A donzella porém não dormio :  
Bello joven em terra saltou ;  
Porqu'a virgem não mais trepidou?..

Era lindo o donzel... tão formoso...  
Seu sorrir tem feitiços de amor ;  
Veio vindo... e parou cubiçoso  
Como em extasis olhando p'ra flôr :  
E a donzella p'ra o seu anjo olhando,  
Suspirou, porque o vio suspirando.

O seu braço gracioso estendeu  
P'ra roseira o dilecto de amor,  
O terceiro botão já colheu...  
Não se ouviu mais o grito de dôr.  
E o mancebo com fogo, e paixão  
Vai beijar o colhido botão.

Porém pára... enlevado... perdido...  
O presente de amor contemplando,  
Que com tanta ventura colhido  
Pouco a pouco se vai desfechando,  
E offerece, em lugar de botão,  
Da donzella o feliz coração...

Bate as azas o anjo contente,  
E primeiro baixando o adejo,  
Da donzella tão pura, innocente,  
Vai nos labios deixar santo beijo :  
E saudoso alça então vôo seu  
Para sua morada... no céo.

E o mancebo feliz... bello... ardente  
Corre á virgem com vivo fervor,  
E sem vêr, que ella é toda innocente,  
Quer tambem dar-lhe um beijo de amor ;  
Mas a virgem tremeu... não ousou...  
E um grito soltando... acordou.

.....

O que é sonho?... é verdade ou chimera?...  
O que é sonho?... é a alma que véla,  
Que vagando por mais alta esphera

Do porvir os arcanos revela?...  
 O que é sonho?... futuro sem véo?...  
 O que é sonho?... — mysterio do céo.

Mas que é feito da virgem, do pobre?...  
 Já o dia voltou : — Vou dizer :  
 Seu amor denso véo inda cobre ;  
 Que elle ama não posso esconder ;  
 Porém teme... receia... não diz ;  
 Porque é pobre, por isso infeliz.

E a donzella formosa, innocente,  
 Inda livre, inda isenta de amor  
 A ninguem ganhar d'ella consente  
 De seu sonho um botão... uma flôr ;  
 Pois no rubro virgineo botão,  
 Julga vêr seu feliz coração.

E o mancebo, que tinha tentado  
 A paixão, que nascia, abafar,  
 Hoje a ella de todo curvado  
 Stá com os olhos no céo a clamar :  
 « Quem não fôra nascido ; — ou então  
 « Quem me déra o terceiro botão !... »

Longo tinha sido o cantar do velho, e durante todo elle, mil, e diversas sensações havia experimentado a Bella Orphã.

Um segredo de seus mais bellos dias, o primeiro romance de sua alma de moça estava revelado.

Quem o revelára ?

E sobre tudo havia ali n'aquelles versos a expressão, e a confissão de um amor profundo, mas temeroso..., era o poeta, que amava a bella.

O primeiro pensamento de Celina foi perguntar ao velho Rodrigues o nome do autor d'aquelle romance; córando porem diante de sua consciencia de virgem, hesitou...

O velho estava em pé diante d'ella com seus olhos pequenos, porém penetrantes, fitos em seu rosto, e obrigando-a a abaixar a cabeça.

Em fim, Rodrigues rompeu o silencio.

— Está triste, senhora?...

— Não! respondeu ella.

— Mas tambem ninguem a julgará alegre.

— Tambem não estou alegre.

— Ah!... está pensativa.

Celina olhou para o velho guarda-portão, e o achou sorrindo-se maliciosamente.

— De que se está rindo assim? perguntou.

— E' porque estou adivinhando o pensamento, que a occupa.

— E qual é?...

— Deseja saber a historia do meu romance, o nome da virgem innocente, e do mancebo pobre, não é assim?

— E' verdade: respondeu Celina hesitando.

— Pois eu vou satisfazê-la

A Bella Orphã córou.

— Não sei o nome da virgem, disse o velho.

— E o do mancebo?... perguntou Celina respirando.

— Esse eu o sei. E' um joven modesto, e cheio de merito, porém pobre: elle ama apaixonadamente, ama como nenhum outro poderá amar mais do que elle; mas o seu amor morreria no silencio de seu quarto, se uma generosa e traidora mão não roubasse n'esse romance a confissão d'elle tão extremosa, e tão puro...

— Mas quem é elle?...

A bella queria conhecer o seu poeta.

O velho Rodrigues estendeu a mão para o lado do Purgatorio-trigueiro, e apontando com seu longo e tremulo dedo, disse :

— E' o Sr. Candido.

E como se tivera concluido uma commissão importante, de que se encarregára, sahio com passos vagarosos da sala.

A Bella Orphã ficou pensando muito tempo no mesmo lugar, e quando se levantou, disse, como fallando comsigo mesma :

Deveria ter adivinhado... ante-hontem á noite, quando eu meditava, elle tambem meditou... e cantou depois, sem duvida, este mesmo romance; porque eu me lembro de ter ouvido distinctamente dizer a sua voz :

— Quem colhêra o terceiro botão !...

---



## XIV

### O moço e a moça.

Approximava-se a hora encantada do crepusculo vespertino.

A' calma abrasadora de um dos primeiros dias de Dezembro, succedêra uma d'essas tardes frescas e bellas, que fazem as delicias dos paizes tropicaes.

Uma multidão immensa pejava as alamedas, os dous pequenos largos, e o terraço do passeio publico da boa cidade do Rio de Janeiro. Era como uma tarde de festa.

Entre os novos concurrentes que a todo o instante formigavão, quatro vierão emfim que attrahirão a attenção de muita gente : erão um homem e uma mulher velha ; e um homem e uma mulher moça.

Vinhão os dous ultimos adiante, e seguidos pelos ve-

lhos : tão facilmente se lia a serenidade no semblante d'estes, como a perturbação no dos primeiros.

Estava a moça muito córada, e quasi anciosa ; e o moço, pelo contrario, muito pallido, e como que abatido : trazião ambos os olhos no chão, e não se dizião palavra ; erão porém ambos bonitos ; a moça principalmente era muito bella.

Vinha ella de vestido de escomilha côr de rosa e em corpinho, com os cabellos á napolitana ; não trazia nem brincos, nem adereço, nem pulseiras : mas sim lindissimos braços nus, pois que o vestido era de mangas curtas, e ao mesmo tempo tão comprido, que apenas ás vezes se descobria a ponta envernizada de suas pequeninas botinas. Uma fita azul, larga de dous dedos, e enlaçada na cintura, era ao demais o seu unico ornato.

O moço vestia sobrecasaca e calças de merinó preto, gravata de mesma côr, e collete de fustão branco lavrado : tinha, lechando-lhe o peito da camisa, um simples botão de ouro pequenino e liso ; trazia os cabellos muito curtos, chapéo de castor preto, e botins de couro de bezerro.

A velha estava vestida todo de preto, e tinha na cabeça um chapelinho da mesma côr, mas de palha, com enfeites de fitas roxas.

O ancião emfim, vinha de sobrecasaca de panno côr de rapé, gravata preta, collete e calças branças, trazia uma grossa corrente de ouro, muito fóra da moda prendendo o relógio, e pendendo de uma fita negra, sua grande luneta de aros de prata : tinha na cabeça um chapéo de patente, e calçava sapatos inglezes.

Seguirão estes quatro personagens a rua, que em linha recta vai do portão do passeio terminar-se no largo principal, e defronte do outeiro artificial chamado communmente — Cascata. — De caminho foi o velho cumprimentado como amigo por alguns : trazia a moça muito

no chão os olhos para o ser também : ninguém todavia deu fé de conhecer a velha, nem o moço.

Os dous velhos conversando um com o outro sem cessar, nada ouvirão do que se poderia estar dizendo em derredor d'elles : outro tanto não acontecia aos mancebos que, em silencio caminhando, tinham por consequencia mais apurada a attenção.

Já por vezes lhes tinha chegado aos ouvidos ora um elogio á belleza da joven, ora as meias palavras e o ruido das risadinhas de duas moças ao apuridar-se ; quando ao passarem por junto de dous mancebos, disse um d'elles :

— Olha... ahi vão dous irmãos ou dous noivos.

— Nem uma nem outra cousa, respondeu-lhe o companheiro.

— Porque ?

Porque se fossem irmãos conversarião, e se fossem noivos se estarião dizendo finezas.

— Então são namorados.

— E' o mais provavel.

A perturbação do moço e da moça foi tão visivel então, que não pôde escapar aos olhos de seus observadores.

Depois de alguns passos mais, a moça disse ao seu companheiro com voz quasi sumida :

— Conversemos .. senhor...

Mas forão indo sempre calados como até então.

Desde porém que aquellas palavras chegarão aos ouvidos da moça, qualquer fraco ruido, o sussurrar de uma conversa a pouca distancia travada, tudo, em uma palavra, a assustava ; tudo lhe parecia estar repetindo aquelle insulto feito á sua innocencia :

— São namorados.

Chegarão emfim aquellas quatro personagens ao largo principal, e ladeando-o pela direita, entrárão no cara-

manchel d'esse lado, e sentárão-se nos bancos de pedra.

Ficárão então todos quatro descansando em silencio debaixo d'aquelle bello tecto de jasmims da India, e como se a melancolia dos dous moços se houvesse propagado aos velhos, estiverão estes tristes e suspirando, até que o ancião quebrou inopinado o silencio, dizendo :

— Então !... que quer dizer isto ?... vimos passear e divertir-nos, e estamos tristemente olhando uns para os outros ?...

— Parece, respondeu a velha, que estes meninos pegárão-nos sua tristeza.

— Não, tornou aquelle ; não mintamos a nós mesmos : queres saber, Celina, porque nossa velha amiga se tornou de subito melancolica ?... quer saber, Sr. Candido, porque me succedeu o mesmo ?...

Os dous mancebos levantárão pela primeira vez os olhos, e os fitárão em Anacleto, como dizendo cada um d'elles : — quero.

— E' que nos estamos lembrando do passado ! disse Anacleto.

Irias murmurou tristemente :

— E' verdade ! é isso mesmo.

— E' que vemos ir-se tudo mudando em torno de nós : é que sentimos irem morrendo uma a uma todas as testemunhas de nossos gozos dos bellos annos... e aqui mesmo, a não serem essas arvores copadas que resistem ao tempo, e essas duas pyramides, que não sei por que milagre não se lembrárão ainda de lançar por terra, nada, nada mais haveria do que era nosso ! tudo teria morrido... tudo estaria mudado, pois que até se matão os nomes !

— E' verdade ! tornou a velha.

— Vós, mancebos, não sabeis nada d'isto ! houve no entanto um tempo, uma época como outra não haverá

mais nunca para esta cidade: eu era então moço como vós, e vi e gozei tudo isso: havia paz e ventura para todos, e cada noite era uma noite de festa: os moços sahião tocando e cantando pelas ruas suas musicas suaves; as familias reunião-se em uma só familia para gozar prazeres innocentes; dormia-se com as portas abertas, e nunca um malfeitor entrava por ellas... Tudo porém acabou, e este mesmo lugar, onde tão bellas horas se passavão, já talvez nem d'ellas lembrar-se póde, porque emfim tudo está mudado... vossa civilisação matou tudo isso!

Ninguem respondeu.

— Vistes, continuou Anacleto depois de curto silencio, vistas aquella rua que vem direito ao portão d'este passeio?... vós hoje chamais — *das Marrecas* — e nós chamavamos então — *das Bellas noites*: — comprehendes o que significava este nome?... era a demonstração viva do prazer, da felicidade que fruia a multidão immensa de ambos os sexos, que passava por essa rua para entregar-se a gozos puros aqui. Sobre estas grandes mesas, junto de uma das quaes estamos, ceavão familias a quem os laços de amizade ligavão, e nas quaes havia ás vezes um mancebo, e uma moça que não tarde se ligarião por outros laços mais doces ainda: oh! quantas vezes de baixo d'este carramanchel, ou em um passeio, ali por aquellas ruas sombrias e solitarias, não teve origem um terno sentimento, que foi logo depois fazer a felicidade de duas creaturas!...

Uma leve onda de rubor passou ligeira por sobre as faces de Celina, ao mesmo tempo que Candido fez-se mais pallido ainda.

Irias até então distrahida, começava a observa-los, fitando ora na moça, ora no mancebo seus olhos verdes.

Anacleto proseguio:

— Que é feito d'aquelles nossos dous pavilhões quadrangulares com sua estatua de Apollo coroando o do lado direito, e com a de Mercurio o do esquerdo?... vossos dous torreões octogonaes poderão fazel-os esquecer?... desconfio muito que não; pelo menos eu me hei de lembrar sempre do pavilhão da direita com seu tecto de arabescos, palmas e flôres sobre fundo branco, todos formados de pennas de diversas côres; com suas sobre-portas de baixos-relevos de passaros de nossa terra, feitos á custa de suas proprias pennas: pelo menos eu me hei de lembrar sempre do pavilhão da esquerda com seu tecto de arabescos, palmas e flôres sobre fundo azul, todos formados, não já de pennas, como o outro, mas de lindas conchinhas, com suas sobre-portas ornadas de relevos de peixes de nossos mares, feitos á custa de suas proprias pelles; tudo isso era bello, era bem acabado, era obra de genio; mas tudo isto está morto e morto ficará, porque vós não tendes para resuscitar tantas bellezas o homem que nós tínhamos, o nosso — Xavier dos passaros. — Sim! sim!... tudo está mudado: mudou mesmo a indole, mudárão os habitos, e é outro hoje o espirito da população.

— E' verdade! disse ainda a velha Irias; mas tendo sempre os olhos fitos ora em Candido, ora em Celina.

— E nós, que isso sentiamos, que por tudo isso passámos, soffremos agora ao visitar estes lugares, onde tanto gozamos, uma melancolia profunda, uma saudade immensa do nosso passado e ao mesmo tempo uma dôr aguda e terrivel, quando pensamos que os prazeres, as bellas festas, os jardins, e os edificios tem todos mudado de face, todos cahido, todos emfim morrido, que d'aquella época nós e poucos mais restamos, e que quando tambem morrermos, só teremos do nosso tempo algumas folhas

de arvores seculares, para cahir sobre a tumba que nos cobrir.

Ficárão de novo todos quatro em silencio por algum tempo, e ainda tristemente; até que Anacleto de novo fallou.

— Mas vós tambem estais tristes, e todavia vossa tristeza em nada se póde parecer com a nossa! o que vos acanha, meus filhos?... não podeis chorar o que nós choramos, porque não bebestes na taça de nossos gozos: chorais sobre o presente por ventura?... porém, meus filhos, não sentis que o futuro se está sorrindo sempre para a mocidade?...

— A's vezes não, disse o mancebo fallando pela primeira vez.

— A's vezes não?!?! tornou Anacleto: sim; elle tem razão: ás vezes parece que o homem traz de dentro do ventre materno á sina de soffrer sempre, de sempre chorar, e não rir nunca nem uma só vez na vida! Mas será crível que o senhor pertença ao numero d'esses homens desgraçados?...

— Pertença, Sr. Anacleto, respondeu Candido, pertenço ao numero d'aquelles que soffrem... e calão.

Anacleto olhou com interesse para o mancebo, e não julgando a proposito encetar uma conversação sobre tal assumpto n'aquelle lugar, disse pouco depois:

— Meus filhos, passeai... se amais a multidão, lá está o terraço cheio de povo; se preferis o silencio, tendes as alamedas sombrias... ide...

— E vós, meu avô?... perguntou Celina.

— Eu fico: tenho muito de que fallar á Sra. Irias: somos dous velhos que estamos voltados para o passado; ide vós pois, que tendes o rosto para o porvir.

— Oh! não, tornou a moça; nós queremos ficar e ouvir-vos... preferimos isso...

Anacleto pegou levemente na mão de Celina, fez com que a moça se erguesse, e entregando-a a Candido, disse :

— Não, eu quero ficar só com a Sra. Irias; e o Sr. Candido, Celina, é um cavalheiro honrado e nobre, que póde passear a sós comtigo: ide!

Celina tocou com a ponta de seus dedinhos o braço que lhe offerecia Candido, e sahirão ambos do caramanchel; ella, como no principio, muito córada, e elle muito pallido.

Forão os dous mancebos pará o caminho do terraço; a multidão pareceu talvez a ambos uma defesa contra sua propria perturbação. Quando elles subião a escada do extremo direito do terraço, Irias ainda tinha sobre ambos fitos os olhos, e os acompanhava com um sorrir eloquente; mas ao vêl-os chegar ao ultimo degráo, Anacleto estendendo o braço, e apontendo para Candido, disse a Irias:

— Estamos em completa liberdade; e eu posso desvanecer-me de merecer a sua confiança: diga-me, senhora, quem é aquelle mancebo que leva pelo braço minha pupilla e neta?...

— O que quer saber, senhor? pergunta-me pela historia de sua vida, ou por suas qualidades?...

— Penso ter bem apreciado as ultimas: mas ignoro tudo da primeira.

— Tambem o que eu sei não poderá satisfazer-lhe.

— Diga-me sempre.

Começou Irias a fallar, em voz porém tão baixa, que a não pudemos ouvir.

No entanto, Candido e Celina tinham-se entranhado no coração da multidão: nas portas dos torreões, sobre os bancos de marmore e azulejos, que entremeião a bella cortina, que guarnece em quadro o terraço sobre o pa-



rapeito de grossas grades de ferro, que olhão para o mar subindo emfim pelas quatro escadas, havia sempre multidão. Celina pensava que melhor se esconderia no meio d'ella; Candido era escravo da inercia, iria para onde o quizessem levar, e sobretudo respeitava o desejo de uma senhora.

Mas Celina se illudíra: um homem sim, uma mulher não, nunca s'esconde na grande concurrencia, porque, onde existe uma mulher, principalmente moça e bella, todos os olhos se fitão sobre ella.

Que importa que a mulher traga os olhos baixos? os observadores perguntão e indagão porque ella os não traz levantados; porém se os trouxer bem erguidos, os observadores hão de indagar ainda porque os não traz ella no chão.

Mas quasi ao tocar a extremidade esquerda do terraço, quando o par incomprehensivel tinha atravessado todo aquelle extenso quadro sem dar fé das bellas jovens, e elegantes mancebos que por ali vagavão, Celina, no momento em que se voltava para repetir o mesmo passeio, vio em um volver d'olhos os mesmos dous mancebos, que já uma vez tinha encontrado, e a havião feito córar, e que ora a observavão de uma das janellas do torreão esquerdo.

Um dos observadores tinha o braço levantado, e mostrava-a com o dedò: ambos se estavam rindo como de intelligencia.

A brisa da tarde trouxe aos ouvidos de Celina as mesmas palavras da outra vez:

— São namorados.

A perturbação da moça redobrou; ella comprehendeu que havia alguma cousa de singular n'elles dous: lembrou-se d'esse silencio obstinado que ambos guardavão, d'essa melancolia que os fazia notaveis, e temendo já a

multidão, ao chegar á primeira escada do centro, que desce ao lado da cascata, ella deixou o braço de Candido e disse :

— Desçamos, senhor... vamos passear... conversemos... por quem é... conversemos.

Candido levantou os olhos e vio o rosto de Celina ainda mais embellecido pelo rubor do pejo... uma leve excitação nervosa lhe fazia palpitar com força o coração, e lhe inundava o seio de voluptuosidade: Candido respondeu tremendo:

— Conversemos; e ficou ainda calado.

— Oh! vamos passear pelas alamedas... leve me para as menos frequentadas... eu aborreço a multidão... mas conversemos!

— Vamos para as alamedas... murmurou Candido.

Os dous mancebos que observavão desde o principio Candido e Celina, perdêrão-os de vista ao voltar de uma alameda.

Candido e Celina passeavão a sós.

Temendo a multidão como a um inimigo, procuravão as ruas solitarias; ahi reinava o silencio; as arvores cruzando seus ramos deixavão apenas passar raios de uma luz duvidosa... sopravão brandos favonios, que vinhão travessos entender com as folhas, beijar as flôres, e espalhar os perfumes, que das ultimas roubavão...

Celina tinha-se já esquecido dos dous mancebos... e pensava sobre o romance, que n'essa tarde lhe havia cantado o velho Rodrigues...

Candido lembrava-se do que ainda ha pouco tinha ouvido da velha Irias.

Não conversavão... não se dizião palavra... fechava a boca de ambos esse pudor angelico do primeiro amor; mas o primeiro amor diz tudo no seu eloquente silencio, diz mil vezes mais do que em seus longos discursos di-

zem esses amores velhos, gastos, que já não tem originalidade nem pureza, e que fallão muito, porquo sentem pouco.

O primeiro amor respira virtude e castidade: é a exalação do sentimento puro, e santo que Deos soprou em nossa alma... exhalado esse, os outros são feios arremedos, que nunca se podem parecer com elle.

O primeiro amor não falla... quasi que não olha: suspira e treme; mas n'essa linguagem muda diz muito... diz tudo.

Candido e Celina não fallarão, mal se olhárão; suspirárão porém, tremêrão.

Ao crepusculo recolhêrão-se ambos ao caramanchel, onde Anacleto e Irias conversavão ainda.

Em todo passeio Celina só observou um phenomeno: quando sua mão tocava menos de leve o braço de Candido, o mancebo estremecia involuntariamente. Candido pôde apenas notar, que se alguma vez seus olhos encontravão os de Celina, a moça córava muito, e mostrava-se enleada.

E no fundo do coração ambos elles se havião perguntado, o mancebo, porque era que aquella moça córava?... a moça, porque era que aquella mancebo tremia?...

Elles se amavão.

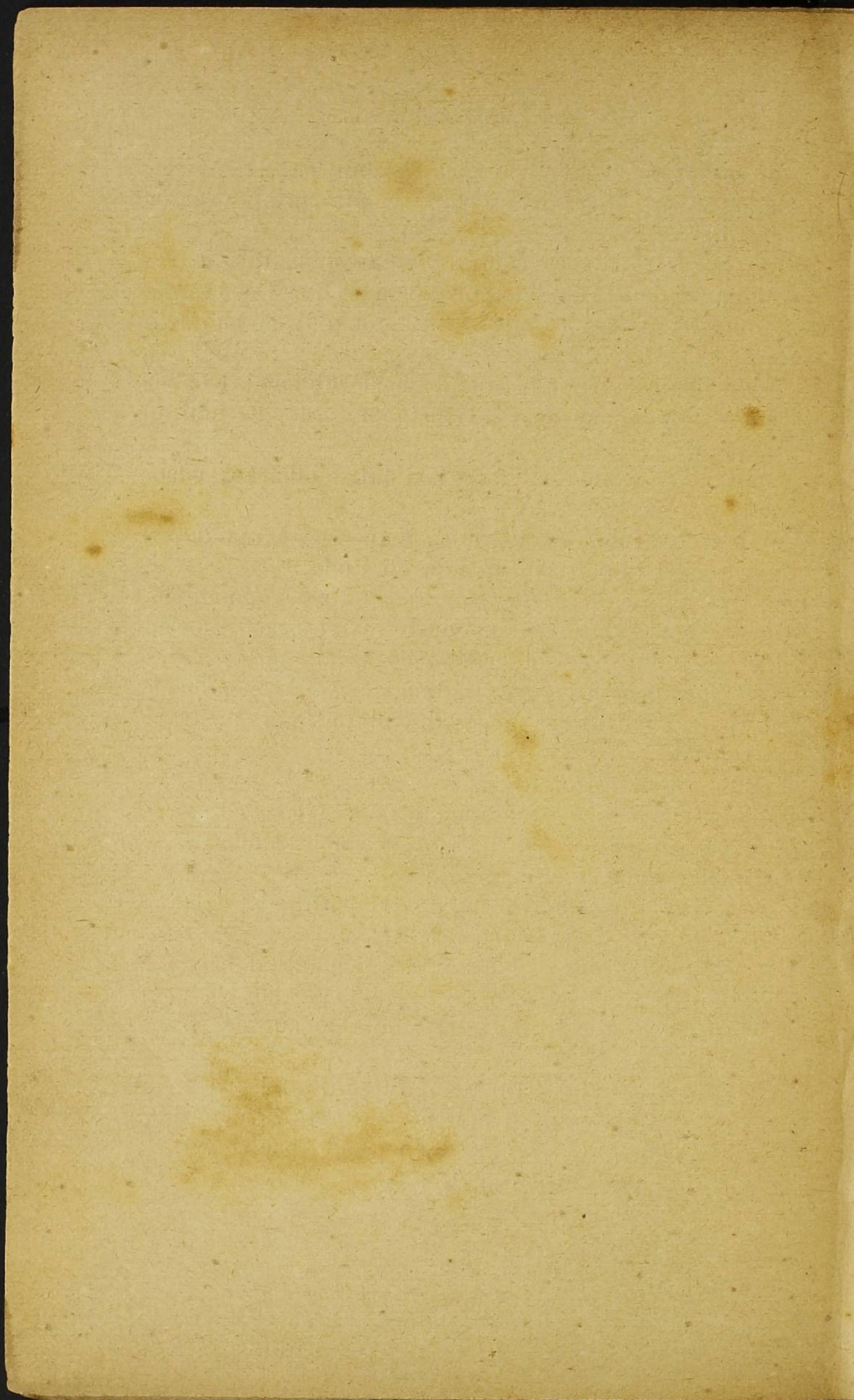
Os quatro personagens de que temos fallado, deixárão emfim o passeio publico.

Quando de volta se achavão exactamente defronte do Purgatorio-trigueiro, um carro puxado por dous cavallos brancos se despedia do portão do Céu côr de rosa, e passou perto d'elles.

— O carro do Sr. Salustiano, disse a velha Irias.

A noite escondeu um movimento de despeito, e um olhar de cólera que escapárão ao velhó Anacleto.

Entrárão todos quatro no Céu côr de rosa.



## XV

### O senhor e a escrava.

Meia hora depois que Anacleto e Celina tinham sahido para se dirigirem ao passeio publico, um carro parou junto do alpendre do Céu côr de rosa, e Salustiano apeou-se d'elle.

Marianna, que o recebeu, estava só na sala.

Apresentou-se Salustiano com ar triumphante; a filha de Anacleto estava pelo contrario pallida, mas com semblante desdenhoso.

Sentárão-se ambos muito perto um do outro: houve um curto silencio, e Salustiano fallou primeiro:

— Enfim, estamos um momento a sós, minha senhora!

— E' verdade, respondeu com voz segura Marianna eu preparei este momento.

— Como?...

A viuva levantou-se, foi fechar a porta da sala, e tomando de novo o seu lugar :

— O senhor m'ò havia exigido, disse; no serão de antehontem despedio-se de min com estas palavras: « depois d'amanhã ás cinco horas da tarde! » não foi assim...

— Ah! sim... creio que sim; respondeu Salustiano, fingindo que se lembrava.

— E eu para obedecer-lhe, menti a meu pai; convidei-o para passear hoje á tarde, e na hora de sahir queixei-me de um pequeno incommodo, e forcei-o com rogos a fazer o passeio só com minha sobrinha.

— V. Ex. é a mesma bondade!... disse o moço com insolente ironia.

— Oh! não! senhor; fallemos seriamente; não ha bondade da minha parte, nem polidez da sua: o caso é simples: aqui está um senhor, e uma escrava.

A firmeza com que Marianna pronunciou essas palavras, obrigou Salustiano a fazer um movimento de admiração.

— Porque, continuou ella, eu comprehendo perfeitamente o que sejam as ceremonias, e as etiquetas em uma assembléa; mas quando se achão a sós, e cara a cara duas pessoas, que se procurárão adrede para tratar de uma questão cuja base, apezar de ser um segredo, é de ambos conhecida, para que, senhor, estar com vãs palavras encobrando uma triste verdade?.. para que vestir em bellas roupas um horrivel esqueleto?...

Mas enquanto Marianna assim se exprimia, retomára Salustiano seu sangue frio habitual, e já com seu insolente e costumeiro sorriso nos labios, respondeu em tom de gracejo.

— E' minha senhora, que eu tenho minhas tendencias para diplomata.

— Menos isso, senhor, tornou Marianna; póde sim um homem, imprevistamente dono do segredo de uma mu-

lher, impôr-lhe por preço de seu silencio, condições indignas ; isso será apenas vilania... baixeza d'alma ; mas ridicularisar essa mulher, senhor? !! oh já não é só vilania, é infamia !

— Senhora ! disse Salustiano.

— E preciso é que me conheça bem, que faça justiça a meu character. Se tenho tremido, se me tenho humilhado a seus olhos nas sociedades, é porque me curvo ante a pureza dos outros, é nunca porque dobre os joelhos ao seu poder : quando estivermos sós, eu hei de conservar-me sempre na minha posição, alta, elevada muito sobre a sua ; porque a victima é sempre menos infame do que o algoz. A quem eu temo, a quem eu respeito, não é o senhor, é as almas nobres.

— Senhora !...

— Nada de falsas posições entre nós, continuou a viuva : o que somos ambos, ambos o estamos vendo : eu sou uma mulher indigna, e o senhor é um homem baixo e vil : supponhamos agora, que nenhum de nós tem pejo, e fallemos claramente um ao outro, como dous sicarios, que tratão de um crime. Eis-aqui como deve passar esta hora entre nós dous : creio que tórno tudo muito facil. O que quer o senhor de mim ?...

Aquella mulher alta, bella, morena, de olhos cheios de fogo, orgulhosa e vehemente, dava incrivel força a suas palavras ; com seu olhar ardente humilhava Salustiano, que ficou de novo espantado, e em silencio junto d'ella.

A viuva repetio a pergunta que já havia feito.

— O que quer de mim, senhor? !!

— Confesso, senhora, disse Salustiano, que não vinha preparado para uma conversação da natureza, que parece desejar ; todavia, pois que assim o quer, esforçar-me-hei por mostrar-me sem pejo, e fallar-lhe como um sicario que com outro conversa sobre um crime.

— Bem ; é isso mesmo : o que quer pois ?...

— Primeiramente quero saber quem é este mancebo que tão assiduamente frequenta a sua casa, e a quem ouço dar o nome de Candido.

— Sei que se chama Candido.

— E mais nada ?...

— E mais nada.

— Vamos mal, senhora ; não vi, como desejava, satisfeita minha primeira pergunta ; desvanço-me porém de esperar, que uma exigencia que agora farei, será completamente, e cedo cumprida.

— E o que exige o senhor ?... perguntou Marianna.

— Que as portas d'esta casa sejam fechadas a esse mancebo.

— Quem abre, e fecha as portas d'esta casa a todas as pessoas não é a filha, é o pai.

Salustiano levantou os hombros, e disse :

— Embora ; eu o exijo.

Mordeu Marianna os labios de despeito, e depois perguntou :

— E porque ?... e para que havemos de fechar as portas d'esta casa a esse infeliz moço ?...

— Já o disse uma vez, senhora, porque eu o exijo.

— Oh !... e crê que ha de ser humildemente obedecido, não é assim ?...

— Tenho a certeza d'isso.

— Senhor ! senhor !... exclamou a filha de Anacleto ; não comprehende que isso é já muito abusar ?... oh ! um cavalheiro zombando, insultando uma mulher, porque sente que ella não tem por si quem a defenda ; que existe abatida com a consciencia de um crime ! mas um cavalheiro deve sentir, que quando chega a exaltação, quando mais não póde soffrer, quando emfim determina vingar-se, uma mulher vale o dobro de um homem ;



porque de ordinario o homem sabe sómente matar, e a mulher sabe tambem morrer.

Salustiano começava a rir-se.

— O senhor se está ahi rindo, porque não sente, que estas palavras pronunciadas por uma senhora á face de um cavalheiro equivalem á maior das affrontas, que um homem póde fazer a outro... mas deve rir-se... o senhor tem consciencia de não ter generosidade, nem honra.

Salustiano continuava a rir-se.

— O senhor se está ahi rindo, porque se persuade, que sempre que estivermos juntos, haverá um senhor para mandar, e uma escrava para obedecer; não é isso?...

— Talvez.

— Sim... talvez ainda por algum tempo, mas um dia...

Ahi se interrompeu Marianna, e encarando de perto Salustiano, proseguio :

— Qual é porém a razão porque as portas d'esta casa se hão de fechar a esse mancebo?... tem o senhor concebido algum projecto, diante do qual se levante elle?... que projecto é o seu portanto? creio que ainda me assiste o direito de fazer taes perguntas.

— E eu tenho a certeza de que não preciso descobrir o alvo a que atiro, para ser satisfeito no que pretendo.

— Ah! senhor! isso é já demais.

— Estou fallando, senhora, na supposição tristissima, de que nenhum de nós tem pejo, e somos como dous sicarios que tratão de um crime.

— Oh! pois bem, exclamou com violencia Marianna; vamos ao fim: pensa que não vejo o que se passa diante de meus olhos?... quer que lhe trace o painel de seu comportamento para comigo, e que lhe exponha seus ultimos projectos?... ouça pois.

Salustiano descansou uma perna sobre a outra com inaudito sangue frio, e disse :

— Ouvirei, senhora ; note porém que se vai fazendo tarde.

Marianna começou.

— Um acaso funesto, um acontecimento talvez determinado por Deos, para castigo de um crime que eu commetti, depoz em suas mãos um documento, que prova esse crime. Quando eu soube que semelhante documento existia em seu poder, foi no meio de uma festa, no seio dos prazeres, dos quaes o senhor mesmo me foi arrancar dizendo-me — és minha escrava!... — Oh! eu tremi realmente! e vejo bem que tinha razão de tremer : tremi, porque desde então havia no mundo um homem, que possuia o meu fatal segredo; tremi, mas nunca pensei, que esse homem abusasse tanto, e de maneira tão indigna, de uma pobre mulher sem defesa.

— Vai-se fazendo tarde, senhora, repetio Salustiano.

— Senhor, senhor; já se não lembra acaso do que comnosco se passou nos primeiros tempos de nosso desgraçado conhecimento?... lá n'essas sociedades, que erão o meu delirio, a minha fascinação; lá n'essas assembléas, onde eu me suppunha admirada, e querida; porque, confessarei tudo, tenho ainda hoje orgulho de ser bella; lá mesmo foi o senhor perturbar meus innocentes gozos; lá ostentou diante de seus amigos, que merecia um amor que eu lhe não tinha, que eu lhe não podia dar; lá ostentou ter subjugado, ter conquistado o coração da mulher casada; e eu que observava isso, eu que sentia como as mulheres murmuravão contra mim, e os homens parecião ter piedade de meu marido; eu que via o monstro da calumnia erguer-se contra minha fama de esposa fiel; eu... eu me sorria ou có-

rava, á vista de todos, quando o senhor se approximava de mim, ou me offerecia o braço convidando-me para um passeio; porque emfim, eu era sua escrava!... Em resultado o senhor era um homem infame, e eu uma mulher covarde.

— Vai-se fazendo tarde, senhora, tornou Salustiano.

— Não havia, não podia haver amor entre nós: desde o primeiro dia, em que nos encontrámos, eu o aborreci, e o senhor nunca chegou a amar-me: porque pois fazia crer a seus companheiros de devassidão, de orgias, e de calumnias, que eu era pouco fiel a meu esposo, e sensível ao seu amor?... não sabe porque?... porque o senhor era um homem infame! e eu porque não sabia vencer minha tão grande fraqueza?... porque não mostrava ao mundo, a meu marido, a todos o homem indigno, que zombava de mim, e trazia em torturas a minha vida?... eu já disse a razão ainda ha pouco; porque eu era uma mulher covarde.

— Lembre-se que é tarde, senhora!

— E agora?... sabe o que se está passando entre nós?... persuade-se de que eu não tenho já adivinhado a razão, porque se atreve a exigir, que seja expulso d'esta casa um nobre mancebo, que tem sabido merecer nossa amizade!... escute: ha uma menina que é bella, bella com todo o esplendor e viço da mocidade; bella ainda mais por sua modestia, e suas virtudes; uma menina, cujo nome o povo abençoá, e que todos como que de ajuste a julgão encantadora: é um coração virgem; e perturbar a tranquillidade d'esse coração, ganhá-lo com sua linda innocencia, é uma conquista que deve encher de orgulho, a qualquer d'esses moços fatuos e sem moral, que deshonrão a época em que vivem, fazendo glória da desventura das mulheres: pois

hem : o senhor tem lançado os olhos sobre essa menina, que é minha sobrinha.

— E' verdade ! exclamou Salustiano ; eu a amo !

— Amal-a !... oh ! não, senhor ; não desdoure assim o mais nobre dos sentimentos humanos... um homem vil não ama.

— Senhora !

— Mas sendo por ora infructiferos todos os seus esforços, conhecendo que até hoje nenhuma impressão tem feito no coração da modesta virgem, o senhor foi procurar uma cousa que explicasse essa indiferença de Celina, e lançou os olhos sobre um mancebo honrado, nobre, cheio de recommendaveis qualidades, que não nos fez ainda um só momento arrepender de o haver recebido em nossa casa. E julgando, que esse moço é o unico obstaculo a seus pretendidos triumphos, ousa vir aqui exigir de mim, que lhe feche as portas de nossa casa ! não é isso ? não tenho adivinhado tudo ?...

— Sim... é isso mesmo : faz-se-me preciso que Candido não volte mais nunca ao Céu côr de rosa.

— E acredita que Celina será por tal meio menos indifferente á sua improvisada paixão ?... ah ! senhor, a virtude e um amor santo derão o leite a essa menina : a natureza d'ella e a sua se repellem ; lembre-se que ella é um innocente anjo, e que não ha sympathia possível entre um bom anjo, e um demonio. E seria possível que nós lhe sacrificassemos minha sobrinha ?...

— Eu o pensava, senhora.

— Oh !... tem a vencer primeiro a antipathia de Celina, o aborrecimento do velho Anacleto, e o odio de Marianna.

— E por ventura não tenho eu alguma cousa a meu favor ?...

— Um dia se ha de quebrar essa arma !...

— Senhora, disse Salustiano endireitando-se na cadeira; tenho-lhe escutado socegradamente; justo é que me ouça agora do mesmo modo.

— Mas vai-se fazendo tarde, senhor.

— A senhora pretendeu ter adivinhado meus sentimentos, e não conhece ainda metade d'elles: quero dar-lhe idéa de mais alguns. Sim; o documento que possuo, me tem collocado na posição de senhor, e a tem posto na de escrava: e eu, eu que sou rico e feliz, considero-a como uma de minhas riquezas, como a mais interessante carta do meu jogo dos prazeres da vida; e abuse ou não, hei de divertir-me jogando com essa carta, d'ella me servindo para ganhar as mais difficeis partidas. Sim! ostentei-me seu apaixonado e seu preferido, e o mundo em que vivemos acreditou que eu era amado e feliz.

— Oh! mas isso foi uma calumnia d'esse mundo, e uma infamia de sua parte!

— Agora que já por muito tempo gozei a felicidade do parecer amado por uma senhora encantadora, quero realmente ganhar a posse de uma outra não menos bella: amo, e ame ou não, quero que a Bella Orphã seja minha esposa: e sabe quem, me ha ajudar n'esse empenho?... sabe quem, se preciso fôr, ha de levar a Bella Orphã de rastos aos altares, e forçal-a dizer — sim — ao sacerdote?... é a senhora.

— Eu?!!!

— Sim, porque actualmente eu tenho mais do que o documento de um crime; tenho um sentimento poderoso, por cuja existencia e triumpho a senhora ha de fazer tudo: tenho um amor, cujos laços hei de quebrar, se não fôr ajudado e feliz em minhas pretensões.

— Senhor!...

— Esse amor que não morreu com um viajar de tres

annos, que resiste ainda, que hoje apparece e se mostra tão bello, tão cheio de esperanças, hei de eu matal-o, senhora !...

Marianna não pôde dizer nada.

— Se acaso uma barreira se levantar entre mim e sua sobrinha, eu tambem saberei levantar uma barreira, que separe Marianna de Henrique.

— Senhor !

— Oh ! a senhora sabe bem se eu posso, se eu tenho animo de o fazer... e eu o farei.

— Sim ! sim ! eu o sei : o senhor é capaz de tudo.

— E portanto a senhora ha de necessariamente coadjuvar-me no meu empenho... por interesse proprio, para que eu não mate o seu amor...

— E' muito !

— Para que eu não atire um documento terrivel aos olhos do seu amante, aos olhos do publico ; um documento, que a condemna como... de que nome, quer a senhora que eu me sirva ?...

— Senhor !... senhor !...

— Por ora pois cumpre-lhe sómente despedir d'esta casa a esse homem, que eu detesto. Com razão ou sem ella, ame elle ou não a sua sobrinha, seja ou não amado emfim, eu não peço, eu quero, que esse mancebo deixe de vir aos serões do Céu côr de rosa. Senhora, repito a palavra, com que começámos a tratar d'esta questão : — eu o exijo ! e pronunciarei depois d'essa a palavra, que deve terminar todas as nossas discussões d'ora avante : — se não... —

— Oh ! senhor ! retire-se ! exclamou Marianna com desesperação ; retire-se ! deixe-me em paz.

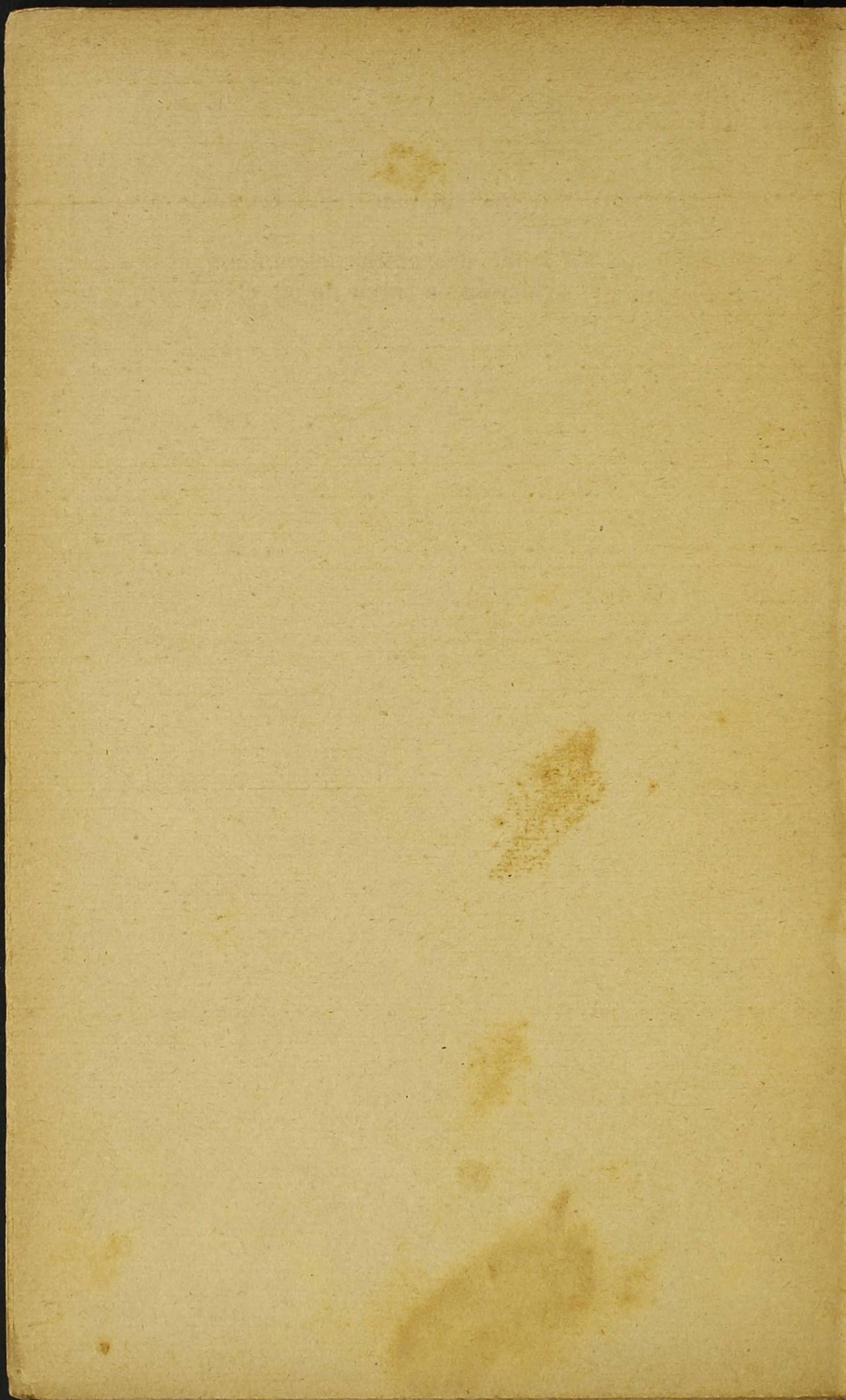
Como dissemos, a porta da sala tinha sido fechada no começo d'esta conferencia.

No momento em que Marianna exclamava — retire-se !

— um velho de quimão preto se afastou mansamente detrás da porta, e recolheu-se a um canto do alpendre.

Salustiano, e Marianna despedirão-se emfim... como dous sicarios, que acabavão de tratar de um crime.

---





## XVI

### A velha, o moço e a moça.

Quando Anacleto, Irias, Candido, e Celina entráram na sala do Céu côr de rosa, já Marianna ali não se achava.

Ou fosse para occultar a perturbação, que por uma causa qualquer sentia, ou porque realmente se achasse fatigado, Anacleto convidou os dous habitantes do Purgatorio-trigueiro para cear com elle, e pedindo-lhes licença para descansar alguns momentos, dirigio-se ao quarto de Marianna.

A viuva estava deitada e abatida: queixou-se de que uma intempestiva, e inesperada visita de Salustiano, lhe exacerbára o incommodo de que poucas horas antes se tinha queixado.

Anacleto não lhe disse uma palavra ; deixou-se cahir em uma cadeira de braços, e ficou triste e meditabundo olhando para Marianna.

O pai desconfiava da filha.

Mas havião ficado na sala, a velha Irias, Candido, e Celina.

Estiverão descansando, sem encetar a mais simples conversação durante algum tempo ; os dous moços conservavão a sua melancolia silenciosa do passeio ; Irias continuava a observal-os como fizera em toda a tarde d'esse dia.

Até que emfim ella mesma quebrou o silencio, dizendo :

— Continuais a estar tristes, meu filhos ?

— Não, minha mãe, acudio promptamente Candido, estamos apenas fatigados.

— Sim... passeámos muito, disse Celina.

— E no entanto, em todo vosso passeio estivestes do mesmo modo, continuou a velha ; sabeis que essa tristeza dá muito que entender nos moços ?...

A Bella Orphã córou vivamente ; Candido estremeceu a proprio pezar.

— Não é preciso córar tanto assim, minha boa menina : porque estremeceste tão fortemente, Candido ?

A observação da velha augmentou o enleio dos moços.

Irias pareceu deleitar-se vendo a ambos perturbados, e foi sómente quando elles conseguirão serenar-se, que ella proseguio :

— Ouvi-me : quando alguém vê dous jovens... um moço e uma moça, meditando tristemente, naturalmente vem-lhe vontade de comprehender a causa d'essa meditação ; e cousa notavel ! quasi sempre acaba por adivinhal-a.

Nada disserão os dous moços.

— Porque, continuou Irias, a alma da mocidade é inconstante, rápida e faceira; ligeira como o corpo que anima, ella se apraz de mudar a cada instante de objecto, de alimentar-se com impressões, e pensamentos sempre novos e diversos: a alma da mocidade é uma borboleta no espirito: não é assim a velhice; pertence a esta a meditação, pois que seu corpo já está cansado; e os sentidos fatigados de, por tantos annos, levar impressões a todos os instantes, mostrão-se como que vagorosos por fraqueza e preguiça: a alma da velhice descansa sobre um pensamento, revolve-se dentro d'elle, porque tambem n'isso lhe ajuda a tristeza, que de ordinario acompanha o velho, e que é morosa como convém ser quem medita. A juventude, repito, é naturalmente alegre, e a alegria é leve e brincadora; por tanto, quando um moço e uma moça estão tristes, e meditação, quem os vê, por força os observa, porque n'essa tristeza, e n'essa meditação deve haver algum mysterio muito interessante para se estudar, e quem as estuda quasi sempre adivinha.

— E' noite fechada, disse Candido levantando-se, e aproximando-se de uma janella; é noite fechada; mas a lua, clara e brilhante...

— Deixa a noite e a lua, respondeu a velha cortando-lhe a palavra, e senta-te ahi onde estavas para eu te dizer como é, que se adivinha a tristeza e a meditação dos moços.

Deixou-se Candido outra vez sentar, e Irias continuou:

— Sobre que é que medita um moço quando passeia com uma joven bella e espirituosa, ou se acha junto d'ella sentado?... é verdade que o homem tem no coração a ambição, que o faz desejar mil cousas, que lhe póde ao longe desenhar ricos castellos, extravagantes arabescos,

palacio e venturas de diversas naturezas ; mas é verdade tambem, que n'aquelles momentos parece muito mais provavel, que medite sobre algum pensamento que tinha bastante relação com essa moça, e elle mesmo : que pensamento será ? qual é o que n'esta vida põe em mais intima relação as almas de um moço e de uma moça ?... o observador, que de ordinario é um velho, lembra-se do que com elle se passou no tempo do verdor dos annos, lembra-se de que não podem impunemente vêr-se, e conversar, um mancebo cheio do ardor, e uma donzella cheia de encantos ; e finalmente o observador conhece que o moço medita sobre — amor. — A respeito da moça é ainda mais positivo.

— Senhora, disse timidamente a Bella Orphã, esta conversação me acanha...

A velha pareceu não ter ouvido o que lhe acabava de dizer Celina, e proseguio :

— Em que pensará a menina de dezeseis annos ?... ella não é ainda esposa para cuidar na constancia de seu marido, e observar como é que elle olha, como é que elle falla ás outras senhoras ; elle ainda não é mãe para entregar-se toda inteira ao cuidado de seus filhos, para viver para elles de dia, e velar por elles de noite ; em que pensará pois, ali sentada ao pé de um bello moço, ou com elle passeando ?... pensarános vestidos de suas bonecas ?... no romance que está lendo ?... meditará sobre sua lição de desenho ?... sobre a cavatina que n'essa noite pretende cantar ?... sobre seus enfeites para o proximo serão ? Mas n'isso não medita a moça tristemente : ha porém para a joven de dezeseis annos, que é ainda solteira, uma meditação acompanhada de tristeza, que não amarga, de melancolia que é doce como a saudade, e que se chama — amor : — sim, minha, filha ! sempre que a moça solteira está meditando, medita sobre amor.

Vós ambos meditaveis esta tarde, e estais meditando ainda agora sobre amor.

— Senhora! exclamou Celina.

— Minha mãe, exclamou Candido.

— Negais o que eu digo? perguntou a velha.

— Nego, disse rapidamente o mancebo.

— Enganou-se, respondeu com timidez a moça.

— Pois eu vou demonstrar que não; vou provar que conheço vosso coração mais do que vós mesmos; ou antes vou demonstrar isso sómente á senhora, porque tu, não podes negar, Candido.

— Oh! minha mãe! por compaixão não abuse do meu estado!!!

— Senhora, Deos e a educação da virtude, tinha até bem pouco conservado o seu coração em toda a virgindade da innocencia. Até bem pouco a senhora sabia o que era o galanteio; porque n'esses poucos hailes a que tem ido, e nas riunéões que se fazem em sua casa, os cavalheiros que lhe cercão, lhe dizem finezas, e provavelmente a requestão; tem pois ouvido muito fallar em amor; não o comprehendia porém, porque não o havia sentido: córava pelo que lhe dizião, mas não córava de si; tambem é só assim que póde córar a innocencia.

Sem o pensar, Celina estava ouvindo attentamente o que dizia a velha.

— Emfim, senhora, este mancebo appareceu, seu desvalimento, sua pobreza, a pallidez de seu rosto, que parece indicar intimo soffrimento, sua melancolia habitual, que quasi dá o character de verdade á suspeita de suas penas, erão sufficientes para recommendal-o á alma das virtudes; mas além d'isto seus tios o tratarão com amizade e confiança; e sobre tudo, a senhora quando o vio pela primeira vez, vio-o onde?... como?... vio do

meio dos tumulos e de joelhos, orando junto á urna que guarda as respeitaveis cinzas de seus pais.

— É verdade! é verdade!... exclamou a Bella Orphã com vivo accento de gratidão.

Uma onda de prazer indizível rolou sobre o coração do mancebo, e foi desfazer-se em leve sorriso, que dilatou por um momento brevissimo seus labios.

— Desde então, proseguio Irias, desde esse momento, quando no silencio de seu quarto, ou nas phantasias do seu leito, a imagem d'este mancebo se lhe desenha no espirito, não é, a senhora deve-se estar lembrando, não é sob a fórmula de um lindo joven, vestido de brilhantes e custosas galas... não, a senhora não o quer assim, não o quer fidalgo nem principe, não o quer rico nem deslumbrador, a senhora o quer, a senhora o vê sempre abatido, pallido e melancolico, de joelhos junto ao tumulo de seus pais.

— E' verdade!... é verdade!... exclamou com lagrimas nos olhos a Bella Orphã.

Candido, emquanto Celina attendia exclusivamente á velha, devorava com ardentes vistas as perolas de ternura, que se escapando dos olhos da moça, pendião de suas faces viçosas, como gotas d'agua limpida, cahidas em petalos de rosa.

Irias continuou :

— Depois, este mancebo começou a frequentar o Céu côr de rosa, e a senhora, muito naturalmente, notou que nas reuniões, que aqui tem lugar, os cavalheiros a cercão, a adulão e incensão, e que sómente Candido, excepção entre todos, se afastava e se deixava, e deixa ainda esquecer em um canto de sala : a senhora pretendeu explicar a si mesma uma tal singularidade, porque, primeiramente, a mulher é muito curiosa d'estas cousas ; e depois emfim, porque lhe doia que estivesse sempre

longe de seu lado aquelle, que tivera o seu mesmo pensamento no dia de dôr, e junto do qual se ajoelhára um momento no meio dos tumulos.

Ninguém interrompeu a velha ; ella porém parou um instante para respirar, e depois disse.

— Mas para se explicar a si mesma essa singularidade, a senhora devia observar o mancebo, e em algumas das vezes que para elle olhava, encontrou seus olhos, que de subito se abaixarão ; bastou porém esse momentaneo encontro de vistas para a senhora espantar-se do ardor, do fogo com que Candido a olhava : esse fogo, senhora, incommodou-a a principio ; depois essa chamma começou a propagar-se, e não tarde seu coração ardia tambem ; mas porque ardia?... porque começou um desassocego indizivel a perturbal-a?... porque em seu leito pensava nos abrasadores olhares do mancebo?... porque lhe escapava um suspiro na solidão?... porque?... a alma virgem da moça o não podia dizer.

Celina nada respondeu ; estava porém espantada, porque a velha dizia o que realmente se tinha passado dentro della.

— Mas hoje, proseguio Irias, hoje era o dia das revelações dos mysterios do coração : a manhã d'este dia correu como todas as outras ; a tarde com tudo foi muito differente para ambos. Senhora, um amigo disse o que na sua alma se passava, e a senhora o não comprehendia. Antes do passeio da tarde que acaba de passar, a senhora já sabia que entre a Bella Orphã e o mancebo desvalido se abria uma flôr perfumada e bella : — era a rosa do amor.

Os dous mancebos ficárão como que petrificados.

— A senhora não tinha tido tempo de estudar a sua posição, e ainda que a houvesse estudado, o mesmo suc-

cederia : a perturbação, o enleio, o pejo a acompanhou em todo passeio. Avaliando já seus sentimentos, e levada pelo braço de um homem a quem amava, e por quem era amada, temia que uma simples palavra a pudesse trahir, que os olhos dos observadores arrazassem o segredo de si propria... e córava... e meditava; e portanto a senhora meditava, e medita ainda; porque ama.

— Ah! senhora!... exclamou a moça, escondendo o rosto com as mãos.

— Minha mãe! basta!... disse o mancebo fóra de si : basta, ou eu me retiro.

— Não! fica! e se vale alguma coisa para ti a autoridade de mãe adoptiva que em mim respeitas, fica! eu te ordeno que fiques!...

O mancebo ficou immovel á voz da velha.

— E este mancebo, disse ella a Celina, apontando Candido com seu tremulo dedo, concebe a senhora como é que este mancebo lhe ama?... oh!... elle dirá que não, elle ha de jurar que eu minto : e sabe porque?... porque, escravo do mais nobre orgulho, elle não quer ser amado por uma mulher que possui mais do que elle : quererá, senhora, vê-la pobre e desgraçada, para lançar a alma a seus pés, e no entanto...

— Basta, minha mãe!

— No entanto é a senhora o objecto de seus mais bellos e caros pensamentos : ao romper d'aurora elle, da fresta da janella do sotão, que habita acompanha com os olhos todos os seus passos, quando a senhora vai passear por entre suas flôres...

— Minha mãe!... silencio!... exclamou o mancebo, cahindo de joelhos aos pés da velha.

Celina respirava apenas.



— Durante o dia, continuou Irias, elle não pensa, elle não suspira, elle não vive senão pela senhora.

— Minha mãe!...

— De noite, se dorme, são seus os sonhos d'elle; se vela, elle vive ainda só pela Bella Orphã, e escreve hymnos ao objecto de seus cultos...

— Minha mãe!...

— Negas isto?... perguntou a velha com tom grave.

— Nego : disse Candido.

As tres personagens no fervor d'essa pratica se haviam insensivelmente erguido, e se tinham chegado até junto do piano.

— Negas isto ? repetio Irias.

— Nego, respondeu outra vez o moço.

Então a velha, lançando a mão no bolso de seu vestido, tirou d'elle um papel, e o ia entregara Celina; mas vendo que esta não o recebia, lançou-o sobre o piano, e disse :

— Eis-ahi, senhora, a declaração de amor d'este mancebo.

— Que é isto ? perguntou Candido.

— Os versos que escreveste em uma das noites passadas.

Ouvio-se n'esse momento o tropel que fazião Anacleto e Marianna descendo a escada do sótão : Candido lançava-se sobre o papel, quando Irias o susteve com sua mão musculosa e forte, dizendo :

— Aquillo não te pertence mais.

Quando Anacleto e Marianna entrárão na sala, Celina, tremula e cheia de pejo, lançou seu lenço branco sobre o papel.

Depois aproveitando um instante em que todos parecião estar entretidos, ella não tendo bolsos no vestido, escondeu o papel no seio.

Candido vio isso.

Na hora de recolher-se, a Bella Orphã abriu esse papel, e vio algumas folhas escriptas : erão versos, e constavão de trinta e duas estrophes, tendo por titulo o seguinte :

« O Sonho da Virgem. »

---

## XVII

### João e Rodrigues.

Contra todos os seus habitos, o velho Rodrigues, guarda-portão do Céu côr de rosa, deixou ás oito horas da noite o seu eterno posto do alpendre, e desceu por um beco que vai abrir-se no largo da Lapa.

Jacob e Helena, que estavam como sempre de espreita á janella, disserão um para o outro ao mesmo tempo :

— Temos novidade.

O ex-escrivão tomou immediatamente o chapéo, e sahindo, apressou os passos até descobrir o velho Rodrigues, e o foi acompanhando de longe, e com todo cuidado para não ser por elle descoberto.

Helena ficou só, mas sempre vigilante à janella, observando o que pela vizinhança occorria.

O velho guarda-portão, sem nunca olhar para trás,

atravessou o largo da Lapa, e tomou pela rua do Passeio Publico, deixou ao lado esquerdo a rua das Marrecas, venceu todo largo da Ajuda, e como quem se dirigia para a de S. José, foi indo sempre no mesmo passo, até que endireitou para a portaria do convento da Ajuda, e foi sentar-se nos degrãos superiores.

Jacob coseu-se com a parede do convento, aproximou-se quanto pôde do velho, e finalmente, atirou-se ao chão, procurando ser tomado por algum mendigo.

O guarda-portão descobriu a tempo, e reconheceu o ex-escrivão; mas não deu signal algum de o ter feito, e ficou quieto no mesmo lugar, cantarolando por entre os dentes uma de suas predilectas balladas.

Um quarto de hora depois o vulto de um homem alto veio-se aproximando do posto que Rodrigues tomára.

O velho chegou-se mais, emfim subio tambem os degrãos da portaria : era um velho pouco mais ou menos da mesma idade de Rodrigues.

— Adeos, João, disse Rodrigues.

— Boa noite, Rodrigues; disse o recém-chegado tomando lugar, e sentando-se junto do guarda-portão.

— Esperaste muito ?

— Não, ha um quarto de hora apenas.

— Que diabo! temos assim uns encontros, que melhor caberão a dous ladrões, ou a dous namorados.

O guarda-portão sorriu-se e levantou os hombros, como quem queria dizer : — que nos importa ?

— Conversemos, disse o recém-chegado : que novidades ha ?

— Que máo costume ! murmurou Rodrigues : fallas sempre com voz tão alta !

— Pois então que ha ?...

— Apenas um curioso que nos espreita.

— E onde está então essa peça?

Rodrigues apontou para Jacob, que fingia resonar.

— Ora... é um pobre mendigo.

— Cala-te ; é nada menos do que o celebre Jacob, que em outro tempo conheceste bem, e que hoje é meu visinho, e tomou por sua conta espreitar todos os meus passos.

— Ui !... pois deveras ?...

— Sem a menor duvida.

— Vamos pôl-o d'ali para fóra a pontapés.

— Para que? basta que fallemos baixo : tenho pouco que dizer-te.

— Tens razão, tanto mais que me supponho em vesperras de tomar de novo conhecimento com elle.

— Como ?...

— Vi-o entrar o mez passado lá em casa.

— E com que fim ?...

— Não sei, mas hei de sabêl-o.

— E' preciso.

— Vamos ao principal : conta-me o que ha.

— Sim, porém torno a dizer-te que falles mais baixo.

Jacob não tinha até então percebido uma só palavra. apenas lhe chegava aos ouvidos um leve ruido ; mas d'ahi por diante ainda menos do que isso ouviu : João e Rodrigues erão para elle como dous mudos sentados ao lado um do outro : arrependeu-se de haver seguido o velho guarda-portão, e a posição incommoda que tomára, era como um castigo de sua insana curiosidade.

Os dous velhos amigos começárão a fallar um com o outro em voz muito baixa.

— Então o que ha ?... repetio João.

— Realisào-se minhas previsões.

— Amão-se ?...

— Elle, como um louco, como um rapaz de vinte annos, que ama pela primeira vez.

— E ella?...

— Ou já o ama também, ou está em muito bom caminho para chegar a isso.

— E já sabe que é amada?...

— Creio que o pensava desde alguns dias; hontem porém teve a certeza de o ser.

— Quem lhe revelou o segredo?...

— Este seu criado.

— Bravo, Sr. Rodrigues; esta representando um excellente papel.

— Pois que querias tu que eu fizesse, João?... duas crianças tolas como elles são, precisavão de quem lhes abrisse os olhos: e, sobre tudo, não é verdade que convém terminar os nossos trabalhos? não crês que basta de provação?...

— Eu não te crimino, Rodrigues; ao contrario acho que tens ido ás mil maravilhas; tanto mais que dous trastes velhos como nós, devemos dar graças a Deos por podermos ainda prestar para alguma cousa n'este mundo.

— Emfim, elles se amão, repetio Rodrigues.

— Era natural.

— Temos porém novidades cem vezes mais importantes.

— Vamos lá.

— Realisa-se também a minha ultima previsão: o outro igualmente a ama.

— Oh diabo! o caso vai-se complicando; e ella?

— Despreza-o.

— Está no seu direito: e elle teima?...

— Faz mais do que isso.

— Então o que?

— Quer impôr-se.

— Como ?...

— Ora como !... pois não adivinhas ?... com a mysteriosa influencia que exerce sobre a viuva.

— Quando eu digo que o caso se vai complicando !

— Hontem o velho e a menina sahirão a passeio : a viuva arranhou uma dôr de cabeça, e deixou-se ficar em casa ; d'ahi a pouco chegou elle.

— Bem : e depois ?

— Fechárão-se na sala, e conversárão uma hora.

— E tu ?...

— Ouvi tudo.

— Bravo ! és um heróe.

— Elle exigio que a viuva fechasse a porta do Céu côr de rosa ao pobre rapaz.

— Porque ?...

— Porque suspeita que a pequena o ama, e não quer ter um rival tão perto d'ella.

— E a viuva ?

— Negou-se a cumprir a exigencia.

— E elle ?...

— Declarou-lhe formalmente que se ella não a cumprisse, perdêl-a-ia no conceito publico.

— É finalmente...

— Separárão-se sem haver decidido cousa alguma.

— E o que conclues tu do que se passou ?...

— Que dentro em pouco as portas do Céu côr de rosa serão fechadas ao moço pobre.

— E nada mais ?...

— Concluo tambem que o outro sabe pelo menos metade do que nós sabemos.

— Ainda bem que elle sabe só metade ; creio que não gostará quando vier a saber o resto.

— João, para mim é claro que a — decima-segunda — existe em poder d'elle.

— E' realmente a melhor maneira de explicar aquella mysteriosa influencia.

— E tu, nada absolutamente tens conseguido?

— Nada.

— E' pena; porque emfim, póde ser que essa arma com que elle joga, acabe por fazer muito mal ao nosso plano.

— Que queres!... tenho trabalhado muito; mas sempre em vão: já corri e examinei um por um, todos os papeis da casa.

— E nada?...

— E nada; falta-me só a carteira velha do defuncto.

— Quem guarda as chaves?...

— Elle, que de ninguem as confia.

— Diabo! é n'essa: tem um segredo no fundo da primeira gaveta do lado esquerdo.

— Lembro-me bem.

— E então que fazes?...

— Que faço! o que tu farias: espero.

— Esperar é quasi sempre o maior de todos os castigos.

— E que remedio, Rodrigues? a carteira está em seu quarto de dormir, e elle quando sahe, leva sempre a chave: parece que esconde ali um grande thesouro.

— Não se engana; mas has de roubal-o.

— Esperemos.

Calárão-se por alguns momentos os dous velhos: estiverão ambos pensando, e depois disse Rodrigues:

— Ora dize, João, não parecemos dous decididos inimigos do tal sujeito?

— A's vezes quer me parecer que sim: pelo menos praticamos como taes.



— Não... não... isso não : ouve ; se fosse preciso, eu déra o resto de minha vida para fazêl-o verdadeiramente feliz.

— A's vezes quasi que não merece nada. Foi, e será sempre desenfreado extravagante.

— O seu fundo porém é bom : succede de ordinario assim com todos os extravagantes.

— Póde ser que tenhas razão.

— Ultimamente não se tem portado tão loucamente, como d'antes.

— Descansa para recomeçar.

— Basta. E' tempo de nos irmos.

— Quando nos veremos outra vez ?

— A'manhã não póde ser : ha reunião extraordinaria no Céu côr de rosa ; faz annos a Bella Orphã.

— Seja depois d'amanhã.

— Pois bem : depois d'amanhã ; adeos.

Separárão-se os dous velhos : João sumio-se voltando o canto da rua da Ajuda : Rodrigues atravessou os mesmos largos e ruas, por onde tinha vindo, e entrou no alpendre do Céu côr de rosa.

Jacob, desesperado e furioso por não ter podido conseguir apanhar uma unica frase da longa conversação dos dous velhos, voltou para sua casa em um verdadeiro estado da ebullição.

— Então, exclamou Helena apenas o vio entrar ; que foi fazer o Coruja ?...

— Encontrar-se na portaria do convento da Ajuda com outro coruja, como elle, e com quem fallou mais de uma hora.

— Sobre que, meu caro Jacob ?...

— São dous monstros, dous sicarios, dous demônios...

— Então...

— En não pude ouvir nada ; fallarão em segredo ; respondeu Jacob desatando profundissimo suspiro.

— Oh ! malvados !... exclamou Helena.

E n'aquella noite os vizinhos de Jacob e de Helena forão mais que nunca victimas da mordacidade, das calumnias d'esse par sem igual.

## XVIII

### A noite d'annos.

Era a noite dos annos da Bella Orphã; noite de festa no Céu côr de rosa, e que deveria ser de innocentes gozos para os numerosos convidados, que enchião aquella feliz habitação.

Além da casa, que estava toda brilhante de luzes, o jardim tão querido de Celina achava-se tambem illuminado, e patente áquelles, que quizessem ahi passear.

Não havia certamente no Céu côr de rosa o luxo deslumbrante das festas dos millionarios, que gastão; em compensação porém o bom gosto transpirava em tudo.

Marianna ostentava sua belleza tão especial, tão deslumbradora, tão perigosa.

Celina, que era como a princeza da festa, levava, sem querer, sem pensar, vantagem sobre a bella tia.

Uma simplicidade feiticeira presidira, como sempre, o seu toucador : seus longos cabellos estavam atados com graça indizível, mas tão pouco trabalho pedia aquelle penteado, que adivinhava-se para logo, que era o resultado da destreza de suas mãosinhas ; agradava ainda mais por isso : um pouco para o lado esquerdo de sua cabeça, apparecia um botãosinho de rosa, como surgindo d'entre as tranças de madeixas.

Seu vestido era o unico, que lhe convinha.

Uma virgem pede um vestido branco : a côr branca exprime a alvura de sua alma, a innocencia de seu coração : qualquer outro vestido assenta mal n'uma virgem.

Além d'isto, uns sapatinhos de setim, e mais nada : para que quer enfeites a formosa donzella ?... para que, se a natureza se incumbe de enfeitá-la com os mais interessantes adornos ?...

Tudo na Bella Orphã respirava encanto, graça, candura, e innocencia : era um anjo.

Não ha sacrilegio n'esta comparação.

Quando a mulher reúne ás graças phisicas, virtudes christãs, pureza e bondade, póde por um homem ser comparada a uma santa, ou a um anjo.

A uma santa, em qualquer tempo, em qualquer condição, que esteja essa mulher ; mas com tanto que reúna os encantos de espirito, que ha pouco forão apontados.

A um anjo porém, sómente em quanto é virgem ; porque só então na mulher transpira essa innocencia, que é por força vinda do céo ; essa ineffavel pureza, que não póde existir senão nos anjos, e na virgem.

Os anjos são as virgens do céo, como as virgens são os anjos da terra.

Mas Celina tinha n'aquella noite um não sei que de mais bello, de mais interessante em si, em seus modos,

em seus olhares : era um receio, que se não comprehendia, um pudor como nunca susceptivel...

Quando teve de receber os cumprimentos de Candido, cobrio-se seu rosto de uma onda de rubor... porque corava?...

Forçada a responder, sua resposta foi o murmurar de algumas phrases tremulas, quasi imperceptiveis, que ella deixou passar por entre seus labios, hesitando e tremendo... porque tremia?...

— Ah! D. Celina!... tinha exclamado Mariquinhas, correndo para ella logo que entrou na sala : D. Celina! estás hoje bella, como nunca o foste tanto!

— Devéras?... perguntou Celina alegremente.

D'antes não lhe importava tanto o parecer bonita, gostava de sê-lo, como todas as moças : desde porém os ultimos tres dias, a Bella Orphã desejava redobrar os seus encantos.

— Olha, tornou Mariquinhas, fallando-lhe ao ouvido; estás tão galante, que, se eu pudesse, fazia-me moço durante esta noite.

— Mas para que?...

— Para amar-te.

— Ora...

— Para pedir-te um beijo.

— Meu Deos ! respondeu Celina corando ; se tu fôras um moço não te atreverias a offender-me pedindo-m'o ; e sendo moça como és, não m'o pedes, e eu t'o offereço.

Aquelle dous rostos tão novos, e tão lindos, aproximárão-se, e soou o ruido de um beijo.

— Não tem tanta graça como teria o outro, disse Mariquinhas sorrindo-se.

— Ah ! D. Mariquinhas ! vossê é mil vezes maliciosa.

Felicia, e muitas outras senhoras, moças e bellas tambem, vierão cercar a Bella Orphã.

A musica soou, convidando a dansar.

Os mancebos corrêrão ás senhoras ; todas as contradansas, e mais ainda do que aquellas que se poderião dansar n'essa noite, forão pedidas, e promettidâs.

Insensivelmente a Bella Orphã correu com os olhos todos aquelles mancebos, como se algum procurasse entre elles... pareceu primeiro temer encontral-o, e depois entristecer-se por não vêl-o... realmente buscava ella alguem ?

Candido não se apresentou para dansar.

Sem motivo algum plausivel, Celina negou a todos a segunda quadrilha ; ella mesma não sabia porque a negava.

No ultimo serão a Bella Orphã tinha dansado essa contradansa ao lado direito de Candido ; querería a moça reprehendêl-o assim, pôr não vir pedil-a n'aquella noite de seus annos ?...

Ha na vida das moças, em que a educação e a innocencia podem mais, que as idéas livres e *desabusadas* de algumas sociedades que tudo pervertem, factos tão pequeninos, acções tão leves e ingenuas, pensamentos soltos ao acaso, mas que ás vezes envolvem tão importantes mysterios do coração, que é possivel que tudo quanto se estava passando interiormente em Celina, esses receios misturados de desejos, essas inconsequencias emfim, não fossem mais do que a voz da natureza, que a proprio pezar da Bella Orphã, ou sem que ella o sentisse, estivesse bradando-lhe no coração : — eu já amo !...

Tinhão por momentos cessado as quadrilhas e valsas : respiravão os pares : duas senhoras havião já, no intervallo d'aquellas, cantado ?...

— Então, Celina, disse o velho Anacleto, vindo direito á sua neta ; já esqueceste uma promessa que te fizerão?...

— Que promessa ?...

— A de se deixar ouvir aquelle senhor, que como sempre lá está sentado no seu canto ?...

— Ah ! disse a Bella Orphã, como recordando-se.

— Vamos a isto, tornou o velho.

E indo direito a Candido, o trouxe para junto das senhoras.

— Eis o nosso novo cantor... teremos uma estrêa esta noite.

Houve um movimento de curiosidade.

— O que pretende deixar-nos ouvir ?... perguntou uma senhora.

— Uma aria de Bellini certamente, disse outra.

— Não, minhas senhoras, ousarei cantar um romance.

— Em italiano ?...

— Tambem não, senhora, em nossa propria lingua.

D. Mariquinhas fez com os labios um momo de desagrado : tinha razão.

O gosto estragado da época, que se faz excessivo em tudo, o é tambem na musica, e como tal deu ao canto italiano um triumpho, uma palma universal, lançou para fóra de nossas salas todos os cantos patrios, como des-terrou das igrejas os hymnos sagrados. Rossini, Bellini, Donizetti e Auber, tem entre nós um triplice throno, no theatro, nas salas, e na igreja.

— Pois então faça-nos o obsequio de dirigir-se ao piano, disse uma senhora.

— Não tóco esse instrumento, respondeu o mancebo : costumava em outro tempo acompanhar-me de harpa.

— Harpa ! murmurou Mariquinhas ao ouvido de Celina ; harpa ! o moço é romantico.

Appareceu um criado trazendo a harpa de Candido, que tomou lugar perto das senhoras.

Naturalmente acanhado, o mancebo afinou o instru-

mento com a cabeça baixa, medroso de encontrar todos aquelles olhos fitos n'elle.

Salustiano collocára-se defronte de Candido com decidida intenção de confundil-o com seu sorrir desdenhoso e sarcastico, e com sua lunetta firmada insolentemente.

Soou um harpejo moderado, sonoro, e vibrante...

Candido ergueu a cabeça, e cantou... o rosto do mancebo estava muito pallido, sua voz tremula, commovida; mas era uma d'essas vozes de tenor, que, sonora e penetrante, chegava ao coração dos que ouvião.

Elle cantava pois :

Iguaes são no fado, que tem a cumprir,  
Iguaes n'um mysterio a bella e a flôr ;  
Se a flôr tem perfume, que o Prado embalsama,  
E' delio perfume da bella o amor.

E a flôr mais formosa, se não tem aromas,  
No valle esquecida desabre e fenece ;  
E a virgem mais bella arrasta seus annos  
Tristonha, isolada, se amor não conhece.

Iguaes são no fado a bella e a flôr,  
Iguaes no mysterio, que vem revelar ;  
A flôr deve os campos de aromas encher,  
E a bella na vida amor cultivar.

E á rosa, que se abre fragrante, viçosa,  
Em gruta profunda de valle escondido,  
Por mais perfumada que seja, e se ostente,  
Que serve o perfume na gruta perdido ?...

E á virgem formosa, que o anjo dos risos,  
P'ra encanto de mundo, ao mundo mandou ;



Que serve o amor, se um ente obscuro,  
Que o não merecia, foi quem ella amou?...

Faceiro favonio, que as flôres namóra,  
Na gruta profunda a rosa festeja ;  
Depois pelos prados, de volta, voando,  
Da rosa os perfumes no prado lenteja.

E o joven poeta, que em fogo se abrasa,  
Se da bella virgem amor mereceu,  
Nos hymnos sagrados, que manda ao futuro,  
Eterna os encantos do amor, que valeu.

Iguaes são no fado, que tem a cumprir,  
Iguaes n'um mysterio a bella e a flôr ;  
A flôr quer favonio, que espalhe perfumes,  
E a bella um poeta, que eternise amor.

A voz de Candido, a principio tremula e abatida, bem depressa tornou-se firme, normal e sómente commóvida, como lh'o estava pedindo o seu cantar mavioso e terno; desde logo o mancebo esqueceu-se do lugar onde estava, dos olhos que o cercavão, e dos ouvidos que o ouvião. Era um artista, e como o verdadeiro artista, indifferente a tudo mais, elle só via a bella que o inspirava; e todo, todo se entregava á inspiração : com olhares ardentes embebidos em Celina, modulava seu canto harmonioso, que parecia sahir da alma.

Em profundo silencio a assembléa mostrava-se suspensa e em extasis; quando o mancebo acabou, soárão freneticos applausos... a commoção era geral; por alguns momentos não sé pôde fazer mais nada.

Celina tinha comprehendido aquelle cantar do mancebo : o rubor de suas faces, a agitação de seu seio a

trahia, e ainda mais seus olhos pregados na figura graciosa de Candido, pareçião ahi presos por um encanto invencivel.

Salustiano o comprehendêra tambem; apezar seu, elle, rico e orgulhoso, sentia-se curvado ante a superioridade do talento: o genio não pede, impõe respeito, e desafia inveja.

O triumpho de seu rival desenhou-se na imaginação de Salustiano, prompto e inevitavel: a cólera, o despeito, todas as paixões, que do ciume se originão, ferveão em seu peito; e como se uma idéa sinistra acabasse de luzir-lhe n'alma, elle deixou cahir sobre Celina um olhar feroz e terrivel, lançou a Candido uma risada medonha, e cheia de um sarcasmo infernal, e foi direito a Marianna, que conversava com outras senhoras.

— Passeemos! disse elle com desdenhosa simplicidade.

Marianna levantou os olhos, e teve medo do aspecto de Salustiano.

— Passeemos! repetio elle.

A viuva quiz ensaiar um gracejo, que disfarçasse a perturbação que começava a sentir, e disse sorrindo-se.

— Já se vio como é moda hoje em dia pedir-se um passeio a uma senhora!

— Passeemos!... tornou Salustiano.

Marianna ergueu-se, e ainda para disfarce da perturbação, que n'ella ia crescendo, disse a suas amigas:

— Não ha remédio... a escrava levanta-se para acompanhar o seu senhor.

Ao atravessar da sala, Marianna encontrou o olhar de Henrique descontente, cuidadoso, e como lhe dirigindo uma queixa.

— E disse bem, senhora, murmurou a seus ouvidos Salustiano com voz grave e terrivel; disse bem;

a escrava levantou-se para acompanhar a seu senhor.

— Como?! exclamou a viuva; pois n'este lugar, e a esta hora...

— N'este lugar, em toda parte, e a todas as horas eu hei de perseguil-a sempre!

— Oh! senhor!...

— Eu disse, que era minha vontade, que a esta casa não voltasse esse mancebo, que detesto; impuz-lhe a obrigação de fechar-lhe as portas; e hoje... eil-o ahi... devorando com os olhos a sua sobrinha...

— Mas é que meu pai.....

— Sabe, senhora, que isso se chama abusar de minha paciencia, e desafiar-me?

— E' muito!... exclamou a misera mulher.

— Ignora, que eu tenho em minhas mãos os meios de vingar-me; e que existe no seu coração um amor, que eu posso destruir?...

A figura do velho Anacleto, nobre, e respeitavel, appareceu aos olhos de Marianna.

— Piedade! balbuciou ella: eis ali meu pai.

Salustiano arrastou a infeliz viuva para uma outra sala, e proseguio:

— Eu vou ter d'aqui a pouco uma hora de pratica com o Sr. Henrique.

Marianna estava pallida como uma finada.

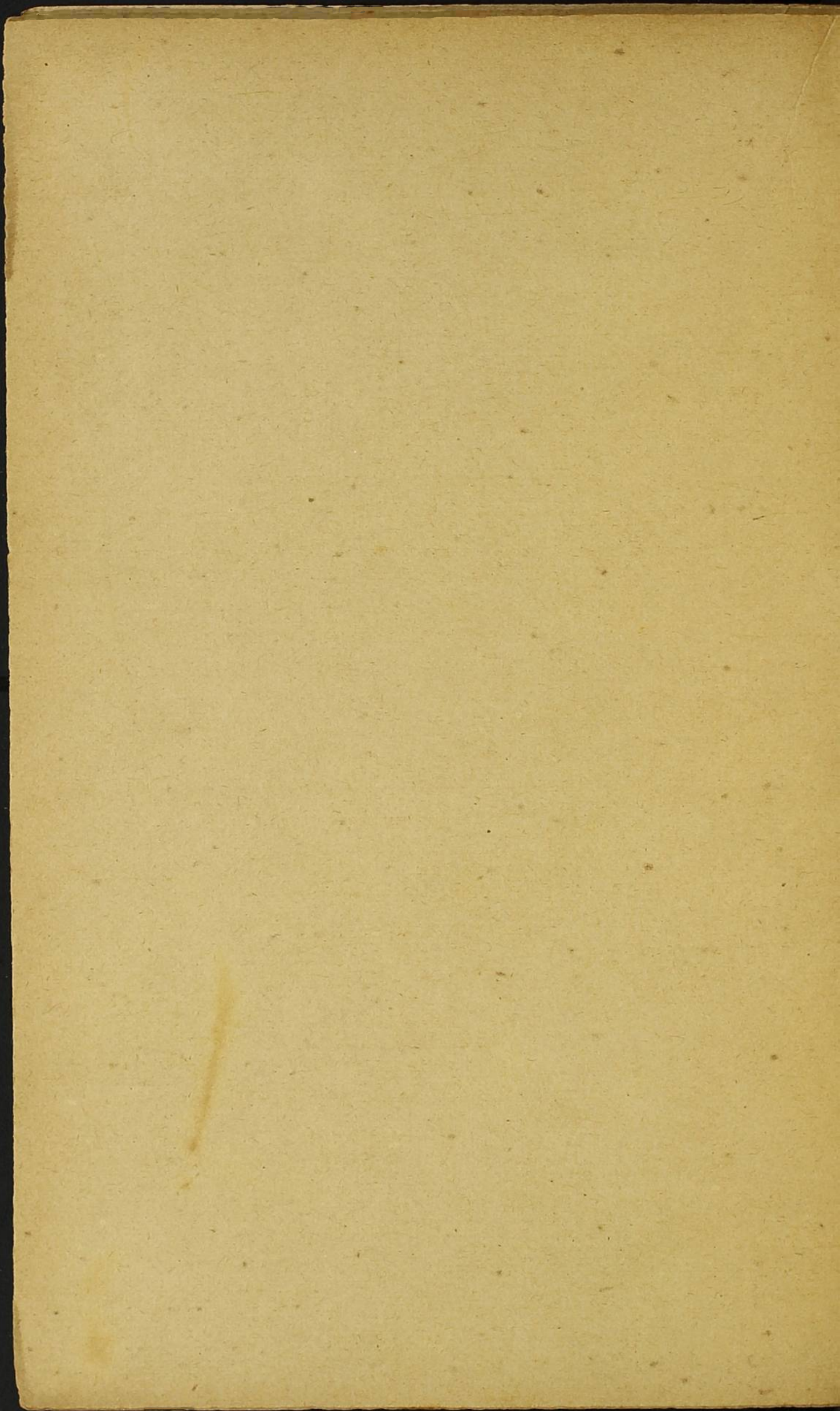
— No fim d'essa hora estarei vingado.

— Perdão!... murmurou a viuva ajuntando as mãos, como se quizesse orar.

— Pois então... senhora, hoje mesmo, e antes que termine o saráo, esse mancebo deverá ter para sempre deixado esta casa.

E abandonando Marianna, que foi cahir quasi desanimada sobre uma cadeira, Salustiano voltou á sala.

---



## XIX

### Um pai que chora.

Fazia um calor abrasante ; apezar d'elle porém as moças e moços continuavão a dansar.

Candido deixou a sala, e dirigio-se ao jardim : queria vêr aquelle lugar feliz, onde pela primeira vez vira Celina ; era o theatro de seu primeiro e unico amor, devia ser-lhe grato.

Entrou como possuido de um santo respeito, devorou com os olhos todas aquellas innocentes flôres, todos os dias regadas ao amanhecer, por um ente tão bello, e tão puro como ellas mesmas ; dirigio-se depois ao caramanchão ; mas força lhe foi parar diante d'elle...

Um velho com a cabeça coberta de cabellos brancos, ali estava sentado com o rosto cahido entre as mãos, e chorando como um menino.

Era Anacleto.

Portanto, n'aquella festa estava a historia do mundo : estava o prazer de mistura com a dôr, o riso de envolta com o pranto, e a felicidade com o infortunio.

Na sala uma musica alegre, viva, e estrepitosa animava os moços ; e no jardim um misero velho desabridamente soluçava.

Candido em pé, diante de Anacleto, não podia comprehender uma tristeza tão grande em uma noite de festa, nem adivinhava o que lhe cumpria fazer n'aquelle caso.

Anacleto, occupado só com a sua dôr, não tinha sentido aproximar-se o mancebo, e chorava, e soluçava sempre.

O que querião dizer aquellas lagrimas do velho, que ainda ha pouco se mostrára na sala tão feliz?... tão contente?... que contradicção de sentimentos era essa ?...

Era o segredo de um coração de pai.

Ha na vida do homem um grande amor, cuja benefica influencia se experimenta ainda nos mais apertados lances : um amor immenso, que, por assim dizer, enche toda a alma, que o dá ; amor unico, sem interesse, porque ás vezes é mesmo a um ingrato, que arranca lagrimas, a quem se ama : é o amor, que um pai e uma mãe dão a seus filhos.

Porém n'esse ternissimo affecto, póde-se talvez fazer uma distincção : um pai ama muito com o coração, mas ama tambem com a cabeça ; uma mãe ama quasi sempre só com o coração.

A grande missão da mulher é a maternidade ; e, desde que é mãe, a mulher tem Deos no céu, e seu filho no mundo.

Uma mãe, em regra geral, sabe amar muito, e só cura de seu amor ; vive de beijar, de contemplar seu filho ;

ella quasi que o acredita um ente especial, que todos devem bem querer, e ao qual nunca poderá tocar a mão pesada do infortunio : extremosa, complacente, fecha os olhos aos erros de seu filho, não ouve nunca aquelles, que notão em suas faltas ; e se seu filho é um desgraçado, ella é desgraçada com elle : e se seu filho é um criminoso, ella o adora no seio do crime, despreza o juizo do mundo ; e que lhe importa o mundo !... Deos está no céo, e é grande para perdoal-o ; e na terra está ella, que é grande para amal-o sempre.

Um pai não é tanto assim ; olha tambem para o mundo em que vive ; respeita seus prejuizos, e quer preparar seu filho para esse mundo, no qual tem de passar a vida. A opinião dos homens significa muito para elle, e portanto dobra-se a ella. Quando seu filho começa a representar um papel na sociedade, o pai segue-o constantemente com os olhos, anima-o com suas exhortações, corrige-o com suas admoestações, dirige-o com seus conselhos, e emfim corôa-se tambem com os seus triumphos, e humilha-se com suas derrotas : o desvario de seu filho o enlouquece ; a mancha, que vem nodoal-o, cahe-lhe no coração ; é com elle solidario na gloria, e na vergonha.

Por seu filho tem um pai os olhos no mundo, e uma mãe os olhos no céo.

E cousa notavel !... a natureza inspira sentimentos que quasi, chegão a parecer-se com a ingratição.

Um filho que deve tanto a seus pais ; que antes de nascer causou já tantas dôres, tantos tormentos a sua mãe, que depois de nascer bebe o leite de seus peitos ; um filho, por cuja causa perdêrão seus pais tão longas noites, chorárão lagrimas tão amargosas ; um filho, ao pé do qual velão sempre por elles dous anjos, como duas Vestaes pelo fogo sagrado ; que tem sido o objecto

de tão grande amor, de tão extremosos cuidados ; um filho tem na sua vida uma hora, que lhe é marcada pela natureza ; que é hora da natureza sim, mas que é hora também de ingratição.

Se esse filho é um homem, encontra cedo ou tarde uma mulher ; e se é mulher, apparece-lhe um homem, pelo qual são deixados pai e mãe !... basta ás vezes o olhar de um mancebo elegante, para plantar-lhe no coração um sentimento, que vai depois na balança pesar mais que todos esses amores, que todos esses cuidados de vinte annos, e de mais annos ainda !...

A roda vai sempre girando ; os que forão filhos chegam um dia a ser pais, e enfim, vem também o tempo, em que elles sentem por sua vez, o que fizeram outr'ora experimentar a seus pais.

Não sejam os homens accusados por isso... pois que todos serão réos, e ninguem poderia ser juiz : os homens não têm culpa ; a natureza é que é a ingrata ; mas o facto é esse.

Solteiro, porém, ou casado, o filho continúa sempre a ser o pensamento da alma de seus pais : é a luz, que lhes brilha na vida : quem foi que pôde já consolar aquelles, que perdêrão um filho?... o tempo?... o tempo dá sómente resignação ; muda o nome, crisma a dôr ; em vez de afflicção, chama-a saudade, mas os pais não esquecem o filho, que lhes morreu, senão quando morrem.

Porém, nada pôde ser eterno : tudo tem um fim ; e esse amor deve acabar um dia... acaba na sepultura.

E' esta a mais ligeira idéa, que se pôde dar, muito de passagem, do amor paternal.

Se nem todos amão com a mesma força a seus filhos, amão-os sempre, e a natureza do affecto é a mesma.

Anacleto amava a Marianna, como os pais, que são mais extremosos e ternos.



Apenas sahindo do berço, Marianna perdêra sua mãe, e então seu extremoso pai, vendo-a tão pequenina já orphã, tão debilzinha, e já sem um de seus genios protectores, vio tambem n'isso uma razão para amal-a em dobro.

Obrigado por sua viuvez a rodear sua filha d'aquelles ternos e miudos cuidados, de que especialmente se occupão as mãis, perdendo noites por ella, ás vezes embalando-a para fazêl-a dormir, Anacleto tinha por sua filha reunido em si dous amores a um só tempo: o amor de pai e de mãe.

D'esse modo Anacleto pôde estudar a fundo o caracter de sua filha; pôde lêr na leve contracção de um musculo de seu rosto o intimo sentimento de sua alma, e distinguir a verdade, e a mentira nos feiticeiros sorrisos de Marianna.

Mas o amor não dá sómente prazeres, faz soffrer tambem pezares acerbissimos: não será até possivel decidir se estes são devidamente compensados por aquelles. Ha muitos amores, que se sorriem; mas não ha um só, que não chore.

A belleza de Marianna encheu de orgulho o coração de um pai nos primeiros annos, pouco depois porém essa mesma belleza começou-lhe a ser origem de serios cuidados; quando elle chegou a notar, que sua filha, vaidosa de seus encantos, embriagada com o incenso de mil lisonjas, procurava ganhar escravos em todas as sociedades onde apparecia, não desanimava nem preferia nenhum de seus numerosos admiradores, e, em uma palavra, amava perdidamente o galanteio... o galanteio, que é quasi sempre um obstaculo para a felicidade das moças, e uma recordação desagradavel, que ás vezes, já em muito nobre posição, as faz córar diante de um homem, que vem visitar seu marido.

Então Anacleto desamava a belleza de Marianna, quizera antes vê-la com vezes menos bella, com tanto que fosse com vezes mais discreta; porque emfim, uma filha nunca é feia para seu pai.

Quando Marianna casou, Anacleto sentio-se livre de uma responsabilidade immensa; mas cedo encheu-se de novos, e de mais importantes cuidados. Anacleto adivinhou o amor de sua filha, e do joven Henrique, e tremeu, e teve vontade de morrer; porque um pai faz-se por seu grande amor solidario na vergonha de seus filhos: e teve vontade de viver para velar por Marianna, para salvá-la, e salvar-se d'aquelle abysmo.

Veio depois a viuvez de Marianna, e com ella novos tormentos para o pobre velho: um mancebo com quem elle antipathisava, parecia exercer sobre sua filha um imperio indizivel: com seu olhar penetrante, com suas vistas de pai, Anacleto via Marianna tremer diante de Salustiano... uma vez comprehendeu, que entre elles dous devia haver um segredo terrivel; estudou inutilmente as acções, e procedimento de ambos, daria metade dos poucos annos, que lhe restavão, para descortinar aquelle arcano; mas não descobrio nada.

Emfim, chega Henrique, e outra vez apparece diante de sua filha: o amor d'aquelles dous corações não se tinha deixado morrer na ausencia. Anacleto surprende essa affeição ardente, e dá-se parabens, porque Henrique é um nobre mancebo, que merece sua filha, e porque, além d'isso, vem livral-o do espectro, que o assusta, vem lançar fóra do combate a Salustiano.

Todavia, a despeito da presença de Henrique, Salustiano prosegue com seus antigos modos; Marianna continúa, como d'antes, a hesitar a seus olhos; portanto, nem o talisman do amor a póde salvar; e o pobre pai,

que não conhece o abysmo que o assusta, não tem o poder de avaliar o seu fundo, e treme ainda.

Um saráo é dado... festejão-se os annos de Celina, e n'essa noite de prazer, na qual Anacleto adormecia suas magoas, o mancebo importuno e terrivel vem despertal-as.

O triste velho vio Salustiano aproximar-se de sua filha, conheceu no semblante d'ella, que havia terror dentro de sua alma, e sem poder vencer-se, segue o par que passeia e conversa, apura o ouvido, e apanha algumas palavras.

— Ignora, que eu tenho em minhas mãos os meios de vingar-me, e que existe no seu coração um amor, que eu posso destruir?... — tinha dito Salustiano.

E Marianna tremêra e balbuciára uma phrase, que elle não pôde ouvir.

O terrivel moço continuára :

— Eu vou ter d'aqui a pouco uma hora de pratica com o Sr. Henrique.

Marianna estava desfigurada pelo terror.

— No fim d'essa hora estarei vingado.

Anacleto não teve coragem para ouvir mais nada ; luzio-lhe no animo a idéa de cahir sobre aquelle homem com suas mãos tremulas, e afogal-o ali mesmo... mas lembrou-se, de que elle podia gritar... fallar muito alto... e o pobre pai não sabia, o que é que toda a sociedade reunida em sua casa, chegaria a saber.

Com o coração despedaçado correu para o jardim, atirou-se ao banco de relva, e cobrindo o rosto com as mãos, começou a chorar e soluçar desesperadamente.

— Oh ! meu Deos ! meu Deos !... exclamava elle.

E depois pensava comsigo mesmo : será possivel, que aquella gente toda tenha os olhos fechados, que não observe e reprove o procedimento de minha filha?...

que não leia na horrivel pallidez de seu semblante a prova irrecusavel de um crime?... que não esteja olhando para mim com piedade de meus cabellos brancos ?

— Oh ! meu Deos !... meu Deos !... exclamava.

E depois, continuava a pensar consigo mesmo : que crime terá praticado minha pobre filha ?... porque, a submissão, com que ella se curva áquelle barbaro, não é amor... não... eu conheço minha filha, ella detesta esse indigno mancebo ; mas elle fallou em vingar-se... disse que tinha em suas mãos os meios da vingança : oh ! pois então a minha pobre Marianna é criminosa ?... a filha do meu coração ha de ser desgraçada ?... ousaria ella manchar as cãs de seu pai ?... a minha pobre, a minha querida filha... o meu anjo !...

— Oh ! meu Deos !... meu Deos ! exclamava.

E depois, continuava ainda a pensar consigo mesmo : ser pai é uma cousa muito triste ; ter filhos é abrir a alma aos pezares !... oh ! estes filhos, a quem damos a vida, nos matão !... estes filhos, a quem em pequeninos sustentamos pelas mãosinhas para fazêl-os andar, e carregamos aos nossos hombros, vem depois com as suas loucuras empurrar-nos para o tumulto !... oh ! n'este mundo não ha missão mais difficil, mais cheia de lagrimas, do que a missão de pai !... e então eu... tão velho ! com a cabeça coroada pela neve dos annos, tremulos, sem forças, com os pés na cova, nem ao menos morrer consolado !!! o que eu pedia ao céo era fazer minha filha venturosa, e depois morrer... E ha de agora a vergonha vir fechar-me os olhos ?!... e morrendo, deixarei minha pobre filha do coração, só, desolada, desprezada pelos homens, e sem amparo no mundo !... isto e horrivel... é capaz de matar de repente ! !

— Oh ! meu Deos !... meu Deos !... exclamou chorando ainda com mais força o infeliz velho.

Candido tinha estado muito tempo em pé diante de Anacleto, não querendo, emfim, perturbar aquella dôr immensa, em que o via engolfado ; ia retirar-se, quando ao ruido de suas pisadas na terra, o velho ergueu a cabeça.

— Quem é?... perguntou enxugando apressadamente as lagrimas.

— Sou eu, Sr. Anacleto, respondeu Candido : minha curiosidade trouxe-me n'este momento ao jardim ; retirava-me porém já para não incommodal-o.

— Incomodar-me !... então eu...

O mancebo ficou em silencio.

— Chorava?... exclamou Anacleto soluçando de novo.

— E' verdade.

Estiverão ambos por algum tempo sem dizer-se palavra : o velho chorando, e Candido tristemente observando-o.

— Sim, disse finalmente aquelle : tenho chorado... muito, minha cabeça arde... uma dôr despedaçadora parece querer rebentar as fracas paredes d'este velho craneo... o que eu soffro é isso... é uma dôr... eu estou doente.

— Oh ! então porque não se apressa a medicar-se ? eu vou chamar a senhora sua filha... sobre tudo este ar da noite, o sereno póde fazer-lhe mal...

— Não... não quero... eu exijo, que não chame ninguém... nem mesmo minha filha : este ar da noite me faz bem... eu estou melhor, muito melhor : isto vai passar de todo. Basta que eu descance... vá dansar, preciso ficar só.

Candido ia retirar-se.

— Escute, tornou o velho ; promette-me não dizer a pessoa alguma, que eu estava incommodado?... promette-me?... veja que eu o exijo.

— Pois bem, senhor, nada direi.

— Sobre tudo, meu filho, não diga a pessoa alguma, que me vio chorando aqui.

Candido retirou-se.

O velho, sacudindo tristemente a cabeça, disse :

— Moço, se não comprehendeste a minha dôr, has de comprehendê-la um dia ; — és filho ; serás pai.

---

### Uma mulher que mente

Quando, de volta do jardim, Candido entrou na sala, Marianna e Henrique conversavam com fogo, e defronte d'elles Salustiano estava em pé de braços cruzados, como quem espera por alguma cousa.

Candido não acreditára nas palavras de Anacleto; comprehendêra, que as lagrimas do velho exprimião antes um grande soffrimento moral, do que uma dôr physica; por isso mesmo respeitava o segredo d'aquelle padecer; mas observava curioso, o que se passava então no Céu côr de rosa.

Estava-se ahi tecendo uma d'essas intrigas de salão... era uma mina que se abria; qual deveria ser a victima?...

Moço e inexperiente, Candido nada pôde concluir de

suas observações: a assembléa toda se mostrava, como desde o começo da noite, alegre e festiva; Marianna sorria-se meigamente para Henrique; Celina estava bella e contente, mesmo mais contente do que ordinariamente parecia.

No meio de tanto prazer, como achar a origem de uma grande tristeza?...

O velho Anacleto chegou pouco depois, e Candido ficou ainda admirado ao vê-lo prazenteiro dirigir-se a todos, gracejando com as senhoras, e animando a sociedade já um pouco fatigada.

Na alma de Candido appareceu este pensamento: « Quem sabe, se alguns dos que se estão aqui rindo alegremente, não terão ido chorar, ás occultas, como o velho Anacleto? »

Pela primeira vez em sua vida elle sentio que, nas sociedades, o rosto se mascára com sorrisos... com olhares... e com palavras.

Henrique e Marianna separárão-se: Salustiano ia dirigindo-se ao primeiro, tendo porém os olhos fitos na filha de Anacleto, que, mal podendo conter um movimento de terror, foi direita ao lugar onde estava Candido.

Salustiano voltou immediatamente á sua primeira posição.

Marianna fallou a Candido: sua voz parecia commovida.

— Quer fazer-me obsequio de dar-me o braço?

— Oh! com summo prazer.

Um homem pobre agradece com tanto reconhecimento qualquer pequenina prova de consideração!...

— Para onde quer que a acompanhe, minha senhora?... prefere passear nas salas, ou ir ao jardim?...



— Vamos ao jardim.

Candido observou, que o braço de Marianna tremia.

Quando chegarão ao jardim, a viuva e o mancebo entrarão no caramanchão, e ella, sentando-se no banco da relva, disse :

— Sente-se ao pé de mim... conversemos.

Candido sentou-se curioso ; Marianna hesitava.

Aquella mulher, de character tão forte, ia cumprir as ordens de um homem, que não era seu pai, nem seu marido, nem seu irmão : agora fraca e humilde, desempenhava o papel de escrava, obedecendo ao aceno de seu senhor.

Esteve em silencio por algum tempo a devorar seu calix de amargura ali, n'aquelle banco de torturas, onde pouco antes, seu pai havia tanto chorado por causa d'ella.

Emfim, com esforço indivizel tomou a mão de Candido, apertou-a entre as suas, e disse :

— Este mundo... este mundo, senhor, é um inferno !...

— Para os infelizes, senhora.

— Oh ! e onde estão os seus bemaventurados ?... ninguém julgue da paz do coração pelo socego, e prazer do semblante ; quasi sempre quando a alma chora lagrimas de sangue, os labios se sorriem, e os olhos brilham !...

— Eu comprehendo que ás vezes succede assim.

— Este mundo, Sr. Candido, é um tyranno, um despota inexoravel, que todo ornado de prejuizos e de chimeras, impõe-nos o dever de respeitar seus prejuizos, e de adorar suas chimeras ! e ai d'aquelle que resiste !...

— E' verdade... é verdade.

— Os homens curvãõ-se a idéas falsas e indignas d'elles, e as desenvolvem porque, emfim, força é ser escravo do mundo !

— Não, isso não, minha senhora ; o mundo não pensa, são os homens que, pervertidos e desmoralizados, conce-

bem essas idéas: o mundo não tem culpa de ser assim; os homens o vestem com essas roupas.

— E o remedio?...

— O remedio é instruir, e moralisar o povo.

— E emquanto elle não se instrue, nem se moralisa?...

— Deve-se bradar com força contra aquelles, a quem compete moralisal-o, e instruil-o.

— Sim, mas o primeiro que se erguer contra um prejuizo que reina, será victima, e ganhará em vez de palma de victoria, a corôa de martyrio.

— Embora: Socrates morreu, porém suas idéas vingárão.

— E quem quereria ser Socrates?...

— Oh! minha senhora, perdôe-me; mas julgo melhor fazer de outro modo a pergunta.

— Como?...

— Quem poderia ser Socrates?...

— Pois acceto: quem poderia sêl-o?...

— Um bom governo.

A viuva pensou alguns instantes; a conversação ia tomando caminho contrario ao que ella queria levar; finalmente, começou de novo:

— E emquanto a revolução moral não se faz, emquanto a sociedade não reforma os seus costumes, o que hão de fazer os homens, o que farão principalmente esses entes fracos, as mulheres, que desde que nascem até que morrem, precisão sempre de um apoio na vida; o que hão de fazer, senão curvar-se a esses erros, a esses prejuizos?...

— Uma grande mulher responde por mim, senhora; Mme de Stael, penso que foi ella; escreveu em um livro « Os homens devem arrostar a opinião publica, e as mulheres curvar-se a ella ». Eu digo o mesmo dos prejuizos de que falla.

— Oh ! mas é horrivel !

— Eu o sinto, minha senhora.

— A's vezes ter uma mulher, para respeitar essas indignas chimeras, de quebrar uma corda sonora de seu coração... ás vezes ir parecer má, sendo benigna... dizer uma mentira, tendo n'alma a verdade ; é muito... é horrivel !

— Mas não é tanto assim, minha senhora ; a mulher deve curvar-se diante do juizo dos homens só e unicamente até o ponto d'onde póde começar a ser offendido o juizo de Deos.

— Pobres mulheres ! ás vezes o dito de uma criança é de sobra para perdê-las na opinião do publico ; e depois o discurso de um sabio não basta para purificar seu nome d'essa nodoa imaginaria ! pobres mulheres, que precisam pesar suas palavras de cada vez que fallão, ter cuidado com seus olhos de cada vez que olhão... porque fazem de suas palavras e de seus olhos provas de erro, e até ás vezes de crime !

— Áfeia de mais a posição do seu sexo na sociedade, minha senhora.

— Não, isto é assim ; eu, e todas, o temos experimentado : ha occasiões, em que um homem, que nos é indifferente ou só estimado, como amigo, que nos respeita, que só por amizade pura e sem interesse frequenta a nossa casa, põe, apezar d'isso, em duvida a innocencia de nossas affeições ; e, sem o pensar, abre caminho á mordacidade, e presta uma victima á calumnia !

Candido não respondeu : ficou olhando para Marianna como querendo apanhar-lhe algum pensamento occulto, que acabasse de ressumbrar em suas ultimas palavras.

Depois de hesitar tambem por algum tempo, a viuva continuou com voz muito commovida :

— O senhor mesmo não tem escapado á maledicencia.

— Eu ? exclamou Candido estremecendo.

— E' verdade.

— E como?... e porque?

— Eu lh'o vou dizer... custa-me muito a fazêl-o, porque talvez o senhor se julgue offendido; mas eu cumpro o meu dever... o meu desgraçado destino de mulher.

— Falle sem receio, minha senhora.

Marianna hesitando sempre, e sempre commovida, começou, pobre escrava, a cumprir as ordens de seu senhor.

— Sabe, que mortos os pais de Celina, foi o meu, como avo d'ella, nomeado seu tutor, que elle e eu recebêmos a sagrada missão de velar por ella, e de fazer tudo por tornal-a feliz?...

— Sei, minha senhora, respondeu Candido que de novo estremecêra ouvindo pronunciar o nome da Bella Orphã.

Pois então, tornou Marianna, comprehende a immensa responsabilidade, que pesa sobre nós?... comprehende que sobre meu pai, e sobre mim recahirá a culpa de qualquer falta, que por minha sobrinha fôr praticada, ou da calumnia, que contra ella ousarem lançar?...

— Comprehendo, disse o mancebo recordando-se das lagrimas do velho Anacleto.

— Agora escute: esse povo insano, que não vive, se não quando murmura: essa gente indigna, que quando não acha um acção, de que murmurar, inventa-a para com ella alimentar-se; esse povo, essa gente quando vê um mancebo solteiro frequentando a casa em que existe uma senhora, que não é casada, não pergunta o motivo de suas visitas, não indaga a origem das relações que existem, brada, insulta, calumnia!

— Que quer dizer, minha senhora?...

— Quero dizer, que desde as primeiras visitas, que do

senhor recebemos, graças, eu me ufano de o declarar a todos, graças a nossos reiterados convites, minha sobrinha e o senhor tem sido victimas da aleivosia.

— E' possível?!!

— Ousão dizer que Celina e o senhor se amão e se correspondem, e que meu pai e eu protegemos esse amor...

— Mas é uma infame calúnia!... exclamou Candido.

— E que importa ao mundo que murmura, que o senhor e nós todos juremos que isso é falso?... que a sua presença n'esta casa é devida sómente a nossas repetidas instigações?... que o seu comportamento aqui é nobre, é leal, é digno de um homem de educação?... o mundo continúa a murmurar, como de facto tem continuado... vai de boca em boca passando a calúnia, e os ultimos que a escutão, já a recebem como verdade.

— Ah! senhora!...

Marianna hesitou, córando de si mesma, — Ousão dizer até... porque era horrivel mentira, o que ia avançar; Candido pensou, que ella córava de vergonha d'isso que ousavão dizer, e fallou a custo.

— Diga tudo, minha senhora, nada se deve esconder áquelle, que vai ser condemnado.

— Ousão dizer, que o senhor se gaba de merecer o amor de Celina a seus proprios amigos...

— Gabar-me a meus amigos?... eu sou pobre, minha senhora, muito pobre para ter amigos. Essa accusação é tão miseravel, que eu me rebaixaria se a combatesse.

— Hoje mesmo, e dentro de nossa propria casa a calúnia achou pasto para alimentar-se; ainda ha pouco, quando o senhor cantava, houve quem visse muito fogo nos seus olhos, e uma declaração de amor no seu canto. No fim d'elle as amigas de minha sobrinha forão cercal-a, zombar d'ella, e dar-lhe ironicos parabens pela sua futura felicidade.

Candido sentia-se possuido de desespero e de vergonha; anciado, faltava a seus pulmões ar para respirar; enxugava com o lenço suor copioso, que em bagas lhe descia pelo rosto: seu coração estava comprimido por um peso enorme: arquejava.

A viuva proseguio:

— Minha infeliz sobrinha correu para mim desolada, e escondida comigo no fundo de meu quarto, chorou tanto, e tanto, que me fez dó, e obrigou a um passo, que me causa realmente muita afflicção.

— Ella chorou, senhora,?... perguntou Candido torcendo as mãos com violencia.

— Oh! sim! mas ella tinha razão; perdôe-lhe pois: ella pesou as consequencias d'esses boatos, e teve medo.

— E teve medo!... balbuciou automaticamente o mancebo.

— Porque, senhor, se esses boatos não forem desmentidos de algum modo muito positivo, qual será o resultado d'elles? uma barreira se levantará diante do futuro da pobre menina: nenhum homem de bem quererá pretender a mão, a posse da namorada de um outro, e, ou ella se casará com algum, que não tenha sentimentos elevados... ou ficará eternamente solteira... o que é na verdade uma desgraça, ou em fim, casar-se-ha com o senhor...

— Ou em fim... balbuciou outra vez Candido.

— Oh! mas eu tenho bastante conhecimento da generosidade de sua alma para acreditar que tudo isto lhe é tão doloroso, como a ella; eu vejo, que o senhor não se achando com forças, não podendo fazer a ventura de Celina...

A viuva hesitou outra vez.

— Não podendo... repetio surdamente o mancebo.

A viuva respirou, animou-se, e proseguio.

— Porque o senhor é pobre... não tem bastante para si... e Celina está habituada a commodos e prazeres, que em fim o senhor não a poderia fazer feliz... é pobre... e...

— Sou pobre... disse o mancebo com voz sombria e sacudindo a cabeça; é isso mesmo; eu sou pobre...

— E quando mesmo os senhores se amassem realmente, e o amor, operando um milagre, que não seria o primeiro, fizesse com que Celina se julgasse feliz partilhando as privações da sua pobreza; essa felicidade duraria dous ou trez mezes, talvez mesmo um anno; mas passada a força da paixão .. a realidade chegaria por sua vez, Celina choraria seus antigos prazeres, que o marido lhe não poderia dar em sua pobreza.

— A pobreza!!!

— E o senhor tambem se havia de arrepender de havê-la desposado; porque talvez que um homem rico e feliz, um homem que occupasse na sociedade uma posição, que se visse...

— Que se visse!...

— A quizesse por mulher; e então é consequente, e eu creio que o senhor pensará comigo, que uma mulher no seio da riqueza, gozando os regalos que ella facilita, brilhando pela posição de seu marido, é mil vezes mais feliz, é sem comparação mais ditosa, do que nos braços de um pobre, que não teria para dar-lhe senão lagrimas de amor no principio... e no fim impertinencias e dissabores de indifferença...

— Tem razão.

— Oh! não sou eu que a tenho, é minha sobrinha que a tem; minha sobrinha, que o estima; mas que não póde deixar de chorar a sua fama assim ultrajada por seu respeito... bem que o senhor não tenha para isso cooperado.

A viuva calou-se... Candido não podia dizer palavra; ambos porém soffrião muito: o mancebo tragava fel de

amargura, de vergonha, e de desespero, e Marianna sentia-se devorada por violentos remorsos.

Mas era escrava : tinha obedecido a seu senhor.

Estavão já em silencio ha alguns minutos, quando ouviu-se o toque da meia noite.

Marianna ergueu-se, e disse :

— Ah ! meu Deos ! que tempo estamos fóra da sala... hão de ter reparado em minha ausencia... voltemos, Sr. Candido.

O mancebo que se tinha deixado ficar sentado no banco de relva, respondeu com voz sombria :

— Não : eu fico.

A viuva retirou-se a passos vagarosos e com a cabeça baixa ; desapparecendo pela portinha, que deitava para o jardim, ella encostou-se á parede do corredor e desatou a chorar.

Quando Marianna acabava de sahir do jardim, surgio d'entre alguns arbustos um homem alto, e cuja cabeça alvejava de tão branca que era.

Chegou-se ao caramanchão, e dirigindo-se ao mancebo, disse :

— Aquella mulher, mentio.

— Não mentio ! exclamou Candido com violencia, não mentio ! é a verdade ! o mundo fallou em seus labios... tudo aquillo quer dizer — o homem pobre é um miseravel... o contacto do homem pobre mancha o rico... seu halito é pestifero... o seu aspecto hediondo... a pobreza é a morphéa !

E acabando de pronunciar essas palavras, sahio correndo pela portinha do jardim.

Ficou só o velho Rodrigues.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME